

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LARA STRESSER SCHMITT

Sequestro de meninas e Síndrome de Estocolmo: Cativoiro, trauma e tradução

Maringá
2013

LARA STRESSER SCHMITT

Sequestro e Síndrome de Estocolmo: Cativo, trauma e tradução.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Maringá
2013

LARA STRESSER SCHMITT

Sequestro e Síndrome de Estocolmo: Cativoiro, trauma e tradução.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Cassandra Pereira França
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Aprovada em: _____.

Local da defesa: Bloco 118, Campus da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

Schmitt, Lara Stresser
S355s Sequestro de meninas e Síndrome de Estocolmo:
cativeiro, trauma e tradução / Lara Stresser Schmitt. -- Maringá, 2013.
121 f.
Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2013.
1. Laplanche, Jean. 2. Teoria da sedução generalizada. 3. Síndrome de
Estocolmo. 4. Trauma psíquico. 5. Psicanálise. I. Mello Neto, Gustavo Adolfo Ramos,
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
Título.

CDD 21.ed. 616.8917

AGRADECIMENTOS

Ao final de um processo, é preciso olhar para trás e agradecer aos companheiros desta caminhada que, por ora, se encerra aqui.

Inicialmente agradeço aos meus pais, Sr. Valdemar Antonio Schmitt e Sra. Thelma Stresser Schmitt, pelo incentivo à leitura e à escrita desde pequena, por me transmitirem segurança em todos os meus projetos, por torcerem por minhas desejadas conquistas, e pelo orgulho sentido a cada uma delas. Agradeço também às minhas irmãs, Thais e Bruna, pela cumplicidade e apoio.

Aos professores Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, que, ainda na graduação, me apresentaram o universo da Psicanálise, sendo esta hoje não apenas uma escolha teórica, mas um modo de ver o mundo. Agradeço também por despertarem em mim, por meio das Iniciações Científicas realizadas, o interesse na pesquisa acadêmica. Obrigada por terem me iniciado, me guiado e me auxiliado na tarefa de fazer pesquisa em psicanálise.

Ao meu orientador e professor Gustavo, em especial, por ter aceitado me orientar mais uma vez, agora na pós-graduação. Obrigada pela generosidade na transmissão de seu vasto conhecimento, pela paciência, pelos questionamentos, e pela leitura e escuta atenta.

Agradeço à professora Viviana, mais uma vez, por sempre apontar a importância do rigor da escrita na vida acadêmica, pelas preciosas sugestões e recomendações ao longo destes anos de pesquisa.

À Universidade Estadual de Maringá que, ainda na graduação, por meio de seu competente corpo docente, despertou meu interesse pela docência, o que me fez retornar a esta Universidade, buscando formação para tal.

Aos colegas da turma do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UEM, turma 2011-2013, Edinei Suzuki e Geisi Mara Rodrigues, por compartilharem dúvidas, angústias, idéias, sugestões, expectativas, etc.

À Professora Dra. Cassandra Pereira França, por aceitar compor a banca de exame de qualificação deste trabalho, pelos importantes apontamentos nesta ocasião, e por aceitar compor a banca de defesa desta dissertação.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

À todos aqueles que, explícita ou implicitamente, me incentivam a caminhar e ir além...

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer).

Sequestro e Síndrome de Estocolmo: Cativo, trauma e tradução.

RESUMO

Tendo como base teórica a Teoria da Sedução Generalizada (TSG), que considera a primazia da alteridade na fundação do psiquismo – consequência do trânsito de mensagens enigmáticas que perpassam a relação adulto-criança, temos como objetivo nesta pesquisa o estudo das saídas encontradas pelo aparelho psíquico quando se depara com a ameaça de aniquilação. O relato de, em especial, duas meninas/mulheres que foram seqüestradas e mantidas em cárcere privado durante oito e dezoito anos, respectivamente, chamou nossa atenção, principalmente no que concerne a relação aparentemente positiva desenvolvida entre elas e seus algozes. Tal fenômeno, denominado pela Psiquiatria como “Síndrome de Estocolmo”, nos remete ao conceito psicanalítico de transferência. Buscando compreender o fato de a vítima não apenas se afeiçoar, mas não denunciar e em alguns casos até cooperar e proteger o agente da violência sofrida, e tomando a situação de cativo como reabertura da sedução originária devido à situação assimétrica e repleta de mensagens enigmáticas vistas aí, temos como hipótese da criação de uma neurose de transferência como possível elaboradora do traumático, sendo a libido um fator de ligação da pulsão desligada oriunda de uma situação visivelmente violenta, impedindo a eclosão de uma neurose traumática e permitindo a tradução da mensagem recebida.

Palavras-chave: Teoria da Sedução Generalizada. Neurose de transferência. Trauma. Psicanálise. Síndrome de Estocolmo.

Kidnapping and the Stockholm Syndrome: Private jail, trauma and traduction

ABSTRACT

Based on the General Theory of Seduction, which considers the primacy of alterity in the foundation of the psyche due to the transit of enigmatic messages between the adult-child relationship, the aim of this research is to study how the psyche reacts when faced with a threat of annihilation. Through reading the story of two girls/women who were kidnapped and kept in private jail for eight and eighteen, respectively, caught our attention to the positive relationship developed between them and their tormentors. This phenomenon, named by Psychiatry as the Stockholm Syndrome, leads us to the psychoanalytic concept of transference. Trying to understand the fact that the victim not only fond, but do not report and in some cases cooperate and even protect the agent of the violence suffered, we consider the situation of captivity as reissue of the originary seduction due to the asymmetric situation and the enigmatic messages observed there . Our hypothesis is that the creation of a transference neurosis transfer acts as a factor of elaborator, and the libido acts binding the drive off situation derived from a visibly violent event, preventing the outcome of a traumatic neurosis and allowing the translation of the received message.

Keywords: Generalized Theory of Seduction. Enigmatic message. Transference neurosis. Psychoanalysis. Stockolm Syndrome..

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<i>Breves considerações sobre a Síndrome de Estocolmo.....</i>	<i>11</i>
1. A LITERATURA DE TESTEMUNHO COMO OBJETO DA PSICANÁLISE ...	23
2. PSICANÁLISE E OS DOIS SENTIDOS DO TRAUMA.....	26
2.1. <i>Trauma estruturador.....</i>	<i>27</i>
2.2 <i>Trauma desestruturador.....</i>	<i>31</i>
3. A TRANSFERÊNCIA COMO FATOR DE ELABORAÇÃO DO TRAUMÁTICO.....	39
4. CATIVEIRO: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA POTENCIALMENTE TRAUMÁTICA.....	43
4.1. <i>Natascha Kampusch.....</i>	<i>43</i>
4.2 <i>Jaycee Lee Dugard.....</i>	<i>57</i>
5. A EXPERIÊNCIA DE ESTAR CATIVA.....	71
5.1 <i>Reabertura da sedução originária – Nível 0.....</i>	<i>73</i>
5.2 <i>A mensagem do algoz.....</i>	<i>76</i>
5.2 <i>Vivência do trauma e início da defesa: tradução precária – Nível I.....</i>	<i>78</i>
5.3 <i>A construção da neurose de transferência – Nível II.....</i>	<i>90</i>
5.4 <i>Defesa para além da situação provocadora – Nível II.....</i>	<i>97</i>
5.5 <i>Quando o enamoramento cede: os desfechos – Nível III.....</i>	<i>99</i>
5.5.1 <i>Natascha e o projeto de autonomia.....</i>	<i>99</i>
5.5.2 <i>Jaycee e o projeto de fusão.....</i>	<i>101</i>
6. O PERÍODO PÓS-CATIVEIRO E O QUE RESTA DO TRAUMA - Nível IV....	104
6.1 <i>O luto do cativo/seqüestrador.....</i>	<i>104</i>
6.2 <i>O retorno ao convívio comunitário.....</i>	<i>105</i>
6.3 <i>Pulsão Testemunhal.....</i>	<i>107</i>

6.4 <i>Après-Coup e a mensagem “cativeiro”</i>	109
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
8. REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

Tendo como embasamento teórico a Teoria da Sedução Generalizada (TSG), criada por Jean Laplanche, a temática proposta nesta dissertação diz respeito ao seqüestro e posterior confinamento da vítima em cativeiro, durante um período prolongado. Uma certa ocorrência deste crime, bem como sua visível violência, justificam os esforços acadêmicos para estudar os chamados *manmade disasters* (Bohleber, 2007), frutos da ação humana. Nosso interesse consiste em acompanhar como o psiquismo reage frente à ameaça de aniquilação que tais experiências imprimem no psiquismo, e como se dá o trabalho psíquico para uma possível elaboração da experiência.

Por meio da leitura atenta do relato de meninas/mulheres que foram mantidas em cárcere privado, chamou nossa atenção o tipo de relação que tais vítimas construíram com seus agressores na situação de privação em que estavam submetidas.

Este trabalho se insere no contexto de um estudo maior, coordenado pelos professores Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Viviana Carola Velasco Martinez, do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), por meio do “Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização” (LEPPSIC). Trata-se de uma pesquisa de tipo “guarda chuva”, com um tema geral que se divide em subtemas a serem pesquisados pelos integrantes do Laboratório, por meio de suas dissertações de Mestrado. A proposta é fazer um exame do discurso psicanalítico sobre o traumatismo atual, depois de Freud. Os subtemas aí criados seriam referentes a situações traumáticas atuais, nas suas mais diversas manifestações.

Tendo como tema geral o trauma, portanto, e sendo esta pesquisa um dos subtemas criados a partir da temática maior, inicialmente chamou-nos a atenção a aparente contradição observada em alguns casos noticiados pela mídia, sobre vítimas de seqüestros que, após algum tempo de confinamento e privação desenvolveram certa afeição aos seus algozes. Esta situação tem sido denominada pela psiquiatria e pela mídia em geral como Síndrome de Estocolmo (S.E.). Vale dizer que, apesar de a utilização desta expressão na literatura ser pouco utilizada, pois imprecisa - conforme veremos abaixo -, a aparente rendição total da vítima e o desenvolvimento de certa dependência em relação ao seqüestrador não é vista por nós, enquanto estudiosos da Psicanálise, com estranheza, pois esta relação com o outro apresenta evidente semelhança com a

transferência, o enamoramento e a hipnose estudados por Freud (1915/1986 e 1921/1986) , sendo, *grosso modo*, “perfeitamente normal e inteligível que a catexia libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, uma catexia que se acha pronta por antecipação, dirija-se também para a figura do médico .” (Freud, 1912/1986, p.34), figura esta deslocada para o algoz.

Breves considerações sobre a Síndrome de Estocolmo¹

A expressão “Síndrome de Estocolmo” foi cunhada pelo psiquiatra Nils Bejerot para denominar a reação das vítimas de um assalto ocorrido em 1973, em Estocolmo, Suécia. Durante seis dias, quatro funcionários do banco *Kreditbanken* ficaram sob a custódia de dois assaltantes, dentro de um cofre do banco, com explosivos presos ao corpo e sob ameaça de morte. O interessante é que, após os dias de confinamento e ameaças, as vítimas resistiram ao resgate, atribuindo a culpa da situação aos policiais e não aos seqüestradores. Mais curioso ainda foram suas manifestações no período pós-confinamento: “Enquanto o mundo todo estava condenando os captores, as vítimas, mesmo em liberdade, defendiam-nos.”² (Adler, 2010, p.227). As vítimas se negaram a depor contra os assaltantes, defenderam-nos no julgamento e, além disso, uma delas chegou a desenvolver um fundo para custear o processo judicial deles. Ora, isto chamou atenção da comunidade em geral, por não ser este o comportamento esperado de uma vítima em relação ao agente de uma violência sofrida. Frente a isso, especialistas de Saúde Mental foram convocados para fornecer alguma explicação possível para esta aparente contradição.

Guiados pela inquietude despertada por meio da leitura de artigos e de casos reportados pela mídia da ocorrência da referida síndrome, procuramos no meio científico as publicações sobre a “patologia” em questão. Sabendo da importância da qualidade da fundamentação teórica de uma pesquisa, tivemos a plataforma eletrônica de pesquisa da APA (*American Psychological Association*), *PsycInfo*, como nossa principal fonte bibliográfica, pois ela cataloga artigos

¹ Alguns textos utilizados ainda não estão disponíveis em língua portuguesa, tendo sido traduzidos livremente por nós. Devido ao fato de alguns autores utilizados fazerem uso de neologismos ao expressarem suas idéias, apresentaremos, em nota de rodapé, o trecho original das citações diretas que fizemos uso.

² “While the wider world was condemning their captors, the victims, even after they were freed from captivity, defended their captors.” (Adler, 2010, p.227).

produzidos no mundo todo, o que fez com que nosso estudo não se restringisse ao que foi produzido no Brasil ou em língua portuguesa. Entretanto, nos deparamos com um escasso número de publicações com a expressão “Síndrome de Estocolmo” e quando incluímos “Psicanálise” na busca, este número se reduziu a zero. O fato de não haver publicações, ao menos publicações indexadas na APA, além de conferir certa originalidade ao nosso trabalho, traz a curiosidade de saber por que isso ocorre, e, dependendo da importância que isso possa ter, indica sua justificativa no contexto científico.

Trazendo brevemente algumas informações obtidas junto aos artigos indexados, é interessante o que dizem Fabrique *et al.* (2007, p.11), professores e psicólogos do Departamento de Polícia dos Estados Unidos, que afirmam que a “Síndrome de Estocolmo” (S.E.), seria um fenômeno psicológico paradoxal, em que um vínculo positivo entre refém e captor ocorre, e que parece irracional frente à assustadora situação experimentada pela vítima, sendo, portanto, uma tentativa de sobrevivência do sujeito por meio da regressão do ego. Neste sentido, a vítima “deve chorar para obter alimento, permanecer em silêncio e ser dependente. O agressor, por sua vez, age como se fosse a mãe, protegendo a ‘criança’ do mundo ‘lá fora.’” (p. 13).³ Cantor e Price (2007), psiquiatras, vão um pouco mais além e sugerem que nestes casos ocorre a identificação da vítima ao agressor e a introjeção dos atributos deste, do mesmo modo que crianças se identificam com pais abusadores, por exemplo.⁴ Baseados num experimento de cativeiro simulado, estes autores concluíram que quanto menos os reféns vêem os terroristas como dominantes, e quanto mais os vêem como simpáticos, melhor o ajustamento do refém à situação isto é, maior a chance da ocorrência da “Síndrome de Estocolmo”. (Cantor e Price, 2007). Neste momento, nosso questionamento era: a quem se deve o fato de a vítima não apenas se afeiçoar, mas não denunciar e/ou até proteger e cooperar com seu agressor? O que explica o fato de um refém ter oportunidades para fugir, mas permanecer ali? Seria isto um dos efeitos da neurose traumática? E que efeitos seriam estes?

Ainda, com a leitura dos artigos obtidos neste primeiro levantamento - em sua maior parte não psicanalíticos, como já dito - descobrimos que não há um consenso para a definição

³ “the captive must cry for food, remain silent, and exist in extreme state of dependence. In contrast, the perpetrator serves as a mother figure protecting her ‘child’ from a threatening outside world.” (Fabrique *et al.*, 2007, p.13).

⁴ “Identificação ao agressor” é um conceito discutido por Sandor Ferenczi ao estudar as defesas da criança frente a um trauma exterior, e que será discutido brevemente no capítulo dedicado à Fundamentação Teórica desta pesquisa.

desta Síndrome, variando conforme o autor. Neste sentido, os psiquiatras Namnyak *et al.* (2008) analisaram a quantidade de pesquisa acadêmica e de publicações midiáticas sobre o fenômeno em questão. Baseados no que encontraram, concluíram que não há, ainda, critério diagnóstico validado para a S.E., mas observaram certa repetição de comportamentos em seus estudos: ameaças, isolamento, oportunidade de fuga e demonstração de simpatia pelo agressor no período pós-confinamento, isto é, quando a vítima já estava em liberdade.

É interessante destacar que a expressão é usada, na maior parte das vezes, pela imprensa em geral quando noticia histórias em que a vítima emite alguma declaração positiva sobre quem a seqüestrou, quem a agrediu, etc. Exemplo disso, no Brasil, foi o seqüestro da filha do empresário Sandor Abravanel – conhecido como Silvio Santos - , Patrícia Abravanel, em 2001. Na época a jovem contava com 26 anos, foi raptada na garagem de sua casa por assaltantes disfarçados de carteiros e permaneceu sob a custódia destes durante sete dias, após o pagamento de R\$500.000,00 de resgate. Em entrevista concedida a jornalistas após sua libertação, ela disse, por meio de um discurso fervorosamente religioso, que havia se compadecido dos seqüestradores. “Libertada após sete dias no cativo, ela defendeu publicamente os seqüestradores, dos quais disse que se compadecia. Despertou, assim, suspeitas de que sofria da Síndrome de Estocolmo – aquela em que a vítima acaba fascinada pelo algoz: "Nunca tive essa doença", diz Patrícia”⁵.

Para realizar esta pesquisa, nosso critério foi selecionar casos que, de alguma forma, chamaram atenção das pessoas devido, principalmente, à reação da vítima frente aquela situação. Fizemos uso da Internet para este levantamento, e devido à preponderância dos casos encontrados serem referentes ao universo feminino, delimitamos o campo da pesquisa para meninas/mulheres que foram mantidas em cativo e que, além disso, reportaram sua vivência em forma de livro, depoimento ou entrevistas, sendo este o material empírico de nossa pesquisa.

Acrescentamos ainda que nosso interesse pelo tema foi impulsionado pela leitura do livro *3096 Dias*, antes mesmo do levantamento bibliográfico de artigos científicos. Esta obra foi escrita pela austríaca Natascha Kampusch e ali ela conta os 3096 dias em que foi mantida cativa, dos dez aos dezoito anos de idade, idade em que fugiu. Este foi um caso bastante noticiado pela mídia no mundo todo, pois, além de ter sido um seqüestro longo (de 1998 a 2006), chamou atenção algumas declarações consideradas “positivas” feitas por ela sobre o seqüestrador, além do fato de

⁵ <http://vejasp.abril.com.br/materia/patricia-abravanel-menina-dos-olhos-do-silvio-santos>. Recuperado em 10, janeiro, 2013.

ter demorado a fugir, mesmo tendo tido oportunidades objetivas para isto. Este conjunto de fatores fez com que a Psiquiatria lhe atribuísse o diagnóstico de “Síndrome de Estocolmo”.

Além deste, outras histórias nos chamaram atenção. Apesar de não ter sido possível trabalhar minuciosamente com todas elas, nos serviram de inspiração para a pesquisa, e por isso trazemos brevemente cada uma delas aqui. Começemos por Natascha.

NATASCHA KAMPUSCH

Natascha Kampusch foi seqüestrada por Wolfgang Priklopil aos 10 anos de idade, no caminho para a escola, em Viena, Austria. Nos primeiros anos em cativeiro, a vida da vítima foi restrita ao cômodo subterrâneo; após alguns anos confinada, Natascha passou a viajar, passear, fazer compras e trabalhar com seu algoz. Ela afirma que, com o passar do tempo, não cogitava fugir, pois os muros da prisão psicológica eram maiores do que o do seu cativeiro. (Kampusch, 2010). Na visão da psiquiatria, este discurso é típico da “Síndrome de Estocolmo”, diagnóstico do qual Natascha se defende: “Aproximar-se do seqüestrador não é uma doença. Criar um casulo de normalidade no âmbito de um crime não é uma síndrome. É justamente o oposto. É uma estratégia de sobrevivência numa situação sem saída.” (Kampusch, 2010, p.141). Sua história inspirou o filme *De volta para casa*, cujo título original é *À moi seule*, dirigido por Frédéric Videau e lançado em 2012.

JAYCEE LEE DUGARD

A americana Jaycee Lee Dugard, hoje com 32 anos de idade, foi seqüestrada em 1991, aos 11 anos, pelo casal Philip e Nancy Garrido, também no caminho da escola. Já no primeiro dia em cativeiro foi abusada sexualmente por seu agressor, ato que se manteve regularmente ao longo dos dezoito anos confinada. A vítima teve duas filhas com Philip e, com o passar do tempo, era comum que saíssem de casa todos juntos: Jaycee, as filhas e o casal seqüestrador, aparentando comporem uma família como outra qualquer. Philip estava em regime de liberdade condicional devido a um estupro cometido em anos anteriores, e, por ter conseguido remissão da pena, devia se apresentar quinzenalmente à delegacia da cidade de São Francisco, EUA, para realização de entrevistas com os agentes da condicional. Em 2009, em uma destas visitas, a imagem de

aparente família perfeita desmoronou: Jaycee foi interrogada informalmente pelos policiais, aos quais disse que as duas crianças eram suas filhas, e que residia junto ao casal Garrido. De vítima, passou a ser suspeita, pois os agentes acharam que ela havia seqüestrado as crianças e fugido de algum lugar. Sem saber o que fazer, Jaycee pediu para ver Philip. “Olhei para ele e perguntei, na frente dos agentes, o que deveria fazer. (...). Eu não sabia o que fazer. Ele sempre tivera todas as respostas. Agora ele só me encarava com um olhar morto e dizia que eu precisava de um advogado.” (Dugard, 2010, p.238). Após isso, uma nova agente apareceu:

Ela perguntou o meu nome de novo e respondi que não podia dizer. Ela me disse que tudo acontece por um motivo e que tudo ia ficar bem. E foi embora. Fiquei sozinha de novo. Ela voltou algum tempo depois. Pareceu uma eternidade. Devo ter ido ao banheiro um milhão de vezes. Quando voltou, ela disse que o Philip tinha confessado. Com estas palavras: ‘Ele confessou que seqüestrou você há muitos anos. (p.239).

Depois de muito esforço e resistência, contou a ela seu nome. Dois anos após esta revelação e retorno ao convívio de sua família de origem, Jaycee publicou o livro intitulado *Uma vida roubada*, justificando sua escrita como algo que pode, eventualmente, ajudar outras pessoas, de maneira geral, no sentido de mostrar que, seja qual for a situação, há sempre saída.

INGRID BETTANCOURT

A colombiana Ingrid Betancourt, hoje com 51 anos, foi seqüestrada pelo grupo guerrilheiro denominado FARC's em 2002, ocasião em que era senadora e candidata à presidência da República da Colômbia. Permaneceu cativa na selva, juntamente com outros reféns, durante seis anos, tentou fugir diversas vezes neste período, até que, em julho de 2008, foi resgatada pelo Exército Colombiano. Interessa-nos neste caso o fato de a vítima estar em cativeiro com outras pessoas, não havendo apenas um agressor e/ou não sendo este o seu único contato humano, bem como o fato de a vítima ter conhecimento do motivo pelo qual fora seqüestrada. Enquanto alguns reféns tentavam se adaptar, sua obsessão era fugir, diz Ingrid.

O medo que eu devia superar era feito de preconceitos de todo tipo. A primeira tentativa de fuga fracassara porque tive medo de morrer de sede, já que me proibira de beber a água marrom das poças que se espalhavam pelo chão. Agora, fazia meses que me exercitava em

beber água barrenta do rio, para provar a mim mesma que sobreviveria aos parasitas que já deviam ter colonizado minha barriga. (Betancourt, 2010, p.232).

Em 2010 Ingrid Betancourt publicou *Não há silêncio que não termine*. Desde sua libertação não voltou a residir na Colômbia. Atualmente é cidadã francesa, residindo em Paris, França. Alguns jornalistas, em suas matérias publicadas, atribuem a ela o diagnóstico de Síndrome de Estocolmo por ela ter se solidarizado com alguns guerrilheiros jovens, que, segundo ela, faziam seus trabalhos por serem fieis à crença no ideal da guerrilha, gerando especulações de que teria até aderido à guerrilha. Todavia, o que Betancourt (2010) relata é que, a cada tentativa de fuga mal sucedida, procurava melhorar como ser humano, refletindo constantemente para não se tornar um animal, se esforçando em compreender os motivos das ações de cada um, mesmo daqueles que lhes faziam mal. Segundo ela, “não houve Síndrome de Estocolmo, mas sim uma necessidade de criar laços de confiança com a guerrilha para obter uma vida mais fácil.”⁶

PATRÍCIA HEARST

Este caso não é tão recente como os acima mencionados, mas talvez seja o mais conhecido e publicado ao longo dos anos, e por isso também foi selecionado para nossa discussão. Em 1974, aos 20 anos, a norte-americana Patrícia Hearst foi seqüestrada do apartamento em que residia com seu noivo, pelo assim chamado Exército Simbionês de Libertação (ESL). Já de início o seqüestro chamou atenção da mídia, visto que se tratava da filha de Randolph Hearst, milionário empresário americano. Cinco dias após o acontecimento, o ESL entrou em contato com a família, exigindo a doação de dois milhões de dólares em alimentos aos pobres americanos, em troca da libertação da herdeira da família, pois, segundo eles, esta família havia enriquecido por meio da exploração dos norte-americanos. Algumas semanas depois, a família recebeu uma gravação, com a seguinte declaração de Patrícia:

Eu gostaria de começar esta declaração informando o público que fui eu quem escreveu o que vou dizer. É como eu me sinto. Não fui forçada a escrever nada em fita alguma. Também não sofri lavagem cerebral, não fui drogada, torturada, hipnotizada ou deixada, de alguma forma, em estado de confusão... A mim foi dada a chance de (1) ser libertada numa

⁶ <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI185011-15228,00.html>. Recuperado em 10, Fevereiro, 2013.

área segura, ou (2) integrar as forças do Exército Simbionês de Libertação e lutar pela minha liberdade e pela liberdade das pessoas oprimidas. Eu escolhi ficar e lutar. Recebi o nome Tânia após uma camarada ter falecido com Che na Bolívia. Eu acolhi o nome com determinação para continuar lutando com seu espírito.⁷ (Ewing & McCann, 2006, p.32).

Ela foi presa dezenove meses depois, em 1975, durante um dos diversos assaltos a bancos realizados junto aos seus seqüestradores. O enigma era: como, em questão de meses, Patrícia Hearst, que anteriormente gozava de uma influente e bem sucedida vida, passou de uma cidadã comum, sem envolvimento políticos, para uma das criminosas mais procuradas da América do Norte? (Ewing e McCann, 2006).

Em julgamento, Patrícia e seus advogados defenderam a tese da ocorrência de lavagem cerebral, visto que nos primeiros dias cativas foi mantida num pequeno quarto, onde sofreu ameaças, foi estuprada, privada de sono, luz e de alimentação adequada. As diversas avaliações psiquiátricas e psicológicas realizadas atestaram que ela sofreu “de neurose traumática, com elementos dissociativos, devido à poderosa e coercitiva manipulação de seus captores.” (Ewing e McCann, 2006, p.35). Todavia, ela foi condenada a sete anos de prisão mas permaneceu presa por apenas vinte e um meses. Sua pena foi comutada pelo então presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter e posteriormente, em 2010, recebeu indulto da pena pelo presidente americano Bill Clinton.⁸ Em 1988 foi lançado o filme *O seqüestro de Patty Hearst*, dirigido por Paul Schrader.

ELIZABETH FRITLZ

Referente a este caso, não tivemos acesso à narração da experiência pelas palavras da vítima, pois não publicou livros, por exemplo, e seus depoimentos não foram liberados pela polícia austríaca. Desta forma, as informações que temos sobre a alemã Elizabeth Fritzl, hoje com 47 anos, estão restritas ao que foi publicado pela imprensa: Em 1984, aos 18 anos, Elizabeth foi confinada pelo pai, Joseph Fritzl, num quarto subterrâneo de sua residência, na cidade de

⁷ I would like to Begin this statement by informing the public that I wrote what I AM about to say. It’s what I feel. I have never been forced to say anything on any tape. Not have I been brainwashed, drugged, tortured, hypnotized or in any way confused.. I have been given the choice of (1) being released in a safe area, or (2) joining the forced of the Symbionese Liberation Army and fighting for my freedom and the freedom of all oppressed people. I have chosen to stay and fight... I have been given the name Tania after a comrade who fought alongside Che in Bolivia. I embrace the name with the determination to continue fighting with her spirit. (Ewing & McCann, 2006, p.32).

⁸ Fonte: <http://veja.abril.com.br/070201/datas.html>. Recuperado em 02, Fevereiro, 2013.

Amstetten, Áustria e forçada a escrever uma carta para sua mãe, na qual dizia que havia fugido e não desejava voltar ao convívio familiar.

Ela permaneceu neste local durante 24 anos e ali engravidou sete vezes de seu pai. Um dos bebês faleceu logo após o nascimento e teve o corpo incinerado pelo pai/avô; três foram criados por Elizabeth no porão da residência, sem nunca terem visto a luz do sol e outros três foram “adotados” pelo pai/avô e pela avó e criados no andar superior da casa. A avó das crianças, mãe de Elizabeth, informou que não sabia que sua filha e outros netos estavam sendo mantidos reféns no porão de sua casa ao longo destes anos; em entrevistas, declarou que teria encontrado as crianças na porta de sua casa, acompanhadas de cartas escritas pela filha, nas quais esta informava que estava longe, não possuía condições de criar os filhos e esperava poder contar com a ajuda materna.

O cativoiro foi encontrado em consequência da condição de saúde de uma das filhas cativas de Elizabeth, na época com 19 anos que demandou intervenção médica e a presença dos pais para fornecer informações sobre a jovem hospitalizada. Joseph Fritzl se viu forçado a libertar Elizabeth para prestar informações e, conseqüentemente os outros filhos cativos, e foi preso sob suspeita de incesto e seqüestro. Na delegacia, confessou todos os crimes cometidos. Foi condenado à prisão perpetua pelos crimes de incesto, estupro, cárcere privado e homicídio.

Apesar de todos os casos acima expostos terem sido lidos e despertado questionamentos sobre as peculiaridades de estar cativo e sobre a relação desenvolvida entre vítima e agressor, devido ao tempo disponível para realização desta dissertação de Mestrado tivemos que optar por trabalhar com um número menor de casos, como dissemos.

Sendo assim, restringimos nossa escolha à Natascha Kampusch e Jaycee Lee Dugard. A história destas duas jovens, de certa forma, se aproxima em alguns pontos - a idade em que foram seqüestradas, o histórico familiar, a violência sofrida e o tipo da relação desenvolvida com o seqüestrador - e nos fizeram elaborar uma hipótese inicial de trabalho, a saber: nem todo evento teoricamente traumático ocasiona um quadro de neurose traumática. Nos referidos seqüestros, supomos que as peculiaridades da situação, juntamente com a história anterior das vítimas, propiciou o desenvolvimento de neurose de transferência e esta, por sua vez, agiu como uma das saídas frente ao excesso.

É importante dizer que não é intenção desta pesquisa oferecer uma explicação universal e/ou até mesmo definitiva a respeito da vivência em cativeiro. Apesar de os livros utilizados se referirem a um mesmo tipo de experiência, nosso interesse primordial é refletir, por meio da leitura de narrativas, acerca das maneiras com que Jaycee e Natascha lidaram com a violência sofrida; quais mecanismos de defesa foram utilizados, os sintomas decorrentes, se houve um trabalho psíquico no sentido de elaboração do traumático, dentre outros. Além disso, atentamos em especial para os elementos que a situação em si ofereceu às vítimas para proporcionar – ou não – a tradução da mensagem violentamente implantada, e para o tipo de relação construída pela vítima com o agente da agressão – pois na situação de cativeiro são privadas de contato exterior, e temos a impressão de que a transferência tenha desempenhado um papel fundamental na sobrevivência não apenas física, mas psíquica destas meninas/mulheres aqui citadas, e, talvez, de tantas outras, evitando uma neurose traumática ou mesmo uma fragmentação ou *breakdown* psíquico.

Levando tudo isto em consideração, propomos que nem toda mensagem violentamente implantada permanece não metabolizada; é possível uma tradução da mensagem recebida neste tipo de evento, mesmo que precária, e isto vai depender da história individual do traumatizado e da relação que o mesmo constrói com a situação atual. Deste modo, consideramos que o sujeito responde ao trauma atual a partir de situações prévias, suposição esta que tem relação direta com a transferência, nos dando base para apresentar nossa hipótese seguinte, a de que a criação de uma psicose em cativeiro pode ser uma forma de elaboração do trauma atual.

O primeiro capítulo desta pesquisa é dedicado à Literatura de Testemunho, a qual tem como foco a narrativa escrita por um sobrevivente de um acontecimento teoricamente traumático. Nesta pesquisa, nosso material empírico é o relato da vivência em cativeiro das vítimas Natascha Kampusch e Jaycee Lee Dugard e seus livros *3096 dias* e *Uma vida roubada*, respectivamente.

No segundo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica por nós utilizada. Discorreremos sobre os dois sentidos do trauma em psicanálise, o estruturante, fundador do psiquismo, e o desestruturante, aquele que, devido ao seu excesso, efraciona a psiquê. Como ponto de partida, retomaremos brevemente algumas idéias freudianas sobre o assunto, para depois apresentarmos ao leitor as principais contribuições da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), criada por Jean Laplanche e eleita como referência nesta pesquisa. Temos a idéia de que o confinamento é uma situação que coloca o sujeito em ligação direta com a sedução originária,

havendo aí forte possibilidade de reedição da Situação Antropológica Fundamental, isto é, do encontro sedutor e traumático entre adulto e criança, o qual está nas origens do psiquismo.

Outros autores que também se dedicaram à temática do trauma, como Sandor Férenczi, também serão brevemente apresentados, bem como autores atuais, em particular a psiquiatra americana Judith Hermann e o psicanalista francês Jacques Roisin. O livro *Trauma e recuperação: como superar as conseqüências da violência*⁹, de Hermann (1997) versa sobre seu trabalho clínico com vítimas de violência sexual e doméstica. Nele a autora discorre sobre o espectro da adaptação humana aos acontecimentos traumáticos e propõe algumas tarefas fundamentais para uma possível recuperação do traumatizado, a saber: resgatar o senso de segurança, reconstruir a história do trauma e restaurar a conexão entre o sobrevivente e sua comunidade. Roisin (2010), por sua vez, em *Da sobrevivência à vida: Ensaio sobre o trauma psíquico e sua cura*¹⁰ aborda situações clínicas com pacientes violentados, vítimas de agressões, estupro, incesto, dentre outros, e delinea o trabalho de *sobrevivência* graças ao qual o psiquismo mobiliza defesas ativas, contra tais experiências de aniquilação.

Apresentamos também considerações teóricas sobre o fenômeno da transferência, por meio dos textos técnicos de Freud, a idéia de projeto transferencial criada por Mello Neto (2012b) e de psicologia de grupo e a submissão a um líder, discorrida por Freud (1921/1986) em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*.

Nos capítulos subseqüentes apresentamos um resumo dos livros selecionados – *3096 dias*, de Natascha Kampusch e *Uma vida roubada*, de Jaycee Lee Dugard - e tomamo-los como se fossem discursos de nossos pacientes. Rapidamente, é importante dizer que, neste primeiro momento, mantivemos os termos usados pelos próprios autores e vítimas para se referirem tanto ao agressor quanto a quem sofre esta agressão. Tais termos variam bastante: refém, vítima, agressor, seqüestrador, captor, algoz, abusador, etc.

Em seguida propomos uma primeira interpretação comum aos dois casos, referentes aos primeiros anos em cativeiro, para depois esmiuçar as particularidades de cada vivência, principalmente no que tange aos anos finais de cativeiro, bem como o desfecho deste e o período de liberdade.

⁹ Título original: *Trauma y recuperación: Como superar las consecuencias de la violencia*.

¹⁰ Título original: *De la survivance à vie: Ensaio sobre o trauma psíquico e sua cura*.

Apesar de termos a Teoria da Sedução Generalizada e sua idéia do trânsito de mensagem enigmática perpassando toda forma de comunicação humana como foco principal de análise, consideramos conveniente utilizar, como ponto de partida, os quatro níveis de análise da situação propostos por Mello Neto e Martinez (2012), pois trata-se de um esquema que engloba desde o momento de ruptura da rotina habitual da vítima, passando pela vivência potencialmente traumática da situação e os sintomas daí decorrentes, e, por fim, leva em conta os modos que o psiquismo encontrou para lidar com tal evento. Os autores chamam de nível pelo fato de que não necessariamente há uma seqüência temporal entre eles, de forma que, por exemplo, o nível do sintoma organizado e o da elaboração/tradução podem ser contemporâneos. Ademais, a utilização do esquema acima se justifica também pelo fato de esta pesquisa ser parte de um estudo maior, como já foi dito, no qual os integrantes do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise e Civilização (UEM/PPI), a partir da temática do trauma, devem criar subprojetos a serem desenvolvidos em forma de dissertação.

Nível 0 – nível da situação traumática;

Nível I – nível da vivência do trauma;

Nível II – nível do sintoma organizado; e

Nível III – nível da elaboração/tradução.

O elemento comum à condição de cativo é o nível 0, pois se trata de uma situação exterior. Os níveis I, II e III – da vivência, da construção do sintoma e da elaboração, respectivamente – são os que variam, e os que mais nos interessam, pois se referem à reação e à saída da vítima frente a uma situação potencialmente traumática. Como representar o trauma? Que movimento se dá na tentativa de traduzir a mensagem? Aliás, esta mensagem visivelmente violenta é passível de tradução, ou está fadada a permanecer como um corpo estranho interno, sem integrar-se ao conjunto de representações do traumatizado?

Guiados pelos questionamentos acima, após a seleção, leitura e análise do material empírico, é hora de levar a cabo o objetivo da pesquisa, isto é, reunir idéias, refletir, discorrer sobre nossas hipóteses iniciais e, quem sabe, propor desdobramentos para pesquisas futuras a partir de conclusões obtidas neste estudo. Green (1994) afirma que a escrita é sempre de revelação, revelação que implica na retirada da defesa, do véu. “A trama, e não somente a do

texto tecido, mas, também aquela teia de aranha do inconsciente se tece e se retece sem cessar. A teoria é o meio de desmanchar sua estratégia. Mais precisamente de opor a ela uma outra estratégia.” (p.158).

1. A LITERATURA DE TESTEMUNHO COMO OBJETO DA PSICANÁLISE

Este trabalho pode ser inserido no grupo de pesquisas a que se chamou de “Psicanálise Extra-Muros”, ou “Psicanálise Aplicada”, expressões que dizem respeito à pesquisa realizada fora da clínica, sem um paciente “em carne e osso”. Não se trata, como se sabe, de algo novo; o pioneiro foi o próprio Freud, que ampliou sua criação para estudar fenômenos culturais, sociais, religiosos, artísticos, etc. Obras como *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1986), *O Caso Schreber: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* (1911/1986), *Totem e Tabu* (1913/1986), *Moisés de Michelângelo* (1914/1986) e *Dostoiévsky e o parricídio* (1928/1986) são exemplos de como a psicanálise traz contribuições para além da relação analítica paciente/analista.

A Psicanálise “Extra-Muros”, no entanto, sofre críticas, principalmente no que concerne à transferência. Nós concordamos com Green (1994) quando ele afirma que a transferência não deixa de estar presente quando se analisa um livro, por exemplo, sendo possível ao pesquisador identificar as marcas dos conteúdos latentes na obra, que estão, digamos, escondidos, pois organizados pelo processo secundário e defendidos pelos efeitos da censura. Perceber estes conteúdos latentes, diz o autor, é obra da atenção flutuante do pesquisador, e resquícios mesmo de seu próprio inconsciente: “A interpretação do texto passa a ser a interpretação que o analista deve fornecer sobre o texto, mas, na verdade, trata-se da sua própria interpretação quanto aos efeitos do texto sobre seu inconsciente.” (p.18). Desta forma, não há como o pesquisador se abster de qualquer envolvimento ou efeito que o material possa lhe provocar; se leio um texto, estou necessariamente implicado nisso, e ter passado pela experiência da psicanálise é fundamental para o desenvolvimento de tal relação com as palavras aí escritas, de desvendamento do seu inconsciente. (Green, 1994).

Ao trabalharmos com narrativas que testemunham alguma vivência, estamos, pois, necessariamente envolvidos nisto, enquanto leitores e possíveis intérpretes, visto que, tanto a clínica quanto a narrativa envolvem transposições e deslocamentos dos mesmos processos psíquicos fundamentais, lembrando que “ler um texto significa traduzir um conjunto sistemático de caracteres que nada representam por si próprios.” (Green, 1994, p.22). Terrazas (1988) concorda que a transferência não se restringe ao processo analítico, pois existem outras formas de comunicação que envolvem também uma “relação de trabalho elaborativo e tradutivo frente ao

enigma do outro, uma relação de trabalho presente na cura (*sic*), mas também no trabalho de leitura da obra de representação (seja esta literária, pictórica, teatral, cinematográfica, etc.), assim como no trabalho da obra teórica.” (p.11); tal trabalho seria a decodificação do conteúdo manifesto para se tentar chegar ao conteúdo latente.

Quanto ao tipo de literatura utilizado aqui, a de testemunho, isto é, escrever após a vivência de uma situação trágica, trata-se de um campo relativamente novo. Um dos mais célebres autores neste campo é Primo Levi, químico italiano que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz e tentou, por meio da narrativa, elaborar o trauma vivido. *É isto um homem* (1947), *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (1977) são algumas de suas obras memorialísticas mais reconhecidas, e trazem minuciosos relatos do que foi testemunhado e sentido em relação a isso.

Para Levi (1988) citado em Seligmann-Silva (2008), o sobrevivente de uma situação extrema tem o testemunho como uma atividade elementar, a ponto de competir com outras necessidades básicas. Sua obra *Relato sobre Auschwitz*, aliás, tem como prefácio o seguinte trecho, de Georges Perec:

Falar, escrever, é, para o deportado que retorna, uma necessidade tão imediata e tao forte quanto sua necessidade de cálcio, de açúcar, de sol, de carne, de silêncio. Não é verdade que ele pode se calar e esquecer. É preciso que, primeiramente, ele se lembre. É preciso que ele explique, que ele conte, que ele domine este mundo o qual ele fora a vítima.¹¹ (Perec citado em Levi, 2005, p.15).

Ainda, testemunhar é envolver o outro, o retorno ao meio do qual o sujeito fora retirado outrora. “A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com ‘os outros’, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade (*sic*), de romper com os muros do *Lager*.” (Selligman-Silva, 2008, p.66). Esse religamento denota, segundo o autor, o desejo de renascer, sendo este o sentido primário da narrativa do trauma: propiciar o retorno efetivo ao meio do qual o sujeito fora retirado.

¹¹ “Parler, écrire, est, pour le déporté qui revient, un besoin aussi immediate et aussi fort que son besoin de calcium, de sucre, de soleil, de viande, de silence. Il n’est pas vrai qu’il peut se taire et oublier. Il faut d’abord qu’il se souvienne. Il faut qu’il explique, qu’il raconte, qu’il domine ce monde don’t il fut la victime.

Seligman-Silva (2008) vai mais além e aproxima o testemunho com o ato psicanalítico, como se aquele fosse uma metáfora para a relação do paciente diante do analista. Sophia Richmann (2006), psicanalista radicada em Nova Iorque, Estados Unidos, também faz parte do grupo de sobreviventes do Holocausto e ilustra esta idéia muito bem ao discorrer sobre o momento em que autobiografava, nos remetendo à regra de ouro da psicanálise, aliás. Diz ela:

Uma das coisas mais interessantes para mim foi a ausência de qualquer sensor crítico interno. O censor que me inibia sempre que eu estava para falar pareceu totalmente ausente durante o processo de escrita. O outro internalizado (o leitor projetado) era uma presença amorfa sem características distintivas, mas aparentava ser um observador interessado, uma testemunha, alguém que queria me conhecer mais e minha vida. ¹² (p.645).

Deste modo, assim como nos interessamos pela história de nosso paciente em análise e o modo em que a conta, nos interessa esta “necessidade” dos sobreviventes em exporem o que vivenciaram, fazendo esta exposição tal qual o paciente no divã: com um discurso cheio de lapsos, esquecimentos, emoções, censuras, deformações, etc.

¹² “One of the most interesting things for me was the absence of an internal critical censor. The censor Who inhibits me whenever I’m about to speak seemed totally absent during the writing process. The internalized other (the projected reader) was an amorphous presence without distinguishing characteristics, but seemed to be an interested observer, a witness, someone who wanted to know more about me and my life.” (p.645).

2. PSICANÁLISE E OS DOIS SENTIDOS DO TRAUMA

Como dissemos na Introdução desta pesquisa, nosso tema geral é a situação de catividade e nosso interesse maior nesta circunstância é a de discorrer sobre a saída encontrada pelas vítimas frente ao excesso recebido. Considerando a idade de Natascha Kampusch e Jaycee Lee Dugard quando foram raptadas, seus históricos infantis e as condições em que foram mantidas cativas, nossa atenção se voltou à relação de afeição que notamos ter sido construída entre as vítimas e seus respectivos agressores. Esta afeição é um fenômeno que inevitavelmente nos lembra a transferência e esta, por sua vez, nos remete à sedução.

Neste sentido, a generalização da sedução para todo encontro entre dois humanos, proposta pela Teoria da Sedução Generalizada (TSG), criada por Jean Laplanche, vem ao encontro de nosso interesse. A TSG é uma proposta relativamente nova; nela Laplanche reformula certos conceitos freudianos, e também apresenta alguns novos. As principais formulações desta teoria são, a nosso ver, a consideração da alteridade na gênese do sujeito psíquico, e a de “mensagem enigmática”, que perpassa toda forma de comunicação humana e está sujeita a distintas possibilidades de significação, de acordo com o sujeito que a recebe. Esta teoria tem guiado nossa linha de pesquisa no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, linha 3: Psicanálise e Civilização, e é de nosso interesse partilhar do desenvolvimento da mesma, bem como questionar e fazer uso de seus conceitos, no sentido de contribuir para o avanço da teoria psicanalítica.

Em psicanálise, sabemos que existem dois sentidos para o trauma: o trauma estruturador e o trauma desestruturador. Enquanto o primeiro está na gênese do sujeito psíquico, por meio do recalçamento originário, o segundo desorganiza o psiquismo já constituído, conseqüência do excesso de excitação com que se depara. Todavia, vale ressaltar que esta diferenciação entre os dois tipos de trauma tem um limite, visto que podemos considerar que todo trauma é, aparentemente, desorganizador; o trauma fundante, por exemplo, só terá um efeito organizador quando o psiquismo puder elaborá-lo, isto é, neutralizar seu efeito desorganizador. Nesse sentido podemos falar até em “trauma cotidiano”.

Vejamos isso um pouco mais a fundo.

2.1 Trauma estruturador

O trauma é um dos pilares da psicanálise, sobre o qual, aliás, Freud se apoiou para começar a explicar certas patologias, em especial a histeria. Todavia, sabemos que a partir de 1897 o interesse pelo trauma ocorrido na realidade aos poucos perdeu espaço para a noção de realidade psíquica, idéia esta ilustrada na famosa *Carta 69*, na qual Freud confia a Fliess que não acredita mais veracidade do relato de suas pacientes histéricas e na sedução como fator etiológico da neurose, tendo anteriormente supervalorizado o trauma daí oriundo. Com isto ocorre, como é bem sabido, o abandono, por parte de Freud, de sua primeira teoria da sedução, que atribuía à sedução ocorrida na realidade o caráter de evitável, patológica e traumática para a criança.

Laplanche (2003) aponta que faltava a Freud, no momento do abandono da teoria da sedução, elementos como o de perversão polimorfa e de sexualidade generalizada, que aparecerão alguns anos mais tarde, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A TSG, deste modo, não apenas resgata a sedução freudiana, mas a reformula. Sob seu ponto de vista, não há como negar a existência da ocorrência de abuso sexual, porém a sedução adulto-criança não é, via de regra, patológica; pelo contrário, é necessária, pois por meio dela o psiquismo do infante é fundado.

Nesta sedução estaria a origem do inconsciente, tendo a alteridade papel fundamental neste processo, pois o encontro inaugural da criança com o adulto e a inevitável sedução aí advinda é que criaria o sujeito psíquico. Este encontro é chamado de Situação Antropológica Fundamental (SAF):

Esta situação é a relação adulto-criancinha, *adulto-infans*. Adulto que possui um inconsciente tal qual a psicanálise o descobriu, um inconsciente sexual, essencialmente feito de resíduos infantis, um inconsciente perverso, no sentido dos *Três Ensaios*. E criança que não tem ativadores hormonais da sexualidade e que, no início, não tem fantasmas sexuais. (Laplanche, 2003, p.404).

Tal encontro, então, é marcado pela passividade da criança, pois nele o adulto, por meio do cuidado, emite à criança mensagens não verbais, verbais e comportamentais, que carregam significantes sexuais inconscientes. (Laplanche, 1992b). Todavia, ao mesmo tempo em que seduzem, estes significantes traumatizam, pois não são transparentes, não envolvem apenas o

cuidado; são opacos e veiculam um enigma, tanto para o adulto quanto para a criança. Vale dizer que enquanto o caráter enigmático para o adulto é devido ao fato de se ver às voltas com algo em si que lhe é estranho – seu inconsciente, que inevitavelmente entra em cena neste encontro, para a criança o enigma se deve à sua insuficiência de códigos para decifrá-lo. Isto significa que a mãe não apenas cuida do bebê, no plano do apego ou auto-conservativo; há algo além disso. O cuidado

encontra-se rapidamente ‘comprometido’, quer dizer, infiltrado por elementos sexuais vindos da parte do adulto. É isso que desencadeia um processo, primeiro no adulto e, em seguida, na criança, a qual, em suma, se acha desorientada por mensagens que não compreende mais como compreendia, porquanto eram simplesmente mensagens de amor e de apego. (Laplanche, 2007a, p. 11).

Está aí o enigma, que é oriundo não apenas destas mensagens em abstrato, mas também da excitação excessiva que elas provocam.

Além do trânsito de mensagens enigmáticas, outra característica da fundação do inconsciente para a TSG, é que ela ocorre em dois tempos. No primeiro deles a criança é passiva, apenas recebe e não consegue decifrar os significantes transmitidos pelo adulto – este já “possuidor” de um inconsciente sexual. É o momento da implantação. O segundo tempo diz respeito à ação dos significantes enigmáticos como um verdadeiro corpo estranho interno, que, por não conseguirem se integrar ao tecido psíquico, demandam tradução, exigindo, portanto, uma atividade por parte da criança para decifrá-la (Laplanche, 2003).

Entretanto, a conclusão da tarefa de tradução é sempre imperfeita, o enigma nunca é totalmente decifrado, e inevitavelmente deixa restos. “Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil, para não dizer impossível, que necessariamente deixa para traz restos inconscientes, (...), a que chamamos ‘objetos-fontes’ da pulsão.” (Laplanche, 1992b, p.135-136). Com estes restos oriundos da tradução está feito o recalçamento originário e a fundação do inconsciente, recalçado, marcado pelo sexual. Este primeiro movimento tradutivo, além de fundar o inconsciente sexual, origina a pulsão, sendo a pulsão de

tradução a primeira delas, o que nos torna eternos tradutores, destradutores e retradutores das mensagens outrora recebida.”¹³

Com este pequeno resumo introdutório à TSG, vemos que, ao falar de sedução originária é imprescindível considerar o encontro criança – adulto e o papel da alteridade na fundação do inconsciente. Com a noção do excesso a que o infante é exposto neste encontro, vemos que este momento é traumático, pois a criança precisa dar conta de algo que está além de suas capacidades, ou seja, um excesso, de intensidade profundamente desorganizadora e disruptiva. Para Laplanche (1992a), a intensidade do trauma seria a medida da diferença entre o que é simbolizável e o que não é nas mensagens enigmáticas recebidas. Isso nos remete aos dois tipos de mensagem: por intromissão ou implantação;

A **implantação** é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao seu lado, como sua variante violenta, é preciso dar lugar à **intromissão**. Enquanto a implantação permite ao indivíduo uma resposta ativa, com sua dupla face tradutivo-recalcadora, é preciso tentar conceber um processo que faz obstáculo a essa resposta, curto-circuita as diferenciações das instâncias em via de formação, e coloca no interior um elemento rebelde a toda metabolização. (Laplanche, 1992a, p.358, grifos nossos).¹⁴

Nesta pesquisa, focaremos nossa discussão em torno do receptor da mensagem enigmática e não do emissor; quanto a ele, sabemos que, teoricamente, as emite já comprometidas pelo seu inconsciente sexual.¹⁵ O que mais nos interessa é o outro lado: O que faz a criança ao receber a mensagem? Inicialmente elas são apenas inscritas, não compreendidas. Num segundo tempo, passam a agir como um corpo estranho interno e demandam tradução. Aqui se observa uma

¹³ E aí temos uma dúvida: Não será a pulsão, sempre pulsão de tradução? Isto porque, nas palavras de Laplanche (1992a, p.239), a pulsão é definida como o “impacto sobre o indivíduo e sobre o ego da estimulação constante exercida, do interior, pelas representações coisas recalçadas, que podemos designar como objetos-fonte da pulsão.” Trecho original: “Elle est l’impact sur l’individu et sur le moi de la stimulation constante exercée, de l’intérieur, par les représentations-choses refoûlées, qu’on peut designer comme objets-sources de la pulsion.” (Laplanche, 1992a, p.239).

¹⁴ “L’implantation est un procès commun, quotidien, normal ou névrotique. A cote de lui, comme sa variante violente, il faut faire place à l’intromission. Alors que l’implantation permet à l’individu une reprise active, avec sa double face traductive-refoulante, il faut tenter de concevoir un processus qui fait obstacle à cette reprise, court-circuite les différenciations des instances em voie de formation et met à l’intérieur um élément rebelle à toute métabole.” (Laplanche, 1992a, p.358).

¹⁵ Quanto a isso, como dissemos, Laplanche (1992a) critica o texto “Confusão de Línguas Entre o Adulto e a Criança”, de Ferenczi (1933) pois este não leva em consideração que a diferença essencial não está entre o adulto e a criança, e sim no adulto mesmo, enquanto possuidor de um inconsciente. “Mas como Ferenczi, que tanto insistiu na *criança existente em cada adulto*, como ele pôde neste momento reduzir o adulto... ao adulto?” (p.269).

mudança de posição: de passiva, a criança passa a ser ativa, para tentar dar conta deste enigma que a interroga. Se a mensagem foi implantada, por meio da tentativa de tradução, e conseqüente fracasso parcial deste movimento, é fundado o nível pré-consciente, “que corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, representa sua história.” (Laplanche, 2003, p. 407).

O que descrevemos acima se refere ao processo neurótico, “normal” do desenvolvimento, que desemboca no recalçamento, isto é, a cisão e a possibilidade de historização. No entanto, quando a mensagem é intrometida – variante violenta do processo de implantação – entra em destaque o que Laplanche (2003) recentemente chamou de “inconsciente encravado”, cuja característica principal é o fracasso radical em traduzir e a impossibilidade de historização - pois não há fundação do nível pré-consciente.

Neste inconsciente, dito encravado, a mensagem permanece do modo como foi recebida, ficando à espera de tradução, que pode, ou não, ocorrer. É o inconsciente típico do funcionamento psicótico, mas presente também no neurótico¹⁶: “O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de purgatório das mensagens que esperam.” (Laplanche, 2003, p.410). Deste modo, a comunicação se daria assim: inicialmente a mensagem recebida está sob domínio do inconsciente encravado, à espera de tradução, isto é, à espera de se tornar psíquica. A tentativa de tradução pode ter um fracasso parcial ou um fracasso radical. No primeiro caso, os objetos-fonte oriundos deste fracasso vão compor o inconsciente sexual, recalçado, tipicamente freudiano. No entanto, se o fracasso é radical, a mensagem permanece no inconsciente encravado, estagnada, num funcionamento não neurótico do psiquismo.

Existiria, então, não somente na criança, mas em todo ser humano, uma espécie de estoque de mensagens não-traduzidas: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução. Tradução que só pode ser provocada por uma reatualização, por uma reativação. O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de ‘purgatório’ das mensagens que esperam. (Laplanche, 2003, p.410).

16 Laplanche (2003) em “Três acepções da palavra inconsciente” e Dejours (2001), em “La tercera topica” generalizam a todos os seres humanos a coexistência de mecanismos psicóticos e mecanismos neuróticos, independentemente de sua estrutura psíquica. “Entre as duas partes, o limite é flutuante, de um indivíduo a outro, e, segundo os momentos da vida, num mesmo indivíduo.” (Laplanche, 2003, p.410).

É importante ressaltar que a TSG concorda e enriquece a idéia freudiana de clivagem do ego, ampliando não apenas para as patologias, mas para os seres humanos em geral a coexistência do mecanismo neurótico e psicótico (não neurótico) de funcionamento da mente, cujo limite não é fixo, variando conforme as circunstâncias em que o sujeito está exposto.

O psiquismo de todo ser humano compreenderia, então, duas partes, ignorantes uma da outra, mas não sem passagens de uma a outra. Entre as duas partes, o limite é flutuante. (...). Além disso, este limite pode ser atravessado, por exemplo, quando se engaja um novo processo de tradução. (Laplanche, 2003, p.410).

Ainda, a TSG aponta que o sujeito não é deixado sozinho com a tarefa de traduzir todas as mensagens que recebe; ele possui, no seu meio cultural, ajudantes à tradução, como os esquemas narrativos mito simbólicos. “Os grandes esquemas narrativos transmitidos e depois modificados pela cultura vêm ajudar o pequeno sujeito humano a tratar, isto é, a ligar e simbolizar, ou ainda, a traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que lhe vêm do adulto.” (Laplanche, 2003, pp.415-416).

2.2 Trauma Desestruturador

Antes de discorrer sobre o trauma desestruturador, nos parece útil introduzir brevemente o trauma na visão de Sándor Ferenczi, grande estudioso sobre o assunto. Em 1933 ele publicou *Confusão de línguas entre adultos e a criança*, um de seus textos mais importantes, e neste resalta a importância que a psicanálise deve dar a casos em que houve um trauma real na história do sujeito, isto é, às situações explicitamente sexuais ocorridas adultos e crianças.

A ideia de Ferenczi (1933/1992, p.130) neste texto é que o trauma seria decorrente do que ele chama de confusão de línguas, que ocorre quando os adultos “confundem os jogos das crianças com os desejos de uma pessoa já sexualmente madura, e deixam-se envolver em atos sem pensar nas conseqüências.” Está aí a confusão, pois o cuidador não reconhece a assimetria criança - adulto, isto é, a diferença entre a linguagem da ternura (da criança) e a linguagem da paixão (do adulto). Nesta situação, visivelmente violenta, o ego da criança, incapaz de operar uma mudança aloplástica, isto é, ambiental, faz uma alteração autoplástica, uma busca de solução adaptativa interna que, para Ferenczi (1933/1992) é a identificação ao agressor. Neste caso, a

criança fica à mercê do adulto e interioriza a culpa deste na forma de um superego destruidor; além disso, o agressor desaparece enquanto realidade exterior e a criança consegue manter o estado de ternura anterior. Isto porque "O que é intrapsíquico fica submetido (...) ao processo primário; isso quer dizer que o intrapsíquico pode ser modelado e transformado de modo alucinatório, positivo ou negativo, de acordo com o princípio de prazer." (p.102).

Laplanche (1992b) considera a idéia ferenciana uma espécie de prefácio à Teoria da Sedução Generalizada, pois coloca em discussão o confronto entre o mundo da criança e o mundo do adulto. No entanto, para Laplanche (1992b), ao enunciar a "confusão de línguas", Ferenczi falha em não levar em consideração que a linguagem do adulto só é traumatizante porque veicula um sentido por ele mesmo ignorado, isto é, seu inconsciente, fato este, aliás, que até mesmo Freud ignorou. Trata-se então de uma inadequação não apenas de linguagens, da criança ao adulto, mas do adulto ao objeto-fonte que age nele mesmo; é como se tal confusão já se iniciasse no adulto, pela presença de conteúdos inconscientes, enigmáticos para ele próprio.

Vamos ao trauma atual, produtor de patologia. Segundo a TSG, o processo de *implantação*, como vimos, é, a seu modo, traumático, porém necessário. Traumático porque expõe o infante a um excesso vindo do outro, e necessário porque o recebimento destas mensagens enigmáticas vai ocasionar a fundação de seu psiquismo. Já o processo de *intromissão*, por sua vez, nos remete ao trauma, aquele nos moldes do que Freud (1920/1986) discorre em *Além do Princípio do Prazer*, pois o excesso se mantém e, aparentemente, não há tradução possível.

Neste texto, Freud (1920/1986) propõe um modelo biológico para pensar o psiquismo e fala-nos de uma vesícula indiferenciada e passível de estimulação, para explicar o funcionamento do aparelho psíquico: Em resposta ao impacto dos estímulos externos que lhe atacam, teria ocorrido a morte da superfície da vesícula e a formação de uma "crosta", responsável pela defesa da mesma. Sendo assim, devido a este mecanismo defensivo, apenas um fragmento da intensidade da energia oriunda do exterior conseguiria entrar na vesícula. Com esta idéia, Freud (1920/1986) põe em destaque o fator econômico, sendo "traumático" tudo o que vem do exterior com força suficiente para atravessar o escudo protetor e invadir a vesícula.

Diante de certa experiência, "sendo inevitável a inundação do aparelho anímico por grandes massas de excitação, será necessário o trabalho de dominá-las, isto é, de ligar psiquicamente as quantidades de excitação invasoras, para conduzi-las, depois, a sua tramitação."

(Freud, 1920/1986, p.40). Como vincular psiquicamente o trauma, para depois ser possível liquidá-lo? Esta vinculação consiste na mudança de um estado de fluxo livre da energia, para um estado quiescente, e, de início, “uma anticatexia em grande escala é estabelecida, em cujo benefício todos os outros sistemas psíquicos são empobrecidos, de modo que as funções psíquicas remanescentes são grandemente paralisadas ou reduzidas.” (Freud, 1929/1986, p.40). Vê-se que, diante da efração e da não integração do acontecido, o psiquismo regride para uma forma mais arcaica de funcionamento, como forma de defesa contra a aniquilação, isto é, recorre a tudo o que pode para sobreviver.

A obra ferencziana também se dedica ao trauma externo e desencadeador de patologia, sem desconsiderar a realidade psíquica. Retomando mais uma vez o texto “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, para Ferenczi (1934) citado em Mendes & França (2012, p.125), uma das conseqüências desta confusão é a clivagem psíquica, que “está diretamente relacionada com a tentativa de encobrir a percepção traumática e com manifestações de desorientação psíquica.”. O autor vai além e descreve dois destinos da clivagem: a identificação com o agressor e a progressão traumática, conceitos estes que são retomados em diversos de outros textos de sua autoria.

Em *Reflexões sobre o trauma* (1934/1994), diz ele:

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência. Mas esse medo, quando atinge seu ponto de vista culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor. (Ferenczi, 1934, p.117 citado em Mendes & França, 2012, p.126).

Vale lembrar ainda que uma das grandes contribuições ferenczianas, a nosso ver, é a idéia de que o sofrimento da criança abusada não advém apenas do abuso, mas também da reação dos adultos frente à situação por ela relatada: denegação. Em termos da TSG, podemos pensar que o adulto e/ou o meio, ao invés de exercer seu papel de auxiliar de tradução, age como possível potencializador do trauma.

É sabido que o trauma desestruturador continua tendo grande importância nas discussões atuais, principalmente no que se refere a violências e barbáries pelas quais o sujeito

eventualmente está exposto, acontecimentos estes frutos da natureza ou da ação do homem, os famosos *man made disasters* (Bohleber, 2007). Nestes casos, sabemos que a vítima se depara com o perigo real da morte, se dando conta da finitude da vida humana, sendo este tipo de evento extremamente efractante para ela, no qual a integração ao seu conjunto de representações resta, por vezes, impossível, e podendo gerar uma psicopatologia como a neurose traumática – mas não necessariamente.

Trazendo estas idéias para a TSG, o trauma atual, como vimos, pela sua dimensão econômica, não consegue se vincular ao conjunto de representações do inconsciente sexual e permanece como um elemento isolado, no inconsciente encravado, à espera de tradução. Como afirma Cardoso (2011, p.75) “a violência do traumático concerne à impossibilidade de historização”; assim, a situação traumática impede que a mesma seja integrada ao psiquismo do sujeito, ficando aquém do recalçamento. Aqui surge uma questão: a mensagem intrometida, variante violenta da implantação, nunca será traduzida? Permanecerá sempre como um elemento isolado, não elaborado? Há tradução possível de uma situação traumática, ou esta mensagem está fadada a permanecer não metabolizada? Ainda, será que toda situação extrema, em termos de violência, privação, etc., resulta em patologia? Existem outras saídas, que não a neurose traumática? Veremos.

Jacques Roisin (2010) não é laplancheano, mas discorre sobre traumatismos estruturantes e traumatismos desestruturantes em *Da sobrevivência à vida*. Sobre os traumas estruturantes, diz ele:

- são de origem interna;
- são necessários;
- são estruturantes e;
- não excedem a capacidade do infante.

Já os traumas desestruturantes, também chamados de traumas de paz/guerra, por sua vez:

- são de origem externa;
- são acidentais;
- são desestruturantes, aniquiladores e;

- excedem a capacidade habitual do sujeito, exigindo um trabalho psíquico para o qual ele não está preparado.

Vejamos que estas idéias vão de encontro ao ponto de vista da TSG, que postula que o trauma estruturante, aquele da fundação do psiquismo, é traumático, pois excede a capacidade do infante, e necessário, pois este excesso é condição para a fundação de seu inconsciente. Este movimento, no entanto, não o desestrutura – até porque ainda não está nem estruturado - mas lhe impulsiona à tradução.

A tese principal da obra de Roisin (2010), continuemos com ele, é investigar como a vida psíquica recebe uma experiência destrutiva, como ela sofre isto e como se defende disto, até que seja possível a elaboração. Para ele, o trauma, como todas as experiências psíquicas, é uma questão de “sujeito”; trata-se de uma resposta humana a algo que se coloca à ele, e é justamente o que nos interessa nesta pesquisa: a resposta dada por estas meninas/mulheres ao acontecimento externo. Tendo atendido clinicamente sujeitos traumatizados por variados tipos de acontecimento, o autor destaca ainda a necessidade de se diferenciar a reação traumática subsequente a um evento violento e a instalação de um trauma organizado, isto é, a neurose traumática propriamente dita. Entre estes dois momentos ele propõe a existência de um tempo cuja intenção é tentar integrar a experiência efractante.

Ao se questionar sobre qual pode ser o futuro de uma experiência violenta, Roisin (2010) sugere que isto depende do trabalho feito durante o período de latência acima comentado e propõe ainda três tempos lógicos presentes na passagem da reação traumática à instalação do trauma: 1- Experiência; 2- Tentativa de elaboração e 3- Sobrevivência.

Este autor destaca ainda a idéia de que é preciso evitar que o traumatizado se mantenha neste “modo de sobrevivência” e retorne a viver, pois “*viver sem vida é equivalente a viver na morte.*”¹⁷ (Roisin, 2010, p. 136), isto é, o fato de apenas sobreviver biologicamente, a uma experiência traumática não significa que se está vivendo. Neste sentido, existiriam alguns processos chamados por ele de restauradores, e que talvez possam ser considerados tradutores, os quais permitem ao sujeito um novo posicionamento frente ao que foi vivenciado, como: o reconhecimento simbólico, a subjetivação da aniquilação – que, a nosso ver, seria a integração

¹⁷ “(...) *vivre sans vie* est un équivalent de *vivre dans la mort.*” (Roisin, 2010, p.136).

psíquica da experiência - o reinvestimento do desejo de viver e a restauração do sentimento de pertencimento à comunidade humana.

O processo restaurador/tradutor de sentimento de pertencimento nos parece primordial ao estudar o tipo de trauma que analisaremos aqui, isto é, situações provocadas por um humano, vitimando outro humano. Neste sentido, vale citar Hermann (1997), que diferencia o trauma oriundo de uma situação de catástrofe natural daquele fruto da ação direta do homem, sendo este segundo muito mais devastador do que o primeiro; este é também o pensamento do próprio Roisin (2010) ao diferenciar o *acidentado* do *violentado*. “Como nomear e comentar a dimensão do traumatismo psíquico próprio ao agredido naquilo que ele difere do acidentado?” (p.174).¹⁸ O autor prossegue, considerando que o objeto vital destruído numa situação de violência é a humanidade.

Desta forma, adiantamos aqui que consideramos que o que potencializa o traumatismo não é o perigo da morte em si; catástrofes naturais, por exemplo, também podem ocasionar um trauma, mas o fato de este perigo ser provocado por um semelhante, pois no agredido há “a redução à nada da dignidade do ser humano, de seu valor de humanidade que, juntamente à vida, constituem o objeto de investimento mais precioso dos homens.” (Roisin, 2010, p.186).¹⁹

Assim, o trauma fruto da ação do homem é mais avassalador do que o provocado pela natureza. Podemos pensar que quando se trata de catástrofe natural, o fato de atribuir a autoria do acontecido a uma vontade divina, a Deus ou à “Mãe Natureza”, por exemplo, torna o trabalho de tradução do enigma, talvez, menos árduo do que quando é provocado pelo homem. Laplanche (1999, p.213), referindo-se ao famoso adágio *homo homini lúpus* do qual Freud se utiliza para discorrer sobre a crueldade humana, afirma que no lobo real vê-se pouco de destrutividade e sadismo algum; não há prazer em fazer o outro sofrer; trata-se de uma agressividade natural, autoconservadora, animal. “Não, o lobo não é para o homem, nem para outras espécies, um ‘lobo’, no sentido do monstro hediondo de Hobbes.” Para ele, o homem é para o homem um verdadeiro *Lupus*, e isto é visto em seu comportamento cruel, sádico e destruidor existente apenas pelo prazer de destruir, numa explícita sexualidade perversa polimorfa. Com isso, vemos que em

¹⁸ “Comment nommer et commenter la dimension du traumatisme psychique propre à l’agressé en ce qu’elle diffère de celle de l’accidenté?” (Roisin, 2010, p.174).

¹⁹ “La réduction à néant de la dignité de l’être humain, de sa valeur d’humanité qui, liée à la vie, constitue l’objet d’investissement le plus précieux des hommes.” (Roisin, 2010, p.186).

situações de seqüestro, abuso, agressões físicas, dentre outros, a sexualidade infantil atua, com todo seu polimorfismo, ao bel prazer do agressor.

Outra autora cujas idéias consideramos úteis para esta pesquisa – apesar de também não ser laplancheana, e nem mesmo estudiosa da Psicanálise – é a psiquiatra Judith Hermann (1997), que publicou *Trauma e recuperação: como superar as conseqüências da violência*. Dentre outros temas, a autora discorre sobre as duas fases da vivência do trauma: a primeira, que ela chama de terror – momento em que o sujeito se vê indefeso perante um outro – e a segunda, quando ocorre a desconexão, conseqüência do terror. A desconexão, diz ela, é um fenômeno que pode ocorrer tanto a nível individual, quanto coletivo, alterando a relação do traumatizado com o meio no qual está inserido: “Os acontecimentos traumáticos têm efeitos não apenas sobre as estruturas psicológicas do ego, mas também sobre os sistemas de vinculação e significado que unem o indivíduo com a comunidade.” (p.91). Quando ela se refere à desconexão como algo passível de ocorrer tanto a nível individual quanto coletivo, lembramos de *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, texto no qual Freud (1921/1986, p.97) cita diversas vezes Le Bon ao discorrer sobre os efeitos da coletividade no sujeito: “os dotes particulares dos indivíduos se apagam e, dessa maneira, sua distintividade se desvanece e o inconsciente racial emergiu, e o que é heterogêneo submerge no que é homogêneo, e as funções inconscientes que são semelhantes em todos ficam expostas à vista.” Esta idéia, aliás, nos parece ser uma via de interpretação possível para o episódio do *Kreditbanken*, por exemplo, que originou o nome da patologia Síndrome de Estocolmo, bem como a luta por um ideal influenciada pelo grupo, no caso de Patrícia Hearst.

Ainda no livro de Hermann (1997), há um capítulo dedicado a eventos no qual o trauma é prolongado e repetido, como a situação de cativo. Discorrendo sobre a catividade doméstica, a autora adverte que esta possui barreiras invisíveis, porém poderosas. “As crianças se tornam cativas graças à sua condição de dependência. As mulheres, por sua subordinação econômica, social, psicológica e legal, assim como pela força física.” (Hermann, 1997, p.127). No cativo, o perpetrador se torna a pessoa mais poderosa na vida da vítima, diz ela, e esta acaba sendo moldada pelas crenças e ações daquele, o que resulta numa característica notável deste tipo de experiência, que é a aparente normalidade da situação. Além disso, os métodos de dominação usados são surpreendentemente uniformes: “Os testemunhos de reféns, prisioneiros políticos e sobreviventes de campos de concentração de todos os cantos do planeta são assustadoramente parecidos.” (Hermann, 1997, p.130).

Devido ao fato de o perpetrador ser o responsável não só pela violência, mas por se tornar também indispensável à sobrevivência da vítima, a relação aí desenvolvida tem um tónus especial, que talvez propicie a aproximação e até identificação entre ambos, influenciada também pela privação em que o sujeito se encontra e suas peculiaridades. Como ponto de partida, propomos que o confinamento, objeto de nossa pesquisa, seja uma possível reabertura da sedução originária, isto é, da Situação Antropológica Fundamental, devido não apenas ao trânsito de mensagens, mas também pela situação assimétrica e enigmática vista aí.

Em acréscimo a isso, não podemos desconsiderar o fato de que o trauma atual aqui estudado remete à intromissão da mensagem, com caráter violento, o que nos interroga, mais uma vez: se a mensagem intrometida é considerada não metabolizável (Laplanche, 2003), ser mantido em cativeiro levará o sujeito, necessariamente, à não tradução da mensagem recebida e ao desenvolvimento de uma neurose traumática? Qual o papel da atividade do sujeito no sentido da resolução do trauma, mesmo quando numa situação extrema como esta?

Apesar de sabermos que o trauma atual ultrapassa em diversos níveis o trauma originário – principalmente por não se tratar de um momento da fundação do psiquismo – consideramos útil nos questionar sobre qual a relação existente entre eles, tomando esta aproximação com a SAF apenas como uma primeira abordagem do problema que pretendemos estudar, a saber, a possível tradução de uma mensagem recebida violentamente.

3. A TRANSFERÊNCIA COMO FATOR DE ELABORAÇÃO DO TRAUMÁTICO

Sabemos que, na ocorrência de um trauma atual, o sujeito se vê invadido pelo excesso do outro, excesso este desligado, o qual o psiquismo tentará ligar a qualquer custo; como se qualquer coisa fosse menos prejudicial do que deixar esta energia em seu estado livre. Temos a impressão que a transferência pode atuar como um fator de ligação da energia desligada, sendo o seu advento uma das saídas frente ao desequilíbrio potencialmente devastador diante de uma experiência efractante.

Que são transferências? São as novas edições, ou fac-simílies, dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; [...] substituem uma figura anterior pela figura do médico [...] é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas à pessoa do médico no momento presente. (Freud, 1905/1986, p.113).

Apresentaremos aqui brevemente a síntese dos textos freudianos que se dedicam à técnica psicanalítica, para dar subsídios à nossa hipótese de que a transferência pode atuar como fator de tradução da mensagem enigmática.

Em *A dinâmica da transferência*, Freud (1912/1986) tece algumas considerações sobre o surgimento desta no decorrer do tratamento psicanalítico. Segundo ele, existe certo clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente reimpresso no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a elas acessíveis permitem, e que decerto não é inteiramente incapaz de mudar, frente a experiências recentes. Isto se dá porque nem todos os impulsos que determinam o curso da vida erótica teriam passado pelo completo desenvolvimento psíquico, de modo que parte dos impulsos se desenvolveu satisfatoriamente e por isso faz parte da consciência, enquanto a outra parte, retida, permanece inconsciente e se manifesta por meio da fantasia. Com esta suposição, Freud (1912/1986, p.113) aponta que, frente à insatisfação ocasionada pela realidade, o sujeito repete experiências anteriores: “Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra com idéias libidinais antecipadas.” No tratamento psicanalítico, a transferência aí estabelecida se deve tanto às idéias antecipadas conscientes quanto aquelas inconscientes, e o grande desafio é como usá-la a favor

do paciente, visto que em análise a libido deste regride, fazendo-o reviver imagos infantis. “A libido à disposição da personalidade do indivíduo esteve sempre sob influência da atração de seus complexos inconscientes, e entrou num curso regressivo devido ao fato de a atração da realidade haver diminuído.” (Freud, 1912/1986, p.114).

Em *O início do tratamento*, Freud (1913/1986) recomenda que o médico apresente sua primeira comunicação/interpretação ao paciente, quando a transferência entre eles já estiver estabelecida, sugerindo, pois, que um dos primeiros objetivos da análise seria criar este vínculo entre paciente e médico, cabendo a este o devido manejo da situação. No ano posterior, Freud (1914/1986) publica *Recordar, Repetir e Elaborar* e aponta a relação existente entre compulsão à repetição, transferência e resistência.

A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção. Trata-se de um fragmento de experiência real, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis, e que é de natureza provisória. (Freud, 1914/1986, p.170).

Vemos uma exposição sobre as formas pelas quais a transferência pode se manifestar, em *Observações sobre o amor transferencial* (Freud, 1915/1986, p.218), sendo a transferência positiva, em sua vertente erótica, assim definida:

Em primeiro lugar, é provocado pela situação analítica; em segundo, é grandemente intensificado pela resistência, que domina a situação; e, em terceiro, falta-lhe um alto grau de consideração pela realidade, é menos sensato, menos interessado nas conseqüências e mais ego em sua avaliação da pessoa amada do que estamos preparados para admitir no caso do amor normal.

Para o paciente que se vê às voltas com este amor, existem três saídas: ou ele abandona o tratamento; ou assume a condição de enamoramento por seu analista; ou usa a transferência em proveito da terapêutica, sendo esta a saída mais indicada. Aqui o médico deve manter em mente de que é seu papel tratar este amor transferencial como algo irreal e, por meio dele guiar o paciente no sentido de “remontar às suas origens inconscientes e que pode ajudar a trazer tudo que se acha muito profundamente oculto na vida erótica do paciente para sua consciência e, portanto, para debaixo do seu controle.” (Freud, 1915/1986, p.183).

Em *Transferência: sua provocação*²⁰, Laplanche (1992a) apresenta uma relação entre a análise e a situação originária, colocando o enigma do outro como dimensão fundamental da transferência existente nestas duas situações. Ainda neste artigo, ele propõe três funções do analista: analista como garantidor da constância; analista como piloto do método e acompanhador do processo primário e analista como guardião do enigma e provocador da transferência. É esta terceira dimensão que mais nos interessa, pois nos faz pensar no algoz como uma figura deslocada tanto do analista quanto do adulto sedutor, e é curioso como pode haver transferência entre vítima e algoz. Quais elementos propiciam sua ocorrência?

Além da transferência, há um texto de Freud que nos faz pensar na Síndrome de Estocolmo, como se a cativa estivesse num estado de hipnose, de que Freud discorre em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Ainda neste texto, Freud (1921/1986) apresenta duas hipóteses sobre a psicologia dos grupos: a de que Eros atua como fator de ligação, mantendo a união; e a de que, por meio da sugestão, surge entre os membros do grupo, a necessidade de estarem em harmonia, por consideração ao grupo.

A identificação é considerada por Freud (1921/1986, p.115) a mais primitiva e original expressão de laço libidinal com outra pessoa, e comporta-se como um derivado da fase oral, “em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal.” Neste texto é apontada também a diferença entre a identificação e o que Freud (1921/1986, p.123) chama de “fascinação” ou “servidão”: “No primeiro caso, o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, ‘introjetou’ o objeto em si próprio, como Ferenczi (1909) o expressa. No segundo caso, empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto.”

O estado de servidão está próximo do estado hipnótico, e aqui Freud (1921/1986 (p.132) lança algumas problemáticas:

A maneira pela qual a hipnose é produzida e sua relação com o sono não são claras e o modo enigmático pelo qual algumas pessoas lhe estão sujeitas, enquanto outras lhe resistem completamente, indica algum fator desconhecido nela compreendido que, sozinho, talvez torne possível a pureza das atitudes da libido que ela apresenta. É de notar que, mesmo existindo uma completa submissão sugestiva sob outros aspectos, a consciência moral da pessoa hipnotizada pode apresentar resistência. Porém, é possível que isso se atribua ao fato

²⁰ Título original: *Du Transfert: Sa provocation.*

de que na hipnose, tal como é habitualmente praticada, pode ser mantido um certo conhecimento de que o que está acontecendo seja apenas um jogo, uma reprodução inverídica de outra situação muito mais importante para a vida.

Mello Neto (2012b), a partir de sua experiência clínica, tem notado que alguns sujeitos procuram análise com alguma espécie de projeto; projeto este, inicialmente, não muito claro nem para o analista e nem para o próprio paciente. O autor nos oferece o exemplo de um(a) paciente que opta por mudar de analista, do sexo oposto ao anterior. Ora, por mais que o paciente não consiga explicar o motivo desta escolha, parte deste projeto é consciente: sabe ao menos o sexo do analista que deseja. Todavia, ainda restam conteúdos a decifrar neste projeto manifesto, e não há como o analista não se implicar nisto.

Ela, a situação analítica resultaria, então, de algo muito complexo, difícil de discernir, em que representações conscientes e inconscientes se mesclariam produzindo algo semelhante a um projeto, um projeto transferencial. Esse projeto, pois, teria que se manter durante toda a análise e, ao mesmo tempo, ser interpretado; no entanto, creio que ele só será conhecido inteiramente no *après-coup*. (s/p).

Acrescenta-se que, inevitavelmente o analista entra no projeto transferencial do paciente, porém a maneira como fará parte é variável, e o resultado disto, imprevisível, tanto para um, quanto para outro.

E é aí que começa a provação... dos dois, isto é, o problema de como manter-se aí sem se perder inteiramente e poder sair em algum momento. Alguém tem que fazer algo, digamos. Uma interpretação, um assinalamento ou, mesmo, uma simples exclamação pode ser esse algo num certo momento e fazer algo aí diz respeito a poder traduzir esta experiência, traduzir, sobretudo, em palavras...(s/p).

4. CATIVEIRO: RELATOS DA VIVÊNCIA DE UMA SITUAÇÃO POTENCIALMENTE TRAUMÁTICA

Neste capítulo apresentamos ao leitor dados gerais sobre o seqüestro e confinamento de Natascha Kampusch e Jaycee Lee Dugard, e, num segundo momento, fazemos alguns apontamentos e possíveis interpretações baseados nos dados colhidos por meio da leitura de *3096 dias* e *Uma vida roubada*. As informações aqui apresentadas foram obtidas por meio da leitura dos referidos livros, que foram tomados como o discurso de nossas pacientes, todavia depoimentos, trechos de entrevistas e matérias publicadas pela imprensa também nos ajudaram a ampliar nosso olhar sobre cada vivência. As histórias serão contadas de forma linear.

4.1 NATASCHA KAMPUSCH

3096 Dias

Natascha Kampusch é a terceira filha de sua mãe e fruto de seu segundo casamento. Foi uma gravidez inesperada, que mudou a dinâmica familiar, pois as irmãs de Natascha já eram adultas quando esta nasceu. Sua mãe era costureira, muito dedicada ao trabalho. Natascha descreve-a como uma mulher impaciente e explosiva, que batia na filha quando estava sobrecarregada ou quando esta fazia alguma coisa errada. Era comum, após dar-lhe um tapa na cara, dizer: “Assim pelo menos você vai saber por que está chorando.” Era uma mulher que não se permitia nenhum tipo de fraqueza, não demonstrava suas emoções, incomodava-se com demonstrações excessivas de afeto e também não tolerava isso na filha. O pai, por sua vez, era o oposto: carinhoso, afetivo e brincalhão. Trabalhava como padeiro, mas não era afeito ao trabalho e passava a maior parte das noites em bares e festas, o que levou seu casamento à ruína. Era comum que Natascha acompanhasse o pai, tanto na entrega de pães durante o dia quanto em seus passeios noturnos. Nestas ocasiões, a criança era o centro das atenções; todavia, lhe incomodava a exibição excessiva que seu pai fazia dela: “Ele era um homem jovial, que apreciava grandes entradas, e a filha pequena em roupinhas impecáveis era um acessório perfeito.” (p.19). Sobre os passeios em bares e festas, ela diz:

Esses passeios tinham reviravoltas constantes: em um momento, eu era o centro das atenções, era apresentada com orgulho e recebia um doce; no seguinte, mal prestavam atenção em mim, e eu podia até ser atropelada por um carro sem ninguém perceber. Essa oscilação entre atenção e negligência em um mundo de relações superficiais acabava com minha autoconfiança. (p.19-20).

A família morava na periferia vienense, num conjunto habitacional cuja maioria dos moradores eram imigrantes e trabalhadores humildes. Natascha não tinha muito contato com as crianças vizinhas, pois a mãe não permitia que ela fizesse amizade com filhos de suburbanos. Segundo ela, não era parte daquele mundo; quando saía para brincar se sentia uma intrusa, e por isso até preferia ficar só, sonhando acordada, imaginando seu futuro.

Uma das figuras de referência de Natascha na primeira infância era a avó paterna, que dirigia a padaria da família, juntamente com seu pai. A neta a descreve como uma mulher de modos rústicos, que se dedicava às flores e à culinária e a considerava o “epítome de um lar.” (p.16). Frequentemente passava a noite na casa da avó, onde era mimada e acarinhada, sendo com esta com quem a criança aprendeu a dar espaço para os sentimentos, o que era proibido junto de seu pai e sua mãe. Ao crescer, Natacha passou a se entediar com as tardes em companhia da avó, e gradualmente se afastaram. “Embora nossa relação, como costuma ocorrer com avós e netos, fosse limitada, em virtude do horário da escola pública, ela sempre foi meu norte, pois me dava uma sensação de segurança e proteção que eu não tinha em casa.” (p.17).

Com o gradual divórcio dos pais, aos seis anos, Natascha viu sua vida mudar. Se antes era, de certa forma, mimada e protegida pelos pais, agora não tinha mais atenção deles, pois estes passavam a maior parte do tempo discutindo. Durante uma destas discussões, a mãe saiu de casa sem se despedir do marido e da filha, retornando apenas vários dias depois, o que levou Natascha a se sentir inútil e não digna de atenção e preocupação de sua família.

Neste período começou a urinar na cama todas as noites e a apanhar da mãe quando isto acontecia. Posteriormente urinava nas calças durante o dia também, sendo ridicularizada pelos colegas da escola recém iniciada e sendo proibida de beber água pelas professoras. “As crianças riam de mim, e as professoras simplesmente as incentivavam e, outras vezes, me ridicularizavam diante do grupo. Pensavam que a zombaria podia me levar a controlar melhor a bexiga. Mas a humilhação piorou o problema.” (p.23). Ao relatar seus problemas escolares para a mãe, esta lhe dizia que ela já era grande o suficiente para resolver seus desafetos sozinha. Isto tudo, segundo

seu relato, aumentou sua insegurança, que já era sentida anteriormente, por ter mudado a rotina familiar com sua chegada ao mundo.

Ainda sobre o divórcio dos pais, Natascha relata que a mãe não demonstrava seu abalo emocional frente à desestruturação familiar, e exigia que a filha fizesse o mesmo. A partir disso, esta passou a direcionar à mãe uma grande hostilidade: “Mais de uma vez eu a odiei a tal ponto que resolvi sair do apartamento. Embrulhei algumas coisas em minha bolsa de ginástica e me despedi. Mas ela sabia que eu não iria muito além da porta e comentou, disfarçando: ‘Ok, se cuida!’” (p.24).

Em meados de 1997, seqüestros, assassinatos e abusos sexuais de crianças eram notícias recorrentes nos telejornais. Na escola este também era um assunto em pauta, seguido das reiteradas orientações dadas pelas professoras aos alunos: não sair com estranhos, não aceitar doces, atravessar a rua caso algo estranho ocorresse, etc. Natascha se interessava de forma curiosa por estes tipos de notícias reportadas pela mídia, sentia medo, mas se acalmava por não ter o perfil das vítimas preferidas dos seqüestradores: meninas louras e delicadas, pois era uma criança desajeitada e acima do peso, segundo ela.

Sua aparência, aliás, era algo que a incomodava bastante, principalmente o ganho de peso corporal obtido após a separação dos pais, situação na qual encontrou conforto na comida e nas guloseimas. A mãe, por sua vez, investia exageradamente na aparência das vestimentas da filha, fazendo com que esta usasse as roupas mais bonitas que costurava, destacando-a das outras crianças da vizinhança, fazendo com que seu sentimento de não pertencimento àquele mundo e isolamento social aumentasse ainda mais.

Natascha diz que em seu décimo aniversário deixou para trás o primeiro e mais dependente período de sua vida. “A data mágica, em que minha independência seria oficialmente determinada, se aproximava: mais oito anos e eu poderia sair de casa e procurar um emprego.” (p.73). Neste aniversário, decidira que este dia seria o primeiro de sua nova vida e o último da antiga vida; como presente, foi autorizada pela mãe a ir sozinha para a escola e estava muito feliz, pois queria vencer seus medos e acabar com a insegurança que dominava sua vida até então, sendo esta autorização um passo importante para seu futuro.

Naquela manhã, devido a uma discussão corriqueira na noite anterior, Natascha saiu sem se despedir da mãe. Durante o trajeto para a escola, repetia para si própria: “O que poderia acontecer?” Pensava na discussão com a mãe na noite anterior, nos noticiários que informavam

sobre o seqüestro de crianças, na recomendação de não falar com estranhos, e pensava também em seu futuro, desejando que chegasse logo o dia em que não dependeria de mais nenhum adulto. De repente viu, a alguns metros de distância, um homem jovem, magro, encostado numa caminhonete branca, e essa imagem lhe chamou atenção, pois o rapaz tinha o olhar vazio, diz ela.

Pobre homem, pensei, porque ele parecia precisar de proteção, e eu o teria ajudado de boa vontade. Isso pode soar estranho, como uma espécie de sujeição à crença infantil na bondade dos seres humanos. Mas, quando ele me olhou pela primeira vez naquela manhã, parecia perdido e muito frágil. (p.37).

De repente, ao notar a caminhonete ali parada ao lado do homem, se alarmou, não sabe se por intuição ou pela quantidade de notícias sobre violência sexual à que ela e toda a sociedade estavam sujeitas naqueles meses. “Ser seqüestrada era, a meus olhos infantis, uma possibilidade real – mas, em meu íntimo, era algo que só acontecia na televisão, e não em minha vizinhança.” (p.36). Pensou em atravessar a rua, mas não o fez. Ao passar por ele, ele a encarou e seu medo desapareceu, pois mais uma vez o homem lhe passou a impressão de alguém perdido e frágil.

Foi tudo muito rápido. Em questão de segundos, Natascha viu-se sufocada, com os olhos vendados, dentro de um carro em movimento. O homem perdido e frágil era Wolfgang Priklopil, na época com 44 anos, austríaco, ex engenheiro da *Siemens Telecomunicação*. Nestes primeiros momentos, ela pensou: “Será que isto está realmente acontecendo? Comigo? Por que eu? Ele vai pedir resgate? Quem vai pagar? Para onde ele está me levando? Que tipo de veículo é este? Que horas são? Que número ele calça? Ele não tem cara de criminoso!” (p.38). Uma de sua primeiras perguntas àquele homem foi: “Você vai me violentar?”, ao que ele respondeu: “Você é muito nova para isso, eu nunca faria isso.” (p.37).

Natascha foi levada a um pequeno quarto subterrâneo de uma casa, localizada a poucos quilômetros de sua residência. O porão não tinha luz nem ventilação e ali foi deixada sozinha durante muitas horas. Priklopil se retirou sem dizer uma palavra.

Era assim que deveria parecer o esconderijo de uma quadrilha de bandidos? Um clube de sexo? As paredes de madeira me lembravam uma sauna e me despertaram uma seqüência de idéias: sauna no porão – pedófilos – bandidos. Via homem gordos e suados em cima de mim, me violentando naquele cômodo estreito. (p.42).

Ao ser deixada sozinha, ela “desmoronou”: fez mil perguntas a si própria, mas não encontrou resposta alguma; sentiu vontade, mas não chorou – mesmo porque já era acostumada a não se permitir chorar em casa.

Nos primeiros dias de cativo, Priklopil dizia ser apenas o intermediador do seqüestro; os verdadeiros seqüestradores haviam lhe encomendado uma criança e em breve apareceriam para buscar a mercadoria encomendada, no caso, Natascha. “Eu supunha que se tratava de uma quadrilha de pornografia infantil. Ele mesmo murmurava algo sobre pessoas que viriam me fotografar e sobre ‘o que fariam comigo’, o que confirmava minhas suspeitas.” (p.55). Natascha imaginava o quê os seqüestradores fariam com ela, que objetos usariam, se a levariam a uma casa de campo ou sauna, como ocorrera no último caso veiculado pela mídia que ela acompanhou. “Via homens gordos e suados em cima de mim, me violentando naquele cômodo estreito.” (p.42).

Com o passar do tempo, a vítima não se cansava de perguntar a Priklopil o motivo de ter sido a escolhida por ele, e as respostas variavam conforme os meses passavam: “Vi você em uma foto escolar e a escolhi.” “Você foi até mim como um gato de rua. E podemos ficar com gatos.” “Eu a salvei. Você deveria me agradecer.” “Sempre quis uma escrava.” Sem uma resposta satisfatória para a pergunta “por que eu?”, Natascha começou a se culpar, pensando que o seqüestro poderia ser um castigo por ser uma filha má, por exemplo, ou pelo fato de ter saído de casa sem se despedir de sua mãe naquele dia. Vale acrescentar que o mito da existência de outras pessoas envolvidas no crime serviu para propiciar a criação de uma atmosfera de apoio e suporte entre Natascha e Priklopil, visto que “o medo dos supostos ‘verdadeiros seqüestradores’ permitia àquele homem (...) me oferecer carinho e um apoio amigável. Contanto que eu estivesse com ele, meu maior temor não se tornaria realidade.” (p.55).

Nos primeiros dias em cativo ela tinha esperança de ser encontrada em breve por seus pais ou pela polícia, e imaginava-se voltando à escola, agora num cenário oposto ao anterior: contando a todos o que vivera, seria admirada e considerada uma heroína, por ter suportado esta experiência. No entanto, aos poucos esta esperança foi diminuindo, pois, dia após dia, ninguém aparecia, exceto o seqüestrador, o que, de certa forma, a aliviava, pois os “verdadeiros seqüestradores” também não apareciam.

Na primeira semana, Priklopil atendeu a todos os pedidos da criança, principalmente quando ela pedia doces – que sua mãe lhe proibira de comer, pois “já estava muito gorda.” Ele dizia que era seu protetor do “mundo lá de fora”, que estava tentando negociar um resgate com os

pais, mas estes não tinham interesse em tê-la de volta. Ao mesmo tempo, ele acalmava a criança recomendando que não se preocupasse, pois ela não seria abandonada por ele - já que ela não tinha mais ninguém - e que ele criaria um mundo perfeito para eles.

Natascha relata que hoje lhe parece desconcertante como o pânico deu lugar a certo pragmatismo: estava apavorada, mas não oferecia resistência e começava a se ajustar àquela situação, pelo menos durante aqueles dias, para garantir sua sobrevivência. Ela considera, ainda, que o fato de ser criança ajudou-a a suportar todos os anos em cativeiro, pois já estava acostumada a obedecer aos adultos sem poder questioná-los. “Eu era tão dependente dele quanto os bebês são de seus pais – cada gesto de afeição, cada porção de alimento, a luz, o ar, minha sobrevivência física e mental, tudo dependia de um homem que me trancara em um cativeiro no porão.” (p.70).

Priklopil fez uso de diversos métodos de tortura: O porão em que a manteve não tinha janelas e a luz artificial permanecia acesa o dia todo, impedindo a diferenciação dia-noite. O calor era forte e havia o barulho permanente de um ventilador. Sua chegada ao cativeiro era sempre incerta; a vítima nunca sabia quando ele viria para lhe trazer comida ou para brincar com ela. Oferecia-lhe pequenas recompensas quando ela se comportava bem. Depois de ter a maioria de seus pertences recolhidos e queimados, certo dia Natascha acordou com um bolo de aniversário e uma caixa de presente, que lhe surpreendeu, pois havia ganhado de Priklopil um par de sapatos que sua mãe não lhe permitia usar: “Eu estava tão feliz! Os sapatos, que me deixavam 3cm mais alta, certamente facilitariam o acesso à minha nova vida com mais autoconfiança.” (p.56).

Em seu dia a dia cativa, Natascha tinha acesso a livros, a programas de televisão educativos, a rádio, a brinquedos e a conteúdos escolares. Era comum, por exemplo, que Priklopil ajudasse-a a resolver problemas matemáticos e jogasse Ludo com ela durante um dia inteiro. Festejavam as datas comemorativas, como o Natal – o que com sua família, aliás, fora sempre uma decepção e palco de discussões, diz Natascha. “Era como se ele estivesse estrangulando alguém e, ao mesmo tempo, perguntasse se a vítima estava deitada confortavelmente e se a pressão exercida estava agradável. No entanto, na época, eu não queria ver isso. Achava maravilhoso que o seqüestrador se preocupasse tanto comigo.” (p.110).

O controle do seqüestrador sobre a vítima foi aumentando pouco a pouco. Certo dia, ele instalou um temporizador para controlar a eletricidade. Posteriormente instalou um interfone, para que pudesse haver comunicação com Natascha quando estivesse no andar superior da casa,

demonstrando sua onipotência e garantindo o controle total sobre a vida da vítima, pois ouvia tudo o que esta fazia.

Nos primeiros anos do seqüestro a vida de Natascha se reduziu ao porão: ali cozinhava, tomava banho de caneca, dormia, brincava, assistia televisão. Em dias que estava depressiva, Priklopil tentava agradá-la a todo custo, e certa vez dois anos após o seqüestro – permitiu que ela subisse ao andar superior da casa para tomar banho de banheira – não sem antes ameaçá-la de morte caso ela gritasse ou tentasse fugir. A sensação de estar num ambiente diferente do cativeiro foi maravilhosa, diz ela. No entanto, após o banho, com o retorno ao porão, ficou mais depressiva; desejou não ter visto o quão isolada estava do mundo exterior. O acesso ao quarto subterrâneo demorava mais de uma hora para se concretizar, haja vista a engenhosa construção e vedação feita por Priklopil para impedir que alguém desconfiasse que ali existia uma passagem secreta a um cômodo no qual uma pessoa estava sendo mantida confinada.²¹

Não consigo descrever os sentimentos que vieram à tona quando olhei para aquela porta (do porão). Eu estava aprisionada em concreto. Hermeticamente vedada. (...). Uma prisão de segurança máxima para uma criança. O que seria de mim se algo acontecesse com ele? (...). Eu estaria enterrada viva. E ponto final. (p.103).

Depois desta ocasião, sua saída se tornou mais freqüente, mas o cativeiro já se tornara tão “seu”, que ela não arriscaria abandoná-lo, diz Natascha. Ela conta ainda que, nesta época, tivera diversas oportunidades para fugir; no entanto, a certa altura o mundo exterior lhe parecia um terreno ameaçador, sendo a prisão “mental” muito mais poderosa do que a prisão física; enquanto as paredes externas pareciam se tornar mais permeáveis, as internas estavam cada vez mais cimentadas. Além disso, Priklopil havia se tornado sua família, e assim justifica sua recusa em tentar fugir: “Eu não tinha escolha a não ser aceitá-lo como tal, e aprendi a obter felicidade dessa afeição e a reprimir o que era negativo.” (p.155).

Aos 14 anos, com a entrada na puberdade, uma nova fase se iniciou e Natascha começou a realizar as tarefas domésticas da casa: era ela quem preparava as refeições, cuidava da roupa de

²¹ Em <http://www.youtube.com/watch?v=F0X2-HhtlrA> há um vídeo que exhibe o cativeiro de Natascha Kampusch. Recuperado em 05, janeiro, 2013

Priklopil, fazia limpeza da casa e realizava reformas, tanto na casa em que moravam quanto em apartamentos vazios da cidade, sempre acompanhada do seqüestrador.

Com ele, eu arrastava placas de mármore e portas pesadas, erguia sacos de cimento, quebrava concreto com cinzel e marreta. Montamos a janela de água-furtada, isolamos e cobrimos as paredes, instalamos o piso, em seguida os canos de aquecimento e os cabos elétricos, cobrimos as paredes de gesso, quebramos uma abertura entre o piso do segundo andar e o novo piso do sótão e construímos uma escada de ladrilhos de mármore. (p.125).

Chama atenção o fato de ela ser obrigada a realizar estes afazeres seminua, vestindo apenas roupas íntimas e boné, enquanto Priklopil a observava obsessivamente, num voyeurismo explícito.

Tais atividades exigiam força e resistência física, o que Natascha considerava positivo, pois fez com que ela emagrecesse e ganhasse músculos: a criança gorda de outrora se tornou uma adolescente muito abaixo de seu peso ideal, pois além do esforço físico realizado, sua alimentação era regulada conforme o humor do seqüestrador, tendo passado vários períodos sem comer. Quando ela estava teimosa, por exemplo, ele a deixava sem comida durante o dia todo, dizendo que ela estava com muita energia. Todavia, este emagrecimento chegou ao extremo; pesando 38kgs, medindo 1,75m de altura e com os cabelos raspados, Natascha estava irreconhecível; em nada se parecia com a menina da foto que orientava a polícia nas investigações. “Eu devia ser uma visão triste. Minhas costelas eram aparentes, as pernas e os braços estavam cobertos de hematomas e as bochechas eram fundas. Mas o homem que fizera isso comigo parecia gostar de minha aparência.” (p.134).

Uma das características do seqüestrador era sua extrema obsessão quanto à limpeza: obrigava Natascha a esfregar o chão onde pisava, para evitar deixar marcas, e sempre que subisse para a casa ela deveria usar um saco plástico na cabeça, para evitar cabelos pelo chão. Todavia, o uso de saco plástico lhe ocasionava coceira, calor e alergia no couro cabeludo. Certo dia, ela não suportou mais isso e cortou os cabelos. No dia posterior, ele raspou a cabeça dela, ato que se manteve semanalmente, o que a tornava cada vez mais irreconhecível fisicamente.

Se a assunção de responsabilidades domésticas, por um lado, fazia com que Natascha ocupasse seu tempo, por outro, deu início a um período de humilhações, castigos e agressões físicas frente à sua desatenção ou algum erro cometido. Certa vez,

achou que eu fui muito lenta, por isso agarrou minha mão e girou, esfregando-a com tanta força na placa que tive uma queimadura que levou anos para sarar. Repetidamente o sequestrador reabriria essa ferida na parede, nas placas de reboco e até na superfície lisa da pia ele conseguiu esfregar minha mão com tanta força que o sangue começou a jorrar. (p.127).

Natascha considera que sobreviveu às agressões porque foi capaz de separar estas experiências de si própria; capacidade esta favorecida pelo fato de ela ser ainda uma criança na época, segundo ela. A vítima afirma que se lembra até hoje das dores dilacerantes que percorriam seu corpo, mas emocionalmente não sentia nada. “Eu me sentia como um cão que apanhara e que não podia morder a mão que batera nele, porque era a mesma que o alimentava. A única saída era fugir para dentro de mim. Fechei os olhos, bloqueei tudo ao meu redor e não me movi um centímetro.” (p.127). Ao apanhar: “Eu deixava meu corpo sempre que o seqüestrador me batia e, à distância, observava a menina de doze anos deitada no chão sendo chutada.” (p.129).

Desde o início do cativeiro Natascha teve o hábito de desenhar e escrever para ocupar seu tempo, e costumava ler em voz alta seus relatos ou suas frases de apoio quando estava deprimida. Num diário, costumava registrar os bons dias que passavam juntos, mas também os episódios de agressão. No dia 23 de agosto de 2005,

pelo menos 60 tapas no rosto. 10-15 socos na cabeça que me deixaram com náusea, quatro tapas com a palma da mão aberta na cabeça, um soco com toda a força na orelha direita e na mandíbula. Minha orelha ficou preta. Estrangulamento, soco no queixo, fazendo a mandíbula estalar, mais ou menos 70 golpes com o joelho no cóccix e no bumbum. Socos no cóccix e na coluna, na costela e entre os seios. Golpes com uma vassoura no cotovelo esquerdo e braço (hematoma preto-amarronzado) e no pulso esquerdo. Quatro socos no olho que me fizeram ver luzes azuis. E muito mais. (p.180).

Um de seus textos de apoio e consolo:

Não fique deprimida quando ele diz que você é muito burra para alguma coisa.
 Não fique deprimida quando ele bate em você.
 Não responda quando ele diz que você é incapaz.
 Não responda quando ele diz que você não pode viver sem ele.
 Não reaja quando ele apaga a luz.
 Perdoe-o por tudo e não fique zangada com ele.
 Seja forte.
 Não desista.
 Nunca, não desista. (p.184-185).

Outra defesa neste período conturbado era imaginar sua mãe ou si própria mais velha, lhe oferecendo conforto:

Lá estava eu aos doze anos. E, diante de mim, me vi aos dezoito. Grande e forte, confiante e independente, como as mulheres de meu romance. Meu eu de doze anos lentamente seguiu na direção do feixe, enquanto meu eu adulto vinha em minha direção. Na metade do caminho, meus dois eus se deram as mãos. (...). A Natascha adulta abraçou a Natascha menor, que nem tinha mais esse nome, e a confortou, dizendo: - Vou tirar você daqui, prometo. Você ainda não pode fugir, porque é muito pequena. Mas, quando tiver dezoito anos, vou dominar o seqüestrador e libertar você desta prisão. Não vou abandoná-la. (p.137).

Aos quatorze anos Natascha começou a revidar a violência física e a se mostrar desafiadora, com objetivo de preservar sua identidade. O fato de se recusar a chamar Priklopil de “mestre”, como ele havia pedido, o surpreendeu grandemente. Natascha percebeu que provocações, recusas e ironias eram dolorosas para o seqüestrador, e passou a usar isto a seu favor. “Chamava-o de ‘criminoso’ quando ele queria que o chamasse de ‘senhor’. Às vezes falava ‘benzinho’ ou ‘querido’, em vez de ‘meu senhor’, para demonstrar o caráter grotesco da situação em que ele nos colocara.” (p.146).

Sobre seu relacionamento com Priklopil, Natascha diz que “as coisas não são totalmente brancas ou pretas. E ninguém é totalmente bom ou mau. Isso também vale para o sequestrador.” (p.140). Ao longo dos anos, aprendeu a conviver com a oscilação de humor dele, e, por mais estranho que parecesse, diz ela, tiveram bons momentos juntos, como as viagens para esqui, os banhos de sol na piscina, as datas comemorativas, etc. A partir dos treze anos, era freqüente que ela dormisse no andar superior da casa, na cama de Priklopil. “O homem que me batia, me trancava no porão e me deixava sem comer queria alguém para abraçar. Algemada e sob controle, eu era algo que ele podia segurar durante a noite.” (p.150). Ela considera que conheceu duas faces de Priklopil – uma com forte tendência ao poder e à dominação, e a outra com uma necessidade de amor e de aprovação – e que soube usar isto a seu favor, mesmo que, aos olhos de todos, ela estivesse acomodada e gostando da situação.²²

²² A questão de ter desenvolvido um relacionamento íntimo com o agente da violência nos faz pensar na idéia de Eissler, de que existem dois tipos de proteção frente ao trauma externo: “colocar nas guardas de entrada ou então prever a seqüência dos acontecimentos e eliminar assim toda e qualquer surpresa.” (Laplanche, 1989, p.186). A

Priklopil relatava sentir ódio das outras mulheres e tinha a intenção de fazer de Natascha a companheira que nunca tivera, criando um mundo ideal para ambos, no qual o papel desta estava claramente definido por ele: dona da casa responsável pela limpeza e pelo preparo das refeições, mãe substituta na qual ele encontrava apoio, enfim, alguém que estivesse inteiramente a seu dispor.

Ele queria uma mulherzinha que trabalhasse duro, preparasse o jantar quando ele voltasse pra casa, não lhe respondesse e realizasse as tarefas domésticas com perfeição. Ele sonhava com “comemorações familiares” e passeios, gostava de nossas refeições juntos e celebrava os dias de santos, aniversários e Natais como se não houvesse porão nem cativo para mim. (p.149).

Todavia, aos quatorze anos Natascha havia se transformado numa jovem mulher, a personificação do que Priklopil odiava profundamente, o que aumentou sua instabilidade e agressividade, coincidindo com o momento em que a prisão psicológica estava completa, afirma Natascha, que oscilava entre a depressão e pensamentos suicidas, por um lado, e por outro, a certeza de que queria continuar a viver e a de que tudo daria certo no final.

Eu não podia me deixar consumir pela dor, não podia desistir, não podia me entregar ao pensamento de que a prisão era a melhor coisa que já me acontecera. Tinha de repetir para mim mesma que eu não tinha sorte por estar viva com o seqüestrador, apesar de ele dizer isso constantemente. Suas palavras caíam sobre mim como armadilhas. Sempre que eu deitava no escuro consumida pela dor, sabia que ele estava errado. Mas o cérebro humano rapidamente suprime o sofrimento. E, no dia seguinte, ficava satisfeita por me submeter à ilusão de que ele não era de todo mal e por acreditar em seus devaneios. (p.179).

Sair do cativo parecia cada vez mais ameaçador para Natascha, e ela se culpava por estar em conflito entre o desejo de conhecer o mundo e o medo de dar este passo. Ela relata ainda que sentia pena de Priklopil e não desejava magoá-lo, pois esperava que ele conseguisse criar o mundo ideal pelo qual tanto aspirava. “Ele parecia tão desesperado e sozinho consigo mesmo e com seu crime que, às vezes, eu esquecia que era a vítima – e que não era responsável pela felicidade dele.” (p.204).

impressão que se tem é que, durante algum tempo, Natascha fez uso da segunda proteção, pois, conhecendo o humor de Priklopil, sabia como agir.

É interessante o fato de que durante todos os anos em que Natascha permaneceu cativa, a mãe de Priklopil o visitava em alguns finais de semana. Nestas visitas, que duravam de dois a três dias, a vítima permanecia presa no porão, sem visitas longas do seqüestrador, comia as refeições preparadas pela Sra. Waltraud Priklopil e, na segunda feira, quando finalmente podia retornar ao andar superior da casa, encontrava-a perfeitamente limpa e organizada.

É importante esclarecer que, desde o início do seqüestro de Natascha, Sra. Waltraud visitava o filho; todavia não temos dados que sugiram que a Sra. Waltraud teria sido cúmplice do crime do filho; a informação que temos é que Natascha e Sra. Priklopil nunca se encontraram, e, após a libertação da vítima, Sra. Priklopil relatou que não sabia que o filho mantinha uma prisioneira ali.

Nunca vi Waltraud Priklopil em todos aqueles anos, mas por meio desses pequenos sinais – bolo na cozinha, roupas passadas -, ela se tornou parte do meu mundo. Eu gostava de pensar nela como uma amiga mais velha, e me imaginava sentada com ela à mesa da cozinha tomando uma xícara de chá. Mas nunca encontramos tempo para isso. (p.143).

Todavia, em alguns períodos, a comparação excessiva que Priklopil fazia entre sua prisioneira e sua mãe incomodavam Natascha, que passou a criticar as atitudes da Sra. Waltraud diretamente à Priklopil, dizendo que esta o mimava e não tratava-o como adulto, segundo ela. Além disso, com o passar do tempo, Natascha deveria limpar a casa nas quintas feira, para que quando Waltraud chegasse, encontrasse a residência limpa e organizada também.

Natascha optou em não falar sobre suas experiências sexuais dentro do cativo, pois, segundo ela, é uma parte de sua privacidade que gostaria de preservar. Em seu livro ela diz que a mídia descreve Wolfgang Priklopil como “O monstro sexual”, mas afirma que, neste aspecto, a imprensa está errada; em muitos aspectos ele era realmente um monstro, mais cruel do que se possa imaginar. No entanto, quando dormia abraçada a ela, não era sexo que ele procurava, mas carinho e proteção. Ela acrescenta que as regras no cativo tinham que ser seguidas, mas Priklopil estava lá, passando com ela o tempo que ela tinha de sobra.

Com a proximidade de sua maioridade, Natascha conta que ganhou forças, pois desde sua infância esta data significava muito para ela desde sua infância, quando sonhava com sua independência. No dia em que completou dezoito anos, recebeu presentes de Priklopil e celebrou a data com um bolo comprado por ele. “(...) para mim aquele ‘18’ foi o ponto alto da minha pequena celebração. Era um símbolo de liberdade. Era o símbolo, o sinal de que chegara o

momento de cumprir minha promessa.” (p.194). Ela começou a se questionar cada vez mais acerca da confiança que depositava em Priklopil; aos poucos a incerteza sobre onde estaria melhor, se dentro ou fora do cativeiro, desaparecia, e com maior intensidade do que antes se lembrava dos planos que tinha para seu futuro.

Certo dia, já com dezoito anos, Natascha disse para Priklopil: “Sou grata por você não ter me matado e por ter cuidado de mim. Foi muita gentileza sua. Mas não pode me forçar a ficar com você. Sou uma pessoa com necessidades próprias. Essa situação tem que acabar.” (p.206). Ao dizer isto, notou o desespero nos olhos daquele homem – criminoso, porém a única pessoa que ela tinha no mundo; neste momento, ainda, viu cenas de seu passado com ele em sua mente, mas não fraquejou. Segundo ela, há semanas vinha se lembrando constantemente de seu projeto de vida quando completou dez anos: desejava que seu décimo oitavo ano de vida chegasse logo para se tornar independente dos adultos com quem convivia, sair de casa e trabalhar.

Seu último dia de cativeiro foi 23 de agosto de 2006, data na qual completou 3096 dias presa. Neste dia Priklopil estava de bom humor, pois havia vendido a caminhonete usada há oito anos, na ocasião do seqüestro, e anunciara entusiasmadamente a venda de um apartamento que, juntamente com Natascha, havia reformado. Aproveitando-se de um momento de distração de Priklopil, que se afastou em direção ao jardim para atender a uma ligação telefônica, Natascha fugiu:

Com uma força sobre-humana, me livrei da areia movediça paralisante que envolvia minhas pernas. A voz do meu outro eu falava em minha mente: *Se você tivesse sido sequestrada hoje, estaria correndo agora. Você tem que agir como se não conhecesse o sequestrador. Ele é um estranho. Corra! Corra! Corra! Corra, droga!* (p.208).

Ao notar a fuga de Natascha, Priklopil se matou, jogando-se na linha do trem.

Em liberdade, Natascha foi entrevistada por jornalistas do mundo todo. Quatro anos após sua fuga publicou “3096 dias”, e as informações ali contidas despertaram ainda mais o interesse da mídia no caso, tendo sido a jovem bastante criticada devido ao fato de ter tido previamente oportunidades para fugir, e também por demonstrar tristeza e preocupação ao ser noticiada sobre a morte daquele com quem ela vivera durante oito anos. Até que ponto ela foi realmente uma vítima? Em entrevista ao programa Fantástico, em 23 de janeiro de 2011, ela diz: “só ao escrever

o livro eu entendi o quão absurda era a situação na qual ele me colocou. Hoje tenho uma imagem pior do seqüestrador do que no dia em que fugi.”²³

Na delegacia, a policial que a interrogou perguntou se poderia lhe chamar de “você”, ao que Natascha recusou. “Eu não queria ser a ‘Natascha’, que podia ser tratada como criança e levada para qualquer parte. Eu tinha fugido, era adulta e ia brigar para ser tratada assim.” (p.213). Durante o interrogatório:

Comecei a lhe contar toda minha história, desde o início. As palavras literalmente escorriam da minha boca, e senti que um peso saía de mim a cada frase que falava sobre o cativo. Como se pôr tudo aquilo em palavras, na sóbria sala da delegacia de polícia, ditando-as para um relatório policial, pudesse levar embora todo o horror. Falei de como sonhava com uma vida adulta, na qual tomaria minhas próprias decisões, de meu desejo de ter um apartamento, um trabalho e depois uma família. Sentia que fizera uma amiga. Ao fim do interrogatório, a policial me deu seu relógio de pulso. Isso me fez sentir como se eu fosse dona do meu tempo de novo. Não recebia mais ordens de ninguém, não dependia mais do temporizador, que decretava quando estava claro e quando estava escuro. (p.214).

Seus primeiros dias de liberdade foram passados na Ala Psiquiátrica para Crianças e adolescentes do Hospital Geral de Viena, e neste período Natascha se deparou com a exposição, pela mídia, de detalhes de sua vida privada: imagens do cativo, seus diários, suas roupas, etc. Neste momento, ela diz que percebe que caiu em outra prisão, mais sutil, mas sem ter o caráter aprisionador.

Além disso, Natascha conta que, de início, a simpatia da sociedade era impressionante; recebeu milhares de cartas de pessoas estranhas que se alegraram com sua fuga, por exemplo. Diante das especulações sobre sua vida cativa, ela decidiu satisfazer a curiosidade da mídia, concedendo entrevistas, todavia percebeu que “a simpatia oferecida à vítima é enganadora. As pessoas amam a vítima apenas quando se sentem superiores a ela.” (p.221). Isto porque ela relatou que, ao escapar, ela se libertou não apenas de seu torturador, mas acabou perdendo uma pessoa que era, por força das circunstâncias, próxima a ela; todavia, tristeza por isso era um sentimento que não lhe era permitido.

Natascha pediu ao estado austríaco a casa em que viveu com Priklopil como indenização pela falha da polícia nas investigações, e por não desejar que sua vida privada se torne um museu de visitaçao, por exemplo. Segundo especialistas, principalmente psiquiatras, por demonstrar

²³ Entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yGB8RI4eA8g>. Recuperada em 15, novembro, 2012.

“afeição” ao algoz, Natascha sofre de Síndrome de Estocolmo. Ela se defende deste diagnóstico dizendo: “Aproximar-se do seqüestrador não é uma doença. Criar um casulo de normalidade no âmbito de um crime não é uma síndrome. É justamente o oposto. É uma estratégia de sobrevivência numa situação sem saída.” (p.141).

Já nestes momentos iniciais, Natascha percebe que o mundo para o qual retornara já não era o mesmo, e ela também não era a mesma.

4.2 JAYCEE LEE DUGARD

Uma vida roubada

Em 1991, após ter sua casa assaltada em *Orange County*, Califórnia, EUA, a americana Jaycee Lee Dugard, na época com onze anos de idade, juntamente com sua família, mudou-se para a pequena e considerada segura cidade de *Lake Tahoe*, na Califórnia. Ainda naquela cidade, Jaycee conta que, certa vez, no caminho da escola, um grupo de homens gritou com ela de dentro de um carro, gesticulando para que ela se aproximasse, momento no qual ela se desesperou e saiu correndo em direção oposta ao carro. Na nova cidade, sentia-se aliviada por estar livre deste tipo de acontecimentos.

A família era composta por sua mãe, Terry, seu padrasto Carl e sua meia-irmã, recém-nascida e com poucos meses de idade. Seu pai era desconhecido, tendo-a procurado apenas em 2006, após ter conhecimento, por meio da imprensa, do seqüestro e da posterior libertação da filha. Jaycee relata que, quando criança, não tinha um bom relacionamento com o padrasto, pois ele criticava constantemente seu comportamento. “Uma vez ele não gostou do jeito que eu estava mastigando e me fez ir até o banheiro ficar na frente do espelho me vendo comer.” (p.15).

Jaycee relata ter sido uma criança extremamente tímida, evitando contato com pessoas diferentes, apresentando dificuldade para fazer amizades e fugindo de situações em que estaria exposta ao público, como apresentações da escola e da igreja. Na ocasião do seqüestro, passava por um período em que tinha poucas amigas devido à recente mudança de cidade e escola, e sentia ciúmes da irmã recém nascida, que tinha um pai – Carl, enquanto ela não havia conhecido o seu, tendo sido criada pela mãe e pelo padrasto.

Em 10 de junho de 1991, alguns meses após a mudança de cidade, Jaycee estava se dirigindo ao ponto de ônibus da escola quando foi seqüestrada. Ela afirma que logo pela manhã este dia já estava sendo sentido por ela como diferente dos habituais, pois sua mãe saiu para trabalhar sem lhe dar um beijo de despedida. “Ela foi embora. Se esqueceu. Bom, tem sempre a noite para dar um beijo e um abraço na minha mãe quando volta do trabalho. Mas vou reclamar que ela se esqueceu.” (p.13).

Nesta manhã, a criança se atrasa para ir à escola, pois estava procurando um anel que a mãe lhe dera e que gostaria de usar. Seu padrasto, Carl, ainda está em casa, mas Jaycee não ousou pedir uma carona. “Ele já acha que faço muita besteira, não quero dar outra desculpa para não gostar de mim. Às vezes acho que ele só está esperando outro motivo para me mandar embora de novo.” (p.14). Ainda, ela relata que cogitou dizer ao padrasto que não estava se sentindo muito bem, para poder faltar à escola, porém mudou de idéia para evitar uma discussão, e porque não gostaria de ficar o dia todo com ele em casa; na escola, ao menos, está longe de suas críticas diárias. E vai a pé para a escola.

O caminho para o ponto de ônibus estava pouco movimentado e, entretida em seus devaneios sobre o próximo verão, Jaycee não nota o comportamento incomum do motorista que dirigia um carro em baixa velocidade ao seu lado.

Parei de andar quando o motorista abaixou o vidro da janela. Ele se inclinou levemente para fora do carro e começou a me pedir informações. O braço dele saiu da janela tão rapidamente que mal pude notar que tinha algo preto nas mãos. Ouvi um estalo e me senti paralisada. Dei passos vacilantes para trás. O medo apagava tudo, menos a necessidade de fugir. (...). Alguém está me arrastando e agora está me levando. Meus braços e pernas parecem pesar uma tonelada. Tento resistir e tento ir em direção aos arbustos. A sensação paralisante volta, acompanhada de zumbido estranho de corrente elétrica. Sou incapaz de resistir por algum motivo. Não sei por que meu corpo não está funcionando. Percebo que fiz xixi nas calças. (p.21-22).

A criança foi abruptamente dentro de um carro e teve o corpo coberto por uma manta, que ela implora para que seja retirado, pois não estava conseguindo respirar. Ouve duas vozes, a de uma mulher e a de um homem. Este lhe oferece uma bebida, à qual ela é inteiramente grata, segundo ela, pois sua boca estava muito seca, como se ela tivesse gritado demais. Logo depois, ela ouve a risada do homem e o escuta dizer que não sabia como ele e a mulher haviam conseguido fazer aquilo.

Quero dizer a ele que quero ir para casa, mas estou tão apavorada que tenho medo de deixá-lo com raiva. O que fazer? Simplesmente não sei. Eu queria saber. Estou com muito medo. Quero dormir e fingir que isto não está acontecendo. Por que isso está acontecendo? Quem são estas pessoas e o que eles querem comigo? (p.23).

Ao chegarem ao destino final, ela sai do carro e é orientada pelo homem a ficar quieta se não quiser ser machucada por ele e por seus cachorros bravos. Tentava dizer para si mesma que estava apenas sonhando, que a qualquer hora iria acordar, e que sua mãe estaria ali para lhe abraçar e dizer que tudo fora um pesadelo. O seqüestrador tinha aparência de um “cara normal”, e não a de um cara malvado como se vê nos filmes. Ao notar pêlos de gato sob o sofá da casa, Jaycee interage com o seqüestrador perguntando quantos gatos ele tinha, e se poderia fazer carinho neles, ato que o homem permite, caso os gatos se aproximem dela. “Acho que este gato é a única coisa que parece real agora. Tudo em volta parece um pesadelo, mas isso é real demais para ser um sonho.” (p.26).

Logo após o contato com os animais, o homem a leva até o banheiro e ali ocorre o primeiro dos sucessivos abusos aos quais foi submetida durante os dezoito anos subseqüentes. Naquela idade - onze anos - sua única referência a sexo era o que ela vira na televisão, e que depois imitava em suas brincadeiras com *Barbies*. Calmamente o homem pede que tire suas roupas, o que ela recusa, pois afirma sentir muita vergonha de seu corpo na época. “Estou com muito medo para me mexer, meu corpo todo treme, então faço o que é mais fácil: fico parada. Ele abaixa as minhas calças e tira a minha blusa. Estou nua e muito envergonhada.” (p.30). Depois, é ele quem fica nu, e pergunta à criança se ela já havia visto o órgão sexual de um homem antes. Ela responde que não, e afirma ter achado muito engraçado vê-lo despido, chegando a sorrir devido ao fato de estar nervosa. O seqüestrador pede que ela o toque, e faça seu órgão genital crescer. No chuveiro, ele pede que ela raspe suas axilas e sua vagina, o que ela sempre quis fazer, pois sentia vergonha de possuir pêlos, mas não tinha permissão de sua mãe ainda.

Jaycee se desespera e chora incontrolavelmente, tomada pela impressão de que sua vida não lhe pertencia mais. Diante de suas lágrimas e soluços, o homem que a seqüestrou não sabe como agir, mas a ampara e lhe diz para ficar calma e quieta, pois nada mais lhe aconteceria naquele dia. “O homem me abraça e oferece conforto. Não quero que este homem horrível me conforte, mas não tem ninguém aqui e eu, relutantemente, aceito o que ele me dá.” (p.31).

Algumas horas depois Jaycee pergunta ao homem quando ela poderá voltar para casa e afirma que sua família possui dinheiro, podendo pagar-lhe para tê-la de volta, mas ele apenas ri.

Todos os seus pertences pessoais são recolhidos pelo seqüestrador, ficando apenas com um anel que ganhou de presente de sua mãe. Com os olhos vendados, é guiada pelo homem por um caminho de pedras até a um cômodo isolado, no quintal. Ali ela é deixada, sendo orientada pelo homem a descansar, ficar quieta e não tentar fugir, pois os cachorros da casa não gostam de invasores, e ela, no caso, seria uma invasora. Antes de sair, ele prende os pulsos da criança em algemas de pelúcia, justificando a necessidade disso, pois ainda não confiava nela, mas dizendo que futuramente não precisaria mais usar aquele acessório, caso fosse uma “boa menina.”

Ao acordar, no outro dia, vários questionamentos lhe surgem:

O que aconteceu quando não apareci na escola? Será que vou ter problemas? Alguém sabe o que aconteceu? Onde está minha mãe? Ela ainda está no trabalho? Está procurando por mim? O Carl viu esse homem me pegar? Ele está mandando alguém me buscar? Quando vou poder voltar para casa? Será que esse estranho vai me levar para casa? (p.37-38).

O cansaço e a desorientação prosseguem: “Está muito quente, parece que não consigo respirar. Estou com muita sede e começando a suar. Quanto tempo já se passou? (...). Fecho os olhos e cedo ao limbo mais uma vez.” (p.39); “Ouço o barulho do cadeado e sei que ele vem me alimentar. Estou com muita fome hoje. Não consigo me lembrar da última vez que comi.” (p.43). Ela relata que sempre sorri quando ele chega, para que ele pense que ela está bem. Tem medo de sua reação caso veja que ela está triste ou revoltada.

Nas primeiras semanas, as visitas de Philip, o seqüestrador, eram inesperadas e ele sempre trazia comida, sanduíches, refrigerantes e guloseimas para agradar a vítima. Quando ele estava presente, Jaycee podia retirar as algemas e ouvia diversas promessas: a de que ele estava providenciando um ar condicionado, uma televisão, e outras coisas que ela precisasse para ficar mais feliz. Aos poucos ele tentava ganhar sua confiança e simpatia, dando-lhe presentes e tentando fazê-la sorrir imitando vozes engraçadas, por exemplo. “Ele virou o meu mundo. Eu dependia dele para comer, beber água, ir ao banheiro. Ele era a minha única fonte de diversão. Eu queria tanto ter contato humano que acabava ansiosa para vê-lo. Parecia que ele estava me dando um presente: a sua presença. Ele foi tudo o que eu conheci por meses a fio” (p.40).

O segundo abuso ocorreu uma semana após o primeiro, num dia em que ela estava extremamente fraca, pois estava sem comer há dias e desorientada temporalmente.²⁴ Ao notar Phillip se aproximar, ela sorri para que ele pense que ela está bem. “Por algum motivo, acho importante ficar feliz ao seu lado. Ele vem e se agacha, avisando que hoje vai ser um pouco diferente.” (p.43-44). E a sedução focal ocorre, sendo a criança orientada a não resistir.

Não entendo nada. Ele me força a abrir as pernas e insere a coisa dura entre as pernas dele em mim. Parece que estou sendo rasgada. Sinto como se alguma coisa fosse sair da minha barriga. Eu sou tão pequena e ele é tão grande. Tento fechar as pernas. (...). Tento pensar em qualquer coisa menos no que está acontecendo comigo. Olho para qualquer lugar, menos para o rosto dele. Posso sentir as lágrimas no meu rosto. (...). De repente, ele dá um grande gemido e joga ainda mais o peso dele sobre mim, enquanto parece desmaiar. (...). Ele finalmente se mexe e pergunta se eu estou bem. (p.46).

Estes foram os primeiros dos inúmeros estupros aos quais Jaycee foi submetida ao longo dos anos. Sua defesa, ela diz ter sido aprender a ‘ir embora’ (*sic*) durante as relações sexuais: “eu inventava histórias na minha cabeça para passar o tempo. Naqueles primeiros dias era fácil escapar para o meu mundo imaginário porque eu sempre fora uma sonhadora e tinha a minha cabeça nas nuvens.” (p.47).

Em liberdade, Jaycee afirma que lhe parece absurda a intensidade com que confiou em Philip: ele tinha resposta para tudo e era um cara legal quando não estava fazendo sexo com ela; costumava tocar violão e cantar algumas músicas que ela pedia. Aos poucos a criança passou a gostar e a depender da companhia dele, pois, segundo ela, era ingênua, acreditava em tudo que ele lhe dizia, e estava sozinha: “Estava trancada num cômodo sem ninguém por dias a fio e ele era a minha única forma de contato com o mundo exterior. Tudo o que eu podia fazer era sobreviver e agüentar.” (p.49).

Phillip agradecia Jaycee por ela estar ajudando-o com seu problema relacionado ao sexo. Ele “explica que tem um problema sexual e que me pegou para que eu pudesse ajudá-lo para que não precise incomodar mais ninguém com esse problema. Diz que isso toma toda a mente dele e que, ao lhe dar uma válvula de escape, estou salvando outras pessoas. Por que eu?” (p.66-67).

²⁴ Aos poucos, perdeu a orientação temporal, não conseguindo mais diferenciar dia e noite, mesmo que tentasse. “ele sempre me traz um refrigerante, talvez eu possa guardar o papel do canudinho e contar os dias, somando os papeis de canudinho que tenho, mas ele sempre tira o lixo da minha mão e coloca as algemas, então não tenho tempo de pegar o canudinho de papel.” (p.43).

Apesar de todos estes questionamentos, Jaycee afirma que o fato de Phillip tê-la seqüestrado para não ferir outra pessoa a fez se sentir especial e necessária.

No primeiro ano de cativo, começou a ocorrer o que Philip denominava de “maratona”: ocasião em que, após o consumo de *crank*²⁵, ele conseguia permanecer acordado e concentrado por vários dias, tornando possível a realização de todas as suas fantasias sexuais com Jaycee. Nestes momentos, pedia que a criança vestisse roupas diferentes, se maquiasse, raspasse os pêlos do corpo, verbalizasse palavras obscenas, tirasse fotos e permitisse ser filmada em diferentes posições. Após a primeira maratona, que durou 14 horas, Jaycee se consola: “Digo a mim mesma que tudo vai ficar bem. Ele vai ser uma boa pessoa em breve, que gosta de me fazer rir e me traz coisas boas para comer.” (p.68).

Ao longo dos anos, era recorrente a ameaça de que ela seria vendida para outras pessoas caso não se empenhasse em ser uma boa refém, o que desesperava a refém: “Me lembro de ter implorado, pedindo ‘por favor’ para que ele não me obrigasse a ir com outra pessoa, que eu me esforçaria, ele poderia fazer tudo o que quisesse, e eu não resistiria.” (p.69). Por outro lado, Jaycee afirma que nunca se entregou totalmente a Phillip, por mais que parecesse.

Mesmo quando voltei a fazer tudo que ele queria, eu tentava me rebelar do meu jeito. Às vezes eu não me esforçava tanto, não batia punheta tão rápido quanto poderia, esquecia (de propósito) de colocar o batom e fingia dormir sempre que ele estava entretido com a televisão. Eram pequenas coisas que ele não notava, mas me fazia bem saber que eu não estava dando o melhor de mim. (p.70).

Outra atitude sua que considera ter feito com que sobrevivesse, foi sua teimosia, diz Jaycee. “No começo, eu fazia muitas perguntas sobre tudo. Acho que sempre fui uma pessoa curiosa. Aprendi quando parar com as perguntas com Philip logo no começo. Às vezes não perguntar deixava as coisas mais fáceis.” (p.135). Isto é, a convivência permitiu que a vítima “conhecesse” o seqüestrador e usasse isso a seu favor. Além disso, aprendeu que escrever poderia aliviar sua dor emocional, mas não pôde assinar seu nome em dia algum no diário que manteve atualizado ao longo dos dezoito anos.

²⁵ Droga cujo princípio ativo é a metanfetamina, apresentando custo mais baixo do que a cocaína e com efeitos mais duradouros. Seu uso ocasiona euforia que dura vários dias, seguido de profunda depressão e paranóia. Fonte: <http://www.library.com.br/Filosofia/drogas.htm>. Recuperado em 13, Fevereiro, 2013.

Com o passar do tempo, as maratonas não eram sentidas mais como tão pesadas, e Jaycee atribuía o lado ruim de Philip às drogas. “Odeio drogas. Queria que ele não as usasse. Acho que elas o transformam em outra pessoa. Ele parece legal no resto do tempo. é assim que consigo suportar o sexo, apenas digo a mim mesma que vai acabar logo e que ele vai voltar a ser a pessoa ‘boa’ que pode ser.” (p.88). Todavia, no dia a dia, sem o uso de drogas, era comum sua mudança repentina de comportamento; Philip dizia ouvir vozes da televisão mesmo quando esta estava desligada; dizia ser um enviado de Deus para a Terra; dizia ouvir passos por trás das paredes, dentre outros sintomas que levavam Jaycee a crer que seu seqüestrador precisava de ajuda.

Durante os dezoito anos de cativo era comum a visita de alguns agentes policiais na residência de Philip, pois este se encontrava em liberdade condicional em razão de um crime de estupro cometido alguns anos antes. Todavia, nunca desconfiaram da presença de uma refém no quintal daquela casa e, mesmo quando foram apresentados à Jaycee, anos depois, não desconfiaram de que aquela jovem se encontrava desaparecida. “Não consigo entender porque os oficiais de condicional do Philip não sabiam nada sobre a propriedade ou o tamanho dela. Isso me faz acreditar que ninguém se importava ou estava procurando por mim de verdade.” (p.72).

Certo dia, Phillip lhe faz uma surpresa e lhe dá um gato de presente, o qual ela apelida de Tigresa. Todavia, alguns meses depois, quando Jaycee já estava apegada ao animal, Phillip leva-o embora, sem explicações. Posteriormente ganhou outro gato, o que a deixou muito feliz, conforme seu diário na data 16/07/1993: “Eu ganhei a Eclipse de presente de aniversário do Phil e da Nancy. Eles fizeram algo que ninguém mais faria por mim, eles pagaram 200 dólares só para eu poder ter a minha gatinha. Eu nunca vou poder retribuir isso a eles.” (p.115). Porém, em uma das maratonas Phillip levou Eclipse embora, tendo dado outro gato a Jaycee apenas quatro anos depois disso.

A esposa de Philip, Nancy, acompanhou o seqüestro, porém Jaycee só a conheceu depois de um ano em cativo. Philip orientou a vítima a ser “boazinha” com a esposa, para que esta gostasse dela e diminuísse o ciúme que sentia em relação à criança. Philip disse ainda que as maratonas realizadas junto à Jaycee serviam de ajuda para Nancy também, pois esta não gostava de praticar sexo. No ano do seqüestro, 1991, Nancy contava com 48 anos e trabalhava num asilo, dispensando cuidados básicos a pessoas idosas.

Apesar de o relacionamento de Jaycee com Nancy nunca ter sido amigável como era com Philip, a vítima considera que após terem sido apresentadas e passado a conviver, a vida em

cativeiro melhorou significativamente, pois os três começaram a passar mais tempo juntos, sendo Jaycee autorizada à se juntar ao casal em alguns períodos para jantar, assistir filmes e dormir juntos, como uma família. Em liberdade, refletindo sobre o que vivenciou, Jaycee diz: “Às vezes me sinto mal por não ter saudades de Nancy, mas, na maioria das vezes, é um alívio não ter que suportar seus humores e ciúmes. Nancy teve várias oportunidades para me deixar ir embora e nunca vou saber por que ela não fez isso.” (p.81).

No primeiro Natal em cativeiro, Jaycee tem a certeza de que o padrasto está feliz de que ela não está em casa, pois ela sentia como se sempre estivesse atrapalhando. Neste dia, “finjo que estou feliz, para que Philip e Nancy não se sintam mal. Aprendi que ter um bom comportamento faz com que eles queiram fazer mais por mim.” (p.89).

Na Páscoa de 1994, o casal comunicou à Jaycee que desconfiavam de que ela estaria grávida, devido ao seu humor oscilante e à visível mudança corporal. Seu primeiro pensamento: “Me pergunto se Philip está feliz com este bebê, mas não acho que deva perguntar isso na frente de Nancy, então vou esperar para perguntar depois” (p.126), todavia este sempre deu a impressão de estar feliz com a chegada de uma criança e nunca cogitou pedir à Jaycee que abandonasse ou abortasse o bebê. Durante a gravidez – na qual não houve realização de acompanhamento pré natal, aliás - sempre que o bebê chutava, Jaycee relata que se sentia menos sozinha no mundo, e isto lhe confortava.

O parto foi feito pelos seqüestradores, no cativeiro, em 18 de agosto de 1994, quando Jaycee tinha 14 anos, tendo o nome da criança sido escolhido por Philip e tendo esta recebido todo o apoio material necessário: fraldas, berço, brinquedos, etc. Jaycee considera que o nascimento da filha melhorou sua vida em cativeiro, pois inicialmente não ocorreram mais maratonas e nem sexo; todavia, ela começou a sentir certo ciúme do bebê, que agora era o centro das atenções, tendo ganho uma reforma no quarto secreto para melhor acomodar o bebê e o próximo que viria a dali alguns poucos anos.

Com a chegada do bebê: “Nem peço mais para ir para casa. (...) só espero que algum dia as coisas melhorem. (...). Tudo o que tenho é o Philip e ele sempre parece saber o que fazer. Aonde eu iria com um bebê? Quem iria me querer?” (p.142). Aliás, Philip sempre a elogiava por ser uma boa mãe, incentivando amamentação e a saudável relação entre mãe e filha,

Algum tempo depois, aos 17 anos, Jaycee desconfiou que estaria grávida novamente, e Philip a tranqüilizou, dizendo para não se preocupar caso esta desconfiança se concretizasse, pois um novo bebê seria muito bem vindo.

Jaycee é autorizada a de vez em quando ir para o quintal da casa. “(...) e Philip e Nancy dizem que podemos fazer churrascos aqui fora e ser uma família de verdade. Estou realmente ansiosa para ter uma família e fazer as coisas de novo. Estou engaiolada há muito tempo.” (p.152).

Em 1997, Philip decide montar uma empresa em casa, “*Imprimindo por menos*”²⁶, que realiza impressões de convites de casamento e cartões de visita. Jaycee começa a trabalhar na empresa, por ter afinidade com informática, e se torna grata por não ficar mais entediada o tempo todo, apenas cuidando das filhas; ao trabalhar pode exercitar a mente e ter contato com outras pessoas, o que faz com que seu dia a dia não seja mais tão monótono. Jaycee acessava a Internet diariamente, tanto para jogar, para produzir os deveres de casa das filhas e para trabalhar, criando os cartões encomendados pelos clientes, os quais ela também tinha contato. Ela confessa que pensou em procurar a mãe por meio da Internet, porém Philip havia lhe convencido de que tudo o que ela fazia no computador era monitorado e que se arrependeria caso decidisse procurar sua família antiga e abandonar as crianças, ele e Nancy.

Com os dois bebês, ela se pega pensando: “Agora estou em outro tipo de prisão. Livre para vagar pelo quintal, mas ainda assim prisioneira. Sinto-me ligada a essas pessoas – meus captores – por laços invisíveis em vez das constantes algemas. Ninguém parece se importar com o fato de eu estar aqui.” (p.160). Posteriormente ela ilustra o fingimento da tentativa de construção daquela família:

Sim, ele queria que nós fossemos uma família, mas quando paro para pensar vejo que estávamos apenas fingindo. Fingindo que tudo estava bem. Fingindo que as meninas não precisavam ir à escola. Fingindo que era normal que eu não dirigisse, que nós não tivéssemos amigos e que Philip ouvisse vozes. (p.175).

Com as crianças, viajam para a praia, freqüenta o salão de beleza com Nancy. Na primeira vez em que saiu em público, quando a filha menor tinha dois anos de idade, precisou cortar o cabelo curto e pintar de castanho. Ela relata:

²⁶ “*Printing for Less*”

Felizmente, o tremor não é visível, mas tremo por dentro. (...). Não estou realmente ali. Não sou uma pessoa real. Não sou ninguém. “Ninguém me vê.” (p.185). Com o tempo as saídas tornaram-se mais freqüentes e menos ansiógenas, porém “eu nunca pude afastar a sensação que alguém um dia iria dizer ‘ei, você não é aquela garota desaparecida?’”, mas ninguém fez isso. Eu não era ninguém. Ninguém me via. (p.188).

As filhas nunca foram ao médico e nem à escola. Jaycee, por meio da Internet, introduziu a alfabetização às crianças, mesmo tendo freqüentado apenas até o 5º ano escolar. É curioso o fato de, por Nancy sofrer ao ver as crianças chamando Jaycee de “mãe”, Philip sugeriu que Jaycee fosse considerada uma irmã pelas filhas, atendendo agora por outro nome, enquanto Nancy seria a “mãe” das bebês. Jaycee, sem saída, escolhe seu novo nome, “Alissa”, em referencia ao livro “Alice no País das Maravilhas.”

Nesta época, ao mesmo tempo em que queria ser encontrada pelas autoridades, temia mudanças. “Eu queria que algo mudasse. Eu queria que os agentes de condicional fizessem perguntas. Se Philip não pudesse responder, talvez algo mudasse. Eu também temia qualquer mudança que pudesse acontecer, porque não tinha para onde ir e tinha as meninas para criar.” (p.170).

Em liberdade, ela entende o jogo de manipulação a que fora submetida e que não percebia em cativeiro, e se questiona:

Dei o poder ao meu seqüestrador e o confortava, quando ele era o errado. Onde estava o meu conforto? Onde estava a minha liberdade? Por que eu sentia a necessidade de consolar o meu torturador? Violar o meu corpo já não foi o bastante? Precisava violar a minha mente também? (p.174).

Jaycee era incentivada por Nancy a “inflar o ego” (sic) do esposo, para que ele não recaísse no uso de drogas; a responsabilidade estava nas mãos dela, mas se sentia muito confusa frente ao comportamento dele, que num minuto agia como um animal, fazendo “coisas nojentas” com ela e no outro chorava e pedia perdão.

Alguns trechos de seu diário transcritos no livro:

03/05/1998: “Quem sou eu? Neste exato momento eu não sei. Não sei nem quem eu quero ser. Só sei quem eu era.” (p.196).

22/12/1998: “Eu quero que as coisas sejam diferentes, mas eu jamais mudaria algo na minha vida. Jamais voltaria no tempo e mudaria a forma como as coisas se resolveram. Eu amo minhas filhas. Não vou dizer que não tenho cicatrizes, mas são apenas alguns arranhões.” (p.199).

Em 2002, sentia a casa como ambiente seguro, e o mundo externo como terreno ameaçador. Ela diz não sentir medo quando estava em casa, mas quando saía com Nancy e inevitavelmente entrava em contato com outras pessoas, se angustiava, evitando manter contato visual.

Por vezes ela se pegava fazendo planos para o futuro com aquela que agora via como sua família:

Uma vez eu tive esse pensamento que se nós tivéssemos dinheiro e ele começasse a fazer sucesso com a música ou outra coisa, eu iria rodar o mundo procurando os melhores professores, psicólogos e médicos e ficaria nos bastidores. Eu organizaria e nós abriríamos uma clínica gratuita para pessoas sem teto interagirem com animais. Os animais me dão muito conforto, então acho que eles também preencheriam um vazio no coração dos sem teto. (p. 204).

03/05/2003: “Eu me sinto sozinha o dia todo. Eu não entendo porque fico assim às vezes. Quer dizer, eu não estou realmente sozinha. Tenho minha família e eles são ótimos. Eu realmente não sei por que me sinto assim. Eu só quero uma chance de fazer as coisas sozinha. Levar a vida que escolhi e não esta vida em que eu não tenho voz no que acontece”.

Em 2003, pela primeira vez após muito tempo, começa a se questionar e a cogitar sua real fuga, mas tais pensamentos a incomodam, fazendo-a sentir culpada. Questiona-se, aliás, se, caso pudesse escolher, ficaria com Nancy e Philip, ou se procuraria sua verdadeira família.

Por favor, pare com estas sensações de inquietude. Não consigo parar de me imaginar pegando as meninas e entrando no carro, ligando e abandonando este lugar horrível para sempre. Eu sei que não posso ir. Digo isso a mim mesma todos os dias. Mas eu quero tanto estar longe daqui que isso me consome. Para onde eu iria? Quem me ajudaria? Será que eu conseguiria arrumar um emprego? Será que ele viria atrás de nós? Eu sei que não há lugar algum para ir. Estes pensamentos e sensações precisam ser abafados. As coisas vão melhorar. Tenho que ficar dizendo isso a mim mesma. Eu nem sei dirigir, mas ainda me vejo fazendo isso só para fugir. Por favor, pare. (p.204).

Além da escrita, a leitura também lhe servia de ajuda: “Ler é uma fuga para mim.” “Quando estou lendo eu posso me perder, talvez até me tornar as belas mulheres sobre as quais leio. Mulheres fortes, independentes que fazem coisas por si mesmas.”

Preocupada com sua aparência física e o visível aumento de peso após as duas gravidezes, passa por um período com baixa autoestima. Todavia, não se permitia se lamentar, como se a lamentação fosse certa ingratidão frente a tudo o que Philip e Nancy faziam por ela. “Por que eu me importo tanto com minha aparência? Minha família me ama do jeito que sou, eles são os únicos que me vêem, então por que eu me importo? Mas eu quero ser bonita.” (p.208).

02/09/2003:

Não entendo por que não estou feliz. Eu sou feliz... Quer dizer, eu deveria ser feliz. Tenho muito mais do que as outras pessoas. Eu só fico com raiva porque nunca mais vou ver a minha amiga [Jessie] ou a minha família verdadeira. Acho que, de certa forma, eu nunca os conheci de verdade, nunca tive a chance de conhecê-la [minha mãe] de verdade.” (p.209).

Aliás, sobre a mãe, ela se pergunta: “Por que eu tenho que sentir tanta falta dela [da minha mãe]? Ela não faz parte da minha vida há muito tempo; eu nem lembro da aparência dela. Será que eu a reconheceria se a visse? (...). Minha última lembrança é dela se esquecendo de me dar um beijo de despedida naquela manhã. (p.205).

07/02/2004: “Às vezes acho que estou sendo muito dramática e reclamo demais. Que motivo eu tenho para reclamar? Tenho comida, tenho abrigo da chuva – bom, a menos que minha barraca esteja vazando. Eu não quero magoá-lo [Philip], às vezes acho que a minha presença o magoa.” (p.215); neste período, aliás, se culpava por não ser o que Philip esperava que ela fosse.

27/06/2004: “Será que eu tinha uma escolha ‘aquele dia’? Poderia ter escolhido ficar em casa em vez de ir à escola? Eu teria ficado de castigo, mas minha vida não teria mudado tão completamente. Será que eu escolheria estar aqui mesmo com tudo o que aconteceu?” (p.217).

Em 24 de agosto de 2007, Philip foi ao escritório do FBI em São Francisco, em visita rotineira, acompanhado das duas filhas pequenas. Jaycee concordava com estas saídas por proporcionar uma oportunidade às crianças de saírem um pouco de casa. Uma semana depois, Philip foi preso, por ter violado as regras da condicional, o que desestruturou a dinâmica familiar. Com seu retorno ao lar, as visitas dos agentes da condicional na residência de Philip se tornaram mais frequentes na residência de Philip, e por isso suas saídas diminuiriam, para evitar criar

indisposição com os agentes. Além disso, o retorno de Philip para casa alimentava seus delírios de estar acima da lei:

Philip acreditava que todas as coincidências que lhe aconteceram desde o dia em que me seqüestrou e não foi visto por ninguém até aquele momento, como a incapacidade dos oficiais de condicional de prendê-lo, não eram apenas mera coincidência e sim obra dos anjos. (...). Sempre acreditei que anjos eram bons e isso me confundia ainda mais. Será que Philip era realmente especial e digno de proteção aos olhos de Deus ou estava apenas inventando essa história toda para dar uma desculpa a si mesmo? E eu? Eu não valia nada e era só um objeto a ser usado? (p.234).

Alguns dias após o retorno de Philip, ele e sua família vão ao escritório do agente da condicional, em mais uma visita rotineira. Caso alguém lhe perguntasse algo, Jaycee deveria dizer que era mãe das meninas, que dera permissão para deixá-las com Philip e que ela sabia que ele era um criminoso sexual. Caso houvesse mais perguntas, deveria solicitar um advogado, conforme orientação de Philip. “Eu estava com medo de dizer algo errado e estragar o plano dele, seja lá qual fosse.” (p.235). Após interrogá-la por vinte minutos, perguntando quem ela era e qual era seu objetivo ao ficar com os Garrido, o agente a liberou. Jaycee foi para o carro esperar por Philip, acompanhada por Nancy, porém foi mais uma vez chamada por um dos agentes, que disse que havia mais algumas perguntas a lhe fazer, separadamente. Em uma sala privada, o agente acusou Jaycee de estar mentindo, pois ela não era mãe daquelas duas crianças que a acompanhava, pois Philip havia dito que ela, Alissa, era sua sobrinha, bem como as duas crianças. “Eu não sabia o que dizer. Não conseguia pensar num motivo para Philip dizer isso depois de ter me orientado a dizer a todos que eu era mãe das meninas. Sentia que ele havia me abandonado.” (p.237).

Sem saber o que dizer, Jaycee inventou que Philip estava mentindo por ela, que ela estava fugindo de um marido agressivo, que Philip havia lhe dado abrigo e que ela não queria que ninguém soubesse onde estava. “Eu estava muito apavorada e mesmo estando perto de ter a minha vida de volta, ainda não conseguia quebrar o muro que ele havia construído dentro de mim.” (p.238).

De vítima, passou a ser suspeita, pois os agentes acharam que ela havia seqüestrado as crianças e fugido de algum lugar. Novamente sem saber o que fazer, Jaycee pediu para ver Philip. “Olhei para ele e perguntei, na frente dos agentes, o que deveria fazer. (...). Eu não sabia o que

fazer. Ele sempre tivera todas as respostas. Agora ele só me encarava com um olhar morto e dizia que eu precisava de um advogado.” (p.238). Após isso, uma nova agente apareceu.

Ela perguntou o meu nome de novo e respondi que não podia dizer. Ela me disse que tudo acontece por um motivo e que tudo ia ficar bem. E foi embora. Fiquei sozinha de novo. Ela voltou algum tempo depois. Pareceu uma eternidade. Devo ter ido ao banheiro um milhão de vezes. Quando voltou, ela disse que o Philip tinha confessado. Com estas palavras: ‘Ele confessou que seqüestrou você há muitos anos.’” (p.239). Depois de muito esforço e resistência, “contei a ela que não falava meu nome há dezoito anos. Eu disse a ela que escreveria num papel. E foi o que fiz. Com as mãos tremulas escrevi naquele papelzinho as letras do meu nome. (p.238).

Por telefone, após dezoito anos, ouviu a voz de sua mãe e se encontraram no dia posterior.

Philip Garrido foi condenado a 431 anos de prisão, pelos crimes de seqüestro, de abuso sexual e de cárcere privado. Nancy Garrido, por sua vez, após acordo com a Promotoria, teve sua pena de prisão perpétua reduzida a 36 anos, respondendo pelos crimes de seqüestro e cárcere privado.

Em recente evento sobre Direitos Humanos, na cidade de *Sonoma County*, Califórnia, EUA, a mãe de Jaycee, Terry Probyn, compartilhou com o público os 18 anos de tristeza frente o desaparecimento da filha e sua resistência em acreditar na Polícia, que lhe dizia que as chances de encontrar Jaycee viva após tantos anos desaparecida eram praticamente nulas.²⁷ A família criou uma Fundação chamada *JUST ASK YOURSELF TO CARE* dedicada a ajudar familiares de pessoas seqüestradas.

²⁷ Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2134938/Terry-Probyn-Jaycee-Dugards-mother-speaks-daughters-kidnap-reunion-18-hellish-years.html>, recuperado em 20, janeiro, 2013.

5. A EXPERIÊNCIA DE ESTAR CATIVA

Estes relatos abrem a possibilidade de indagarmos as respostas de Natascha e Jaycee frente ao seqüestro e ao cativo, e para isso temos como base o suporte teórico da psicanálise, especialmente a Teoria da Sedução Generalizada (TSG) e autores como Roisin (2010), Hermann (1997) e outros que eventualmente possam contribuir para a discussão.

Para apresentar nossa interpretação sobre os casos, faremos uso do esquema de Mello Neto e Martinez (2012), que, como exposto na Introdução, elenca quatro níveis de análise da situação: 0, I, II e III. O nível 0 se refere à situação externa; o nível I diz respeito à vivência do trauma; o nível II, por sua vez, trata da instalação do sintoma/defesa; e, por fim, o nível III, que se refere às traduções feitas pelo traumatizado. Em acréscimo a estes quatro, consideramos ser interessante pensar num quinto nível, referente ao retorno do sujeito ao convívio comunitário, como se dá este “retorno para casa” e a integração da experiência no *après-coup*, se é que houve integração, ou se a mensagem permaneceu tal qual recebida, por exemplo. Adiantamos de antemão que, considerando o prolongado período em que as vítimas permaneceram em cativo, a nosso ver o *après-coup* esteve ativo em todos os níveis, estando as mensagens submetidas a um incessante trabalho de destradição e retradição ainda em cativo, e não apenas após ele.

Antes, contudo, retomaremos dados sobre a atmosfera familiar das vítimas na ocasião do seqüestro, pois nos darão base para fundamentar nossas suposições a respeito da vivência do trauma ao longo dos próximos capítulos.

Natascha inicia seu livro expondo o contexto em que se deu seu nascimento, seu crescimento, sua relação com seus pais, sua vida escolar e como se sentia na época em que foi raptada por Wolfgang Priklopil. Trata-se de um período conturbado para a criança, cuja insegurança, anteriormente já sentida, intensificou-se com o divórcio dos pais. Aos dez anos, o pai já não era aquele idealizado da infância; a relação com a mãe, já deteriorada, abalou-se ainda mais. Natascha não faz referência a amigos ou à relação com suas irmãs. A única pessoa que cita com certo apego é a avó paterna; porém na época do seqüestro esta relação já se encontrava estremecida, pois Natascha havia crescido e perdido o interesse nos programas que costumava fazer com a avó. Na escola e na vizinhança, relata que se sentia deslocada, como se não fizesse parte daquilo; é vítima de *bullying* e considera-se feia e gorda.

No entanto, mesmo mencionado, na maior parte das vezes, apenas aspectos ruins de sua infância, Natascha fala reiteradamente sobre a esperança que depositava no futuro já nesta época. Quando em cativeiro, notamos que também não deixou de ser esperançosa, o que nos dá indícios do modo com que encarava as dificuldades com quê se deparava antes de se encontrar cativa.

Jaycee, por sua vez, na ocasião do seqüestro, em 1991, havia se mudado recentemente para a cidade de *Lake Tahoe*, Califórnia, com sua mãe, seu padrasto e sua irmã recém-nascida. Ela estava se adaptando à nova cidade e à nova escola, e não havia feito muitas amizades ainda, pois sua introversão dificultava este processo, diz ela. Além disso, a visível mudança corporal pela qual estava passando aumentava ainda mais sua timidez e vergonha de exhibir-se. Os pêlos que estavam começando a crescer em seu corpo, por exemplo, a deixavam insegura quanto a um passeio no parque aquático que ocorreria dali a algumas semanas, e sua mãe ainda não permitia que ela se depilasse.

Esta vítima conta também que não tinha boa relação com o padrasto, que é implicante e critica constantemente seus hábitos, por exemplo. Ela relata que anseia para ir à escola na maioria dos dias, pois ao menos neste período ficaria longe de tais críticas, que a incomodavam. É o padrasto, aliás, responsável por lhe dar carona até a escola, pois a mãe saía cedo para trabalhar, mas eventualmente Jaycee fazia este trajeto a pé ou de ônibus, o que ela até preferia. Naquela manhã de segunda feira, ela escuta a porta de casa bater e se dá conta que a mãe saiu para trabalhar sem lhe dar um beijo de despedida, mesmo a filha tendo feito questão de lembrá-la no dia anterior. “Bom, tem sempre a noite para dar um beijo e um abraço na minha mãe quando volta do trabalho. Mas vou reclamar que ela se esqueceu.” (Dugard, 2011, p.13).

Ao sair de casa, grita para Carl, seu padrasto, que já estava saindo, mas não ouve resposta dele. Dirigindo-se ao ponto de ônibus, ela reflete:

Penso que às vezes minha vida parece ser ditada por outra pessoa. Por exemplo, quando brinco com as minhas *Barbies* posso planejar a vida delas para que façam tudo o que quero. Às vezes sinto que é isso que fazem comigo. Parece que a minha vida já foi planejada, de que jeito não sei, mas hoje me sinto como uma marionete e não faço idéia de quem está puxando as cordinhas. (p.21).

Com isso, nossa idéia é que, tendo o rapto ocorrido num momento conturbado destas vítimas, um de seus efeitos foi deflagrar ou fazê-las criar uma espécie de projeto transferencial frente à insatisfação que vivenciavam, tendo este, inicialmente, função de defesa. Esta

nomenclatura foi proposta Mello Neto (2012b) a partir de sua experiência clínica. Segundo o autor, certos pacientes procuram a análise com alguma espécie de projeto, por exemplo: desejam um analista do sexo oposto ao do analista anterior. “(...) O paciente não sabe muito dizer por que fez essa espécie de escolha, mas notemos que uma pequena parte dela é consciente: ele ou ela já sabem ao menos o sexo ou gênero do analista que querem e esse não me parece um saber tão pequeno” (s/p).

Conscientemente, o projeto – não necessariamente transferencial, ainda – destas vítimas diziam respeito a, futuramente, não terem mais suas vidas controladas por um outro. Todavia, existe aí uma dimensão inconsciente também, como sabemos, e, do mesmo modo que na experiência psicanalítica, é impossível prever seu desfecho. Assim como o analista assume o papel de guardião do enigma, Natascha e Jaycee colocaram seus algozes no campo transferencial aí criado.

Neste processo, o analista e o paciente possivelmente representam um para o outro, o outro da sedução generalizada e, então, seus discursos são enigmáticos; o analista envia todo o tempo para o analisando frases enigmáticas e o faz propositadamente, e o paciente todo o tempo também está, com sua angústia, dizendo ao analista decifra-me ou te devoro. (Mello Neto, 2012b, s/p)

Com isso, nos questionamos: nestas vítimas, até que ponto esta relação fracassada com as figuras parentais irão determinar uma reedição desses padrões de relação assimétrica em cativo?

Vamos aos níveis de análise da situação.

5.1 Nível 0 – Reabertura da sedução originária

Feitas as breves considerações acima, passemos ao esquema proposto por Mello Neto e Martinez (2012), no qual o nível 0 diz respeito à situação inicial, externa, possível desencadeadora de um trauma. Este nível corresponde à ocasião em que, indo sozinha para a escola pela primeira vez, sem se despedir propositalmente da mãe, Natascha demarca o início de uma nova vida aos recém completados 10 anos: É forçadamente pega por Priklopil e colocada dentro de seu carro. Não sabemos se a escolha pela vítima foi aleatória ou se o seqüestrador vinha

monitorando a rotina da criança – é possível que ela não tenha sido escolhida de antemão, pois este foi o primeiro dia em que saiu sozinha de casa para ir à escola, desacompanhada de um adulto. No entanto, a intenção de manter alguém em cativeiro foi premeditada, haja vista a engenhosa construção e adaptação que Priklopil fez em sua residência para este fim. Jaycee também relata a ocasião do seqüestro num dia atípico, em que saiu de casa chateada com a mãe, pois esta havia ido trabalhar sem lhe dar o beijo de despedida habitual. A criança, com 11 anos, foi raptada pelo casal Philip e Nancy Garrido ao se dirigir ao ponto de ônibus da escola. Aqui também não temos a informação sobre a escolha prévia de quem seria a vítima, e também não sabemos o que motivou o casal a raptar e manter uma criança em cativeiro durante quase duas décadas.

Inicialmente, nos remetemos à idéia freudiana contida em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1917/1986) referente à dimensão econômica envolvida na efração do escudo protetor quando da invasão do psiquismo por um excesso de excitação. Não podemos desconsiderar tal excesso e despreparo nestas crianças frente ao susto de serem retiradas forçosamente de suas rotinas por um desconhecido, de serem levadas a um local estranho e de lá permanecerem durante grande parte de suas vidas.

Este nível ainda não envolve uma resposta individual por parte da vítima, sendo ela passiva neste primeiro momento, até que a excitação proveniente da mensagem depositada comece a agir como um corpo estranho interno e demande tradução. Deste modo, a mensagem permanece, inicialmente, sob domínio do inconsciente encravado (Laplanche, 2003), isto porque, “entre o experienciar uma situação potencialmente traumática e sua vivência realmente subjetiva há uma latência que pode durar, por vezes, um tempo considerável.” (Mello Neto & Martinez, 2012, s/p).

Todavia, notamos que o período compreendido entre o recebimento da mensagem e sua demanda por tradução foi breve nos casos aqui estudados, pois questionamentos advieram logo após o susto e o excesso – “Será que isto está realmente acontecendo? Comigo? (...). Ele vai pedir resgate? Quem vai pagar? Para onde está me levando? Que horas são? (...). O que ele quer de mim?” (Kampusch, 2010, p.38) – e já indicam uma tentativa de enigmatização e tradução da mensagem abruptamente recebida. Teriam estas enigmatizações iniciais a ver com a tentativa de encobrir o horror da realidade e/ou de dar um sentido para aquele evento?

Temos a impressão de que o nível 0 coloca o sujeito numa posição que se aproxima em muito da sedução originária, isto é, da Situação Antropológica Fundamental proposta na Teoria da Sedução Generalizada. Relembrando brevemente, a SAF seria a ocasião em que o adulto, por meio do cuidado, emite à criança mensagens não verbais, verbais e comportamentais, que carregam significantes sexuais inconscientes. (Laplanche, 1992b). Todavia, ao mesmo tempo em que seduzem, estes significantes traumatizam, pois não são transparentes, não envolvem apenas o cuidado; são significantes opacos e veiculam um enigma, tanto para o adulto quanto para a criança. Vale dizer que enquanto o caráter enigmático para a criança se deve à falta de recursos para a decifração, o enigma para o adulto é devido ao fato de se ver às voltas com algo em si que lhe é estranho – seu inconsciente, que inevitavelmente entra em cena neste encontro.

A criança em questão [...] está sempre num estado chamado de imaturidade, de incapacidade, de insuficiência em relação ao que lhe acontece. [...] É esta defasagem que é o terreno do trauma. Podemos lançar a comparação com a neurose traumática do adulto, onde o essencial do trauma decorre do caráter fortuito do incidente, portanto, do fato de que o sujeito não está preparado para aquilo. Pois bem, o despreparo da criança é fundamentalmente sinônimo de sua “Hilflosigkeit”, ou, então, como se expressa aqui Freud, de um certo estado infantil das funções psíquicas, assim como do sistema sexual. (Laplanche, 1987/1992b, p. 114)

Como afirma Hermann (1997), o trauma é a aflição dos que não têm poder, dos que se deparam com sua impotência, pensamos. Destarte, nossa hipótese do trauma atual como reedição do trauma originário se justifica pela passividade das vítimas frente ao que vem de fora, numa situação visivelmente assimétrica entre elas e seus agressores. Ademais, estes emitem mensagens enigmáticas em direção ao outro, que ficam no inconsciente encravado, à espera de uma possível tradução. Quanto à mensagem, neste momento, não se trata, ainda, de algo psíquico propriamente dito (Carlich *et al.*, 2009), mas da matéria bruta de algo que pode vir a se tornar psíquico, quando traduzida e incorporada ao psiquismo em questão.

Reiteramos nosso ponto de vista de que este nível fora breve nos dois seqüestros; houve uma efração do sistema defensivo do aparelho psíquico e uma conseqüente busca de ligação desta energia desligada, levando ao movimento de tentativa de tradução e integração da mensagem para torná-la algo psíquico.

Propomos nesta dissertação a condição de estar cativa como uma reedição da gênese do psiquismo, mas não podemos nos esquecer que, um dos pontos em que diferem se refere ao fato de que as vítimas aqui estudadas já contavam com a idade de 10 e 11 anos quando da ocorrência

do seqüestro, isto é, já possuíam um inconsciente marcado pelo sexual. Isto nos mostra que elas não apenas receberam mensagens, mas também emitiram. Diferentemente da criança da SAF, Jaycee e Natascha teoricamente tinham certo aparato para responder ao que vem do exterior, não apenas no plano da adaptação, da autoconservação, do apego, mas também e, principalmente, no plano sexual – todavia sabemos também que, ante ao excesso desmedido, tal aparato é insuficiente. Pretendemos abordar esta e outras peculiaridades que fazem com que o trauma atual ultrapasse o originário, ao longo dos níveis a serem comentados.

5.2 A mensagem do algoz

É preciso discutir brevemente a idéia de mensagem proposta pela Teoria da Sedução Generalizada (TSG). Mensagem e comunicação são os grandes conceitos desta teoria, que postula a primazia da alteridade não apenas quando da fundação do inconsciente, mas nos encontros inter-humanos posteriores, numa constante troca de mensagens, sempre parasitadas pelo inconsciente do emissor.

Levando em consideração que a TSG propõe o carácter não metabolizável da mensagem violentamente implantada, é válido nos questionarmos até que ponto a mensagem foi realmente intrometida nos casos que estamos estudando aqui. Em *Implantação, Intromissão*²⁸, Laplanche (1992b) define esta como a variante violenta do processo de implantação. Alguns anos posteriores, em *Três acepções da palavra inconsciente*, ele afirma que, quanto a isso, o que conta no encontro entre o adulto e a criança é “o que faz o receptor, isto é, precisamente a tentativa de tradução e o necessário fracasso desta tentativa. (Laplanche, 2003, p.405). Posteriormente, em entrevista a Luchetti (2009, s/p), o autor é questionado novamente acerca dos tipos de mensagens, e diz: “(...) não estou seguro de que sejamos capazes de distinguir de entrada, desde o exterior, se uma mensagem está implantada ou intrometida. Apenas o futuro – aquele da tradução ou de seu fracasso, o dirá.” Isto nos leva a crer que, a princípio, não cabe a categorização de dois tipos de mensagem, pois toda mensagem é implantada, num primeiro momento. A diferenciação virá depois (*après-coup*), se foi ou não possível a sua tradução.

²⁸ Título original: *Implantación, Intromission*.

Apesar de esta pesquisa ter como foco o receptor da mensagem, isto é, a reação da vítima quando se depara com o excesso, não podemos deixar de lado o outro elemento desta comunicação, isto é, o emissor.

Não é nossa intenção diagnosticar Phillip Garrido e Priklopil Wolfgang, todavia, observamos neles traços não neuróticos. Phillip havia sido condenado pelo crime de estupro a uma adolescente em anos anteriores ao seqüestro da criança Jaycee; ouvia vozes vindas do aparelho televisor, mesmo quando este se encontrava desligado; permanecia durante horas com o rosto encostado à parede para conseguir ouvir melhor o que se passava “do outro lado”; explicava suas explosões de raiva dizendo que era culpa dos “anjos maus”; considerava-se um enviado especial de Deus, dentre outros exemplos que a vítima conta ao longo de sua narrativa. Priklopil, por sua vez, era extremamente obsessivo quanto à limpeza e quanto ao controle sobre Natascha, chegando a instalar um temporizador no porão em que esta era mantida, para poder controlar seus movimentos. Além disso, eram constantes e bruscas suas mudanças de humor.

Sabemos que toda mensagem é comprometida pelo inconsciente, visto que a sexualidade infantil do adulto é reativada no encontro com a criança. No entanto, nos pedófilos esta ativação é maciça. E então, como fica a comunicação nestes casos? Esta já era, aliás, uma preocupação de Laplanche (2007b, p.73) ao apontar a necessidade de pesquisas no âmbito da pedofilia, questionando: “Existe mensagem quando esta não é comprometida, mas habitada sem distância pelo inconsciente? (...). Há mensagem quando esta veicula e impõe seu código, impondo então uma tradução que não é outra coisa do que a mensagem ela mesma?”²⁹

Barrois (1985) citado em Cardoso (2011, p.249) discorre sobre os estados traumáticos, e, nestes eventos, considera “legítimo interrogar-se se a mensagem, em vez de ser enigmática, não é, ao contrário, de uma verdade e de uma clareza absolutas. O enigmático só adviria para encobrir a evidência.” Com esta idéia, Cardoso (2011, p.76) sugere que se examine o estatuto singular destas mensagens, pois entende que “um acontecimento externo, possível desencadeador de um estado traumático, se apresenta ao sujeito como elemento que se impõe ao seu psiquismo, que o invade qual mensagem, neste caso, mensagem ‘ultraclara’, poder-se-ia dizer, antienigmática.”

²⁹ “Y-a-t-il message quand celui-ci n’est plus compromis mais habite sans distance par l’inconscient? (...). Y-a-t-il message quand celui-ci véhicule et impose son code, donc impose une traduction qui n’est pas autre chose que le message lui-même?” (Laplanche, 2007b, p.124).

Isto coloca em cena o inconsciente encravado laplancheano, pois trata da irredutibilidade desta mensagem, mantendo sua condição de corpo estranho interno devido ao fracasso radical em traduzir. Todavia, como bem aponta a autora, mesmo nestes casos, em que ocorre a invasão de forças desligadas, já há ativação de alguma defesa, mesmo que de modalidade elementar. Vamos a elas.

5.2 Vivência do trauma e início da defesa: tradução precária da mensagem – Nível I

Não tendo sido possível evitar o acontecido ou escapar neste momento, temos o despreparo, a passividade, o excesso e a assimetria, os quais ocasionam a efração do psiquismo e nos faz entrar no nível I, que trata da vivência do trauma. A mensagem foi depositada e demandou tradução. A excitação está ali, e agora, o que fazer com ela? É possível escoá-la ou será impossível sua metabolização? Em outras palavras: Do que depende o sucesso da tradução da mensagem?

A percepção da ameaça vital é, para Roisin (2010, p.12) o gatilho do trauma, pois se refere ao “conhecimento, pelo sujeito, que a destruição de um objeto vital pode efetivamente se produzir na realidade e não apenas no fantasma”³⁰, isto é, trata-se de um perigo real. Consideramos que, num episódio violento como o de rapto seguido do cativo, a ameaça de aniquilação, resultado da efração, é o que impulsiona à criação/percepção do enigma, “provocando” a mensagem para que esta demande tradução, e este processo ocasiona reações de mobilização de defesa a qualquer custo, ainda que precária. Este “cair em si” foi a percepção das vítimas de que, por mais insatisfeitas que se encontrassem, haviam sido realmente raptadas, isto é, o que estavam vivendo não se tratava de um pesadelo. A percepção do perigo constante, aliás, aumentou ainda mais nas primeiras semanas quando, dia após dia, a polícia ou os pais, tidos como figuras protetoras, não apareciam para tirá-las dali, mas apenas Priklopil e Philip.

Um ponto a considerar é que, na situação de cativo, têm-se o momento do rapto e depois as constatações sobre realidade da situação, o que não é repentino, mas não deixa de ser traumático. Pouco a pouco as vítimas vão se adaptando àquela nova realidade, como elas dizem, e com isso pensamos que o modelo freudiano do susto, da angústia automática, cede lugar à

³⁰ “La saisie par le sujet, que la destruction d’un objet vital peut effectivement se produire dans la réalité et pas seulement dans le fantasme.” (Roisin, 2010, p.12).

angústia sinal, isto é, a resposta antecipada, protetora. Em *Inibições, sintomas e ansiedade* (Freud, 1926/1986) discorre sobre a reação frente a um perigo, e diferencia dois tipos de angústia aí advinda: uma primeira maneira, considerada inadequada, frente a uma nova situação de perigo – “angústia automática” – e uma segunda, que ocorre quando a situação já é conhecida e surge no intento de impedir que tal situação ocorra novamente – “angústia sinal”. “A angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de *perigo* e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete.” (Freud, 1926/1986, p.133). Deste modo, é possível supor que o modelo freudiano de efração frente ao inesperado teria ocorrido apenas no momento inicial, quando do rapto; com o passar do tempo, supomos que a angústia automática teria cedido espaço para a angústia sinal.

Vemos que o instante da constatação efetiva do perigo e da ameaça de morte desencadeiam uma série de inquietações e intensificação das enigmatizações frente à situação. Inicialmente esta tentativa de ligação é vista por meio dos questionamentos e respostas das vítimas - como que para explicar o que estava lhe ocorrendo. Diz Freud (1917/1986, p.40): “Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis.”

O interessante é que estas meninas se descrevem como tímidas e com dificuldades na interação social naquela idade, porém, ao se darem conta do perigo real ao qual estavam de repente submetidas, não fugiram e não paralisaram, pelo contrário, lutaram, por meio da interação com os homens responsáveis pelo que estava acontecendo. “(...) Perceber e reagir imediatamente ao que se percebe a fim de sobreviver. Seria essa a tradução mais simples do traumático.” (Endo, 2009, p.343). Nos primeiros minutos em cativeiro, Jaycee pediu ao seqüestrador permissão para acariciar os gatos da casa, enquanto Natascha questionou-o: “Qual seu nome? (...). Esta não é sua casa? (...). Você vai me violentar?” (p.30) – e não deixou de fantasiar sobre para onde seria levada depois dali e o que lhe aconteceria. Na primeira noite presa,

quando o seqüestrador voltou ao quarto, pedi que ele ficasse comigo, me colocasse na cama e me contasse uma história. Eu queria que ele me desse um beijo de boa noite, como minha mãe me dava antes de fechar a porta do quarto, em silêncio. Tudo para manter a ilusão de normalidade. E ele colaborou. (Kampusch, 2010, p.46).

Talvez esta primeira reação não tenha ocorrido apenas para manter a normalidade e encobrir a realidade dolorosa, mas para manter um laço libidinal capaz de fazer frente ao excesso, para ligar a pulsão, para evitar a todo custo que continue desligada.

Em cativeiro, Natascha e Jaycee sofreram variados métodos de tortura, como: iluminação constante – o que induz a vítima a um estado de vigília artificial, alteração do biorritmo, do padrão de sono e, conseqüentemente, alteração do funcionamento cerebral; barulho permanente, indiferenciação entre dia e noite; privação de companhia, de alimento, de ventilação; perda de autonomia quanto a necessidades fisiológicas, atividade motora, devendo, em certas ocasiões, pedirem permissão para andar ou se levantar, por exemplo. “O perpetrador supervisiona o que a vítima come, quando dorme, quando toma banho, que roupa veste.” (Hermann, 1997, p.132).

Além disso, infligir o trauma sistematica e repetitivamente é o que assegura o domínio de uma pessoa sobre a outra. As técnicas utilizadas são criadas para causar terror e desamparo na vítima, e também para destruir seu sentido de eu em relação aos demais. (Hermann, 1997). Esta submissão teve início já no primeiro dia de cativeiro e perdurou até o último. Durante os oito anos em que viveu com Priklopil, Natacha devia pedir-lhe permissão para ir ao banheiro, para tomar banho, para comer, e, certas vezes, até para falar, configurando uma posse total do objeto, e os relatos nos dão inúmeros exemplos disso: “Tinha de ficar em pé, sentar ou andar sempre que o seqüestrador quisesse. Tinha de pedir permissão quando queria me levantar ou me sentar, antes de virar a cabeça ou esticar o braço. Ele me dizia em que direção olhar e me acompanhava até o banheiro.” (Kampusch, 2010, p.122). Quanto a Jaycee, notamos esse domínio de Philip principalmente no que se refere às questões sexuais; exigia que ela raspasse seus pelos, vestisse as roupas que ele lhe trazia, se maquiasse, permanecesse em determinadas posições, na ocasião das “maratonas sexuais” realizadas freqüentemente.

Outro ponto é que, visando debilitar ainda mais suas vítimas, Philip e Priklopil as isolaram de qualquer outra fonte de informação, além das que eles permitiam. Por exemplo: os programas de televisão aos quais Natascha tinha acesso eram todos gravados previamente; ela era autorizada a ouvir rádio, mas este emitia apenas transmissões na língua tcheca, o que aumentava seu sentimento de solidão e impotência, segundo ela. Desta forma, a referência de mundo das vítimas passa a ser a de seus algozes, e se deparam com a impotência deflagrada aí: todas as decisões sobre a vida da refém - e até a decisão sobre a preservação ou não da mesma – de repente está nas mãos de um desconhecido. A gratidão sentida tanto por Natascha quanto por

Jaycee, em relação à Priklopil e Philip, respectivamente, pode ter ligação com isso; são seus salvadores, pois poderiam tê-las matado, mas não o fizeram. É interessante também que tanto Natascha quanto Jaycee relatam a necessidade que sentiam de, por algum motivo, agradar os seqüestradores nas semanas iniciais. “Por algum motivo, acho importante ficar feliz ao seu lado.” (Dugard, 2011, p.43).

A submissão da vítima é o primeiro objetivo do perpetrador, juntamente com a demonstração de respeito, gratidão e até amor; isso tudo no intuito de criar uma vítima complacente. (Hermann, 1997). É como se estes momentos iniciais servissem para ‘moldar’ a vítima aos poucos, com a destruição dos objetos tanto físicos quanto imaginários de sua vida anterior – tanto é que ambas tiveram todos os seus pertences pessoais recolhidos. A tentativa brusca de destruição da identidade da vítima é vista também por meio da proibição de fazerem referência à suas rotinas anteriores, suas famílias e, depois de um tempo, até seus nomes foram alterados. Natascha passou a responder por “Bibiana”, nome este que, aliás, aceitou sem resistência, pois ‘Natascha’ “continha tudo de que eu não gostava em minha vida antiga. Tudo de que eu queria me livrar, tudo o que eu era forçada a deixar para trás” (Kampusch, 2010, p.117). Jaycee também ganhou um novo nome, “Alissa”, nome por ela escolhido – em referência ao seu livro favorito, *Alice no país das maravilhas* – e pelo qual suas filhas passaram a lhe chamar. Lembremos aqui que as filhas de Jaycee foram criadas pensando que esta era, na verdade, uma irmã, e chamavam Nancy de “mãe.”

Na tentativa de encontrarem uma justificativa para o que estava acontecendo, percebemos que a culpa, por parte da vítima, perante a experiência traumática, vem como uma tentativa de enigmatização. Ao encontrar justificativas, seja por meio da culpa ou qualquer outra defesa, consegue-se dar um sentido, mesmo que precário, àquele corpo estranho interno, da mensagem intrometida. Laplanche (1992a) em *Reparação e retribuição penais: uma perspectiva psicanalítica*³¹ propõe uma teoria endógena da culpabilidade: a culpa seria uma modalidade da angústia, e esta seria o resultado do conflito pulsional interno. A culpa, então, seria coextensiva ao inconsciente, e já uma via de simbolização, portanto, tradução. Hermann (1997) apresenta uma explicação psicológica ao afirmar que, para a vítima, muitas vezes a culpa é de si própria, de não ter reagido para evitar o acontecido, ou, no caso de Natascha, de ter saído sozinha justamente

³¹ Título original: *Réparation et retribution penales: une perspective psychanalytique.*

naquele dia. Isto porque, imaginar que poderia ter feito melhor é mais tolerável do que enfrentar a realidade de estar totalmente indefesa. Em um trecho de seu diário de 2004, Jaycee se pergunta: “Será que eu tinha uma escolha ‘aquele dia’? Poderia ter escolhido ficar em casa em vez de ir à escola? Eu teria ficado de castigo, mas minha vida não teria mudado tão completamente. Será que eu escolheria estar aqui mesmo com tudo o que aconteceu?” (Dugard, 2010, p.217).

Ora, todos estes métodos de tortura utilizados, juntamente com o impacto da violência sofrida, de serem retiradas de seus meios por desconhecidos, privadas de contato com o mundo exterior, submetidas a abusos dos mais variados tipos e temendo que os seqüestradores realizassem as ameaças que lhes faziam, teoricamente levariam a um quadro de neurose traumática, e notamos ter havido sintomas iniciais desta, como a hiperativação, a *intrusão* e *constricção* (Hermann, 1997), além do medo, do susto, e das ameaças. Estamos discorrendo aqui sobre traumas múltiplos e complexos. Hermann (1997) elenca três categorias principais de sintomas decorrentes deste tipo de vivência traumática: *hiperativação*, *intrusão* e *constricção*, os quais consideramos fazer parte dos períodos iniciais do cativo, em que sintomas de neurose traumática se formaram, numa tentativa de defesa.

A *hiperativação* é caracterizada pela constante expectativa de perigo, e no caso de Natascha, esteve presente o tempo todo, diz ela. Inicialmente, seu maior medo era dos “verdadeiros seqüestradores”, isto porque Priklopil dizia ser apenas o intermediário do crime. Segundo ele, seus clientes haviam solicitado a “aquisição” de uma criança e logo chegariam para levá-la dali, o que aumentava o pânico da vítima.

Ainda quanto à *hiperativação*, Hermann (1997) ressalta que a característica do medo constante não é oriunda, necessariamente, da violência física. Em Natascha, por exemplo, o início das agressões físicas coincidiu com sua entrada na puberdade, no entanto, as ameaças eram constantes: “Não é necessário usar a violência de maneira freqüente para que a vítima viva em um constante estado de medo. A ameaça de morte ou de sofrer um dano grave é utilizada com mais freqüência do que a própria violência” (Hermann, 1997, p.131), isto porque estimula ainda mais o fantasiar, talvez. A morte, como dissemos, sempre foi um tópico presente no cativo; elas sabiam da possibilidade real dos seqüestradores matarem-nas, caso desejassem. Em Natascha, aliás, o perigo da morte também vinha à tona nos períodos em que não era alimentada, tendo ficado subnutrida durante algumas épocas e também quando sofria graves ferimentos ocasionados pela mudança brusca de humor do seqüestrador.

O único sentimento que eu não era capaz de evitar era o medo mortal que tomava conta de mim nessas horas. Ele penetrava em minha mente – a vista escurecia, os ouvidos zumbiam e a adrenalina era liberada – e ordenava: Fuja! Mas eu não podia. A prisão, que no início era apenas do lado de fora, agora me mantinha encarcerada por dentro também. (Kampusch, 2010, p.129).

Em Jaycee não percebemos a hiperativação como tão atuante; talvez pelo motivo de logo no primeiro dia já ter sido submetida a uma experiência real de abuso, e também pelo fato de Philip não lhe ameaçar tanto quanto Priklopil em relação à Natascha; pelo contrário, tendo abusado sexualmente da vítima, na ocasião com 11 anos de idade, o seqüestrador se apresentava à Jaycee como alguém frágil, doente, a quem a criança estava fazendo uma boa ação por lhe oferecer companhia e por ajudá-lo com seus “problemas sexuais.” Philip utilizou-se da compaixão e sensibilização da vítima para moldá-la e fazê-la se sentir útil na vida dele.

A segunda categoria de sintomas é *intrusão*, e diz respeito à presença constante do momento traumático na mente do sujeito. “As pessoas traumatizadas revivem o fato como se estivessem ocorrendo uma e outra vez no presente muito tempo depois do perigo ter passado.” (Hermann, 1997, p.69). Podemos pensar que a intrusão é o que resta do trauma, é o que não conseguiu ser integrado, e conseqüentemente se manifesta durante muito tempo na vida cotidiana do traumatizado, mesmo que a situação real já seja outra, livre de perigos objetivos. É comum sujeitos que voltam da guerra, por exemplo, relatarem esta presença intrusiva dos momentos que passaram no campo de batalha. (Hermann, 1997).

O conceito de *intrusão* que, para nós, é a compulsão à repetição, nos traz a problemática de que o cárcere privado não é apenas único momento traumático, isolado, como um assalto, por exemplo; pelo contrário, trata-se de um período prolongado de exposição a traumas múltiplos, diríamos. Não há como não levar em conta o fator tempo neste tipo de evento, pois nele Natacha e Jaycee entraram crianças e saíram adultas, tendo passado ali grande parte de seu desenvolvimento.³² Jaycee, aliás, quando em liberdade, havia passado um número maior de anos de sua vida junto a Philip e Nancy do que com sua família biológica.

Por fim, a *constricção*, terceira categoria dos sintomas, é a rendição.

³² Como afirmamos, nossa interpretação tem se baseado no relato das vítimas sobre o tempo em que permaneceram confinadas; sobre a vida delas após o cativeiro, sabemos que já evocou uma problemática dupla: o da difícil simbolização do trauma prolongado a que estiveram expostas, e a questão do retorno ao convívio social. Retomaremos a discussão da simbolização e do social posteriormente.

Quando uma pessoa está indefesa e é inútil qualquer forma de resistência, pode entrar num estado de abandono. O sistema de autodefesa bloqueia totalmente. A pessoa indefesa escapa de sua situação não por uma ação no mundo real, mas alterando seu estado de consciência. (Hermann, 1997, p.77).

Uma fala de Kampusch (2010, p.151) ilustra as três categorias sintomáticas que Hermann (1997) elenca. Diz ela:

Não é fácil explicar o que o isolamento, as surras e humilhações fazem a uma pessoa. Como, depois de tantos maus-tratos, o simples som de uma porta abrindo pode causar pânico e você não consegue nem respirar, quem dirá correr. Como o coração dispara, o sangue pulsa nos ouvidos, e então subitamente algo no cérebro é acionado e você não sente nada, a não ser paralisia, que o deixa incapaz de agir e de raciocinar.

As sobreviventes aqui estudadas justificam esta rendição devido à necessidade de adaptação com que se depararam, segundo elas. Diz Jaycee: “Acho que desliguei um interruptor dentro de mim. No começo eu fazia isso para sobreviver. Agora é apenas hábito, eu acho, mas mesmo assim faz parte de quem eu sou.” (Dugard, 2011, p.209). E Natascha:

Quando olho para trás, vejo que o fato de saber que teria de passar aquela primeira noite no porão pôs em marcha um mecanismo que salvou minha vida – sendo ao mesmo tempo perigoso. O que parecia impensável agora era um fato: eu estava trancada no porão de um criminoso e não seria libertada naquele dia. Um tremor percorreu meu mundo e a realidade se deslocou um pouco. Aceitei o que estava acontecendo e, em vez de me desesperar e lutar contra a nova situação, tentei me adaptar. (...). O mundo no qual se encontra sua personalidade desaba. E, no entanto, a única reação correta é se adaptar para garantir a sobrevivência. (Kampusch, 2010, pp.42-43).

Sobre esta adaptação, Ferenczi (1933/1992) já discorria em *Confusão de Línguas entre o Adulto e a Criança* ao estudar traumas ocorridos na realidade sofridos por crianças. Ele supõe que, na impossibilidade de uma mudança aloplástica, isto é, do ambiente, dá-se uma mudança autoplástica, interna. Restando impossível fugir, se adaptam à situação. Mais uma vez a problemática do poder; o sujeito que sofre o trauma é o que não detém o poder (Hermann, 1997); não pode mudar a realidade, mas torna possível a mudança de seu mundo interno, mesmo que, por vezes, isto ocasione uma mudança radical na sua forma de ver o mundo. “Pude sobreviver

porque inconscientemente suprimi e afastei de mim os horrores que vivi. E, com as terríveis experiências durante o cativeiro, aprendi a ser forte. Talvez até a desenvolver uma força que não teria se estivesse em liberdade.” (Kampusch, 2010, p.153).³³

Tudo isto nos leva a pensar que ocorre, de certa forma, a redução das vítimas deste tipo de crime, a um objeto, sendo elas usadas ao bel prazer de seus agressores, como extensão do próprio eu dos seqüestradores, pelo menos neste primeiro momento. Uma objetualização deste tipo, sabemos, ocorre com frequência durante a maternagem, quando a mãe alimenta uma criança que é extensão de seu próprio corpo, num estado de dependência absoluta. (Winnicott, 1988). “A experiência subjetiva em que a onipotência possibilita ao bebê a crença de que cria o objeto (seio) e este faz parte dele, processa-se em uma área mental de controle mágico e dominada pela ilusão, que é favorecida pela mãe ao adaptar-se quase completamente ao bebê. A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato.” (Winnicott, 1975, p. 26).

Todavia, como no processo de individuação deste bebê, posteriormente, notamos que elas reagiram e não apenas foram dominadas, mas também dominaram – principalmente Natascha – desfazendo a imagem onipotente construída quanto aos algozes, o que já nos indica que o movimento de destruição e retradição se deu no cativeiro também, não apenas em liberdade. Todavia, por ora, vamos manter em mente essa objetualização inicial ocorrida.

Vemos aqui que a vivência do trauma coloca o psiquismo num modo de funcionamento não neurótico ante ao ocorrido. Isto porque, a defesa clássica frente a uma experiência inassimilável pelo psiquismo, sabemos, é a cisão egóica - o que, para Hermann (1997) supomos ser a rendição, acima exposta. Em *Esboço de Psicanálise* Freud (1940/1986, p.215) a explica: “Duas atitudes psíquicas formaram-se, em vez de uma só – uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o ego da realidade.” No caso de Natascha a cisão não ocasionou o completo desligamento da realidade, e isto, de certa forma, nos lembra a teoria laplancheana, sobre a presença do funcionamento não neurótico em neuróticos, funcionamento este em que “nada é traduzido, a mensagem original permanece tal qual no aparelho psíquico, implantada ou intrometida.” (Laplanche, 1990 citado em Laplanche,

³³ Essa declaração de Natascha nos lembra o conceito de *progressão traumática*, também chamado de *prematuração*, proposto por Ferenczi (1933/1994). Em oposição à regressão, as crianças que foram expostas a traumatismos podem manifestar emoções típicas de um adulto: “Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado.” (Ferenczi, 1933/1994, p.104).

2003, p.408). Este inconsciente, chamado inconsciente encravado, é caracterizado pelo fracasso radical de tradução e funciona como um local de estagnação de mensagens que estão à espera de tradução, que pode, ou não, ocorrer. Vale lembrar que o limite entre os dois funcionamentos não é fixo, varia conforme as experiências.

A tarefa, deste modo, é conseguir passar de um funcionamento não neurótico para um funcionamento neurótico do aparelho psíquico. Por mais que a tradução por meio de sintomas de neurose traumática já sejam uma tradução, esta ainda é precária, sendo necessário, portanto, uma destruição e uma melhor tradução, menos sintomática e custosa ao sujeito.

Por meio da leitura do relato de *3096 dias e Uma vida roubada* por mais que tenhamos observado *sintomas constrictivos* nas autoras, percebemos também que elas resistiram, isto é, não houve rendição total, o que, de certa forma, preservou suas integridades psíquicas, cada uma a seu modo.

Esta aparente resistência, essa conservação de parte da identidade das vítimas, pensamos ter a ver com a noção de resiliência – conceito da Física, referente à resistência de um material frente aos choques. Roisin (2010) utiliza-se de tal conceito e o diferencia em dois tipos: a *resiliência adaptativa*, que recorre aos mecanismos de defesa, e a *resiliência resolutiva*, que permite à pessoa integrar a experiência vivida. Podemos pensar aqui que se trata de dois tempos do mesmo fenômeno, sendo a resiliência adaptativa a primeira a ocorrer, necessária e universal, e a resolutiva como que surgindo num *a posteriori*. Consideramos ainda que a resiliência adaptativa seja um mecanismo mais primitivo do que a resolutiva, e que esteja intrinsecamente relacionado com as peculiaridades da situação em si, que elementos ela fornece para a tradução, bem como com a história individual do sujeito, como ele traduziu as mensagens outrora implantadas.

Após alguns meses em cativeiro, Priklopil exigiu que Natascha o chamasse de ‘mestre’, o que ela recusou veemente, justificando pelo fato de ter sentido que o título de “mestre” era extremamente importante para ele. Conseguindo resistir, ela teria um controle sobre ele e estaria colocando limites na situação, diz ela. Além disso, ela afirma que nunca deixou de lutar pela sua identidade, nunca foi totalmente passiva, e com o passar do tempo começou a se defender dos xingamentos e das surras às quais era submetida.

Sempre resistindo, sempre dizendo não, sempre me defendendo dos ataques e explicando calmamente que fora longe demais e que não tinha o direito de me tratar daquele jeito.

Mesmo em dias que eu parecia ter desistido de mim mesma, sentindo-me completamente desprezada, não podia demonstrar fraqueza. Em dias assim, dizia para mim mesma, em minha visão infantil das coisas, que fazia isso por ele, para que ele não se tornasse uma pessoa pior. (Kampusch, 2010, p.151).

Outra situação em que vemos Natascha resistir é em relação à greve de fome, considerada por Hermann (1997) a expressão final da resistência, pois neste caso a vítima se submete a uma privação maior do que a colocada pelo agressor. Seguindo este raciocínio, podemos considerar as tentativas de suicídio como uma forma de resistir também, pois se matar, ao invés de “ser morto”, é ser ativo, é renunciar à vida, é talvez a única maneira de autopreservar a integridade física e psíquica; é uma tradução, uma resposta, mesmo que literalmente mortífera. A partir dos quatorze anos, Natascha tentou se suicidar algumas vezes: tentou se estrangular usando peças de roupas; cortou os pulsos: “A dor no braço era insuportável, mas, ao mesmo tempo, liberava a dor que eu sentia por dentro.” (Kampusch, 2011, p.168); colocou fogo no cativado – mas se arrependeu e foi salva a tempo por Priklopil. Durante todas estas tentativas, diz ela, de repente o desejo de viver vinha à tona. Por meio do suicídio, assim como da greve de fome, o cativo afirma seu desafio de estar disposto a perder a vida. (Hermann, 1997) e de ser ativo.

A resistência de Jaycee, entretanto, era mais sutil. Ela não menciona episódios de agressões verbais ou físicas sofridas, não cogitou o suicídio em cativado, não mencionou greves de fome e nem comportamentos de enfrentamento frente aos seqüestradores; todavia, fez uso de pequenas sabotagens, as quais, diz ela, lhe salvaram da loucura.

(...) eu tentava me rebelar do meu jeito. Às vezes eu não me esforçava tanto, não batia punheta tão rápido quanto poderia, esquecia (de propósito) de colocar o batom e fingia dormir sempre que ele estava entretido com a televisão. Eram pequenas coisas que ele não notava, mas me fazia bem saber que eu não estava dando o melhor de mim. (Dugard, 2011, p.70).

Mesmo que tenha passado períodos depressivos, percebemos que Natascha nunca deixou de pensar em seu futuro fora do cativado, nunca acreditou que ficaria ali para sempre, almejava a liberdade apesar de ser incapaz de fugir. Natascha afirma que momentos como, aos dezesseis anos, ter ouvido seu nome no rádio numa notícia referente ao seu seqüestro como um crime sem rastros, lhe mostravam que nem tudo estava perdido, diz ela, pois ela estava ali, viva, mesmo se para o resto do mundo, e talvez até para sua família, estivesse morta. O “*recours à l’espoir*” é,

aliás, um dos modos de defesa que Roisin (2010) propõe, e vai ao encontro da ideia ferenciana presente em *Reflexões sobre o trauma* (1934/1992), de que o vislumbrar do futuro pode auxiliar no processo de sobrevivência frente ao trauma, pois tais representações tornam possível o suportar do desprazer. “Essas representações agem como antídoto contra o desprazer (como anestésico) e capacitam-nos para um comportamento apropriado enquanto durar o desprazer ou a ação que engendra a dor.” (p.110). Vemos que a “tradução em esperança” foi uma das saídas encontradas por Natascha, numa espécie de temporalização, que designa o modo segundo o qual o existente humano se organiza segundo o tempo, tentando tomar de si mesmo, a cada novo movimento, uma nova perspectiva. (Laplanche, 1992b).

Jaycee, por sua vez, apesar de pensar no futuro, não depositava muita esperança em reencontrar sua família; imaginava que o padrasto estaria feliz com sua ausência por tantos anos e se questionava se havia realmente conhecido de verdade sua família biológica – mesmo porque, quando se libertou, havia passado mais tempo junto aos seqüestradores e suas filhas do que com sua família biológica. Relata alguns planos que tinha para o futuro, quando as filhas estivessem mais velhas:

Uma vez eu tive esse pensamento que se nós tivéssemos dinheiro e ele começasse a fazer sucesso com a música ou outra coisa, eu iria rodar o mundo procurando os melhores professores, psicólogos e médicos e ficaria nos bastidores. Eu organizaria e nós abriríamos uma clínica gratuita para pessoas sem teto interagirem com animais. Os animais me dão muito conforto, então acho que eles também preencheriam um vazio no coração dos sem teto. (p. 204).

Mesmo que não fantasiasse um futuro junto a sua família biológica, podemos dizer que o *recours à l'espoir* esteve presente em Jaycee, mesmo que os planos envolvessem a continuidade de sua vivência com os seqüestradores, o que nos leva a pensar que, talvez, o grau de dissociação nesta foi mais intenso do que em Natascha, o que já nos dá indícios da diferença do desfecho de cada uma destas histórias, que será discutida no próximo capítulo.

Natascha tinha noção de que a manutenção de sua vida dependia de Priklopil e acreditava em suas ameaças, pois uma pessoa que fazia um esforço tão grande para manter alguém em cativeiro não hesitaria em matá-la caso fosse necessário³⁴, diz ela. Quando não podia resistir,

34 Quanto a este grande esforço, Natascha relata que Priklopil vivia em função de sua prisioneira: tinha que levar comida para ela todos os dias, tinha de certificar-se se ela estava bem fisicamente para ajudá-lo nas tarefas de casa.

perdoava-o, tendo sido o perdão também uma das saídas encontradas por Natascha, e talvez uma tentativa de tradução, pois perdoar é, de certa forma, ser superior e estar no controle da situação. Todavia, para poderem perdoar precisaram formular alguma justificativa para o comportamento de seus agressores, tanto Jaycee quanto Natascha

O único modo de lidar com isto era perdoar as transgressões do seqüestrador. Eu o perdoei por me seqüestrar e por todas as vezes que me bateu e me atormentou. Perdoá-lo me deu poder sobre minha experiência e tornou possível conviver com ela. (...). Ao perdoá-lo, afastei suas ações de mim. Elas não podiam mais me diminuir ou destruir, afinal eu as perdoara. (Kampusch, 2010, p.148).

É uma defesa “onipotente”, para usar uma expressão de Melanie Klein; perdoar, então, é uma forma de ligar, é uma forma de ser ativo sobre a experiência. É um “a mais” do que defesa. Segundo Laplanche (1992a, p.241) “quanto mais um afeto é qualificado, menos móvel ele é.”³⁵ Qualificado aqui no sentido de ligado; é preciso, pois, ligar, simbolizar a todo custo; é como se qualquer coisa fosse melhor do que deixar esta energia em seu estado livre. Todavia, notamos que o perdão, ou sua tentativa, foi possível quando a transferência já estava consolidada, como se retomasse o movimento de simbolização, pois conseguiu encontrar uma justificativa para o perdão.

Acho que, em minha completa dependência, esse era o único modo de manter meu relacionamento com ele, relacionamento esse tão necessário à minha sobrevivência. Se eu o tivesse apenas odiado, esse ódio teria me consumido e me tirado a força que eu precisava para sobreviver. (Kampusch, 2010, p.98).

Posteriormente elas encontraram outras formas de justificar o motivo de terem sido as escolhidas: uma delas foi tentar dar sentido às atitudes do seqüestrador. “Odeio drogas. Queria que ele não as usasse. Acho que elas o transformam em outra pessoa. Ele parece legal no resto do tempo. é assim que consigo suportar o sexo, apenas digo a mim mesma que vai acabar logo e que ele vai voltar a ser a pessoa ‘boa’ que pode ser.” (Dugard, 2011, p.88)

Quando saía de casa por alguns dias tinha de verificar se ela estava bem trancada; quando saiam de casa juntos tinha de ficar atento para evitar que Natascha pedisse ajuda a alguém, etc.

³⁵ “Plus un affect est qualifié, moins il est mobile.” (Roisin, 2010, p.241).

Outra forma de defesa contra a destruição da identidade, vemos na lembrança de entes queridos ou na manutenção de objetos pessoais (Hermann, 1997). Natascha e Jaycee ficaram apenas com as roupas que vestiam na ocasião do seqüestro; todos os seus outros objetos pessoais foram destruídos. No entanto, conseguia restaurar a conexão com sua vida anterior ao trauma ao lembrar-se da mãe, fria e objetiva, e o que ela lhe diria nesta situação. Quando chorava, a mãe costumava lhe dizer para ser firme e não fraquejar. Com o passar do tempo, esta imagem materna foi substituída pela imagem de si própria, agora adulta: “Vou tirar você daqui, prometo. Você ainda não pode fugir, porque é muito pequena. Mas, quando tiver dezoito anos, vou dominar o seqüestrador e libertar você desta prisão. Não vou abandoná-la.” (Kampusch, 2010, p.137). Ainda sobre os modos de defesa contra a destruição de identidade, é interessante o que Ingrid Bettancourt fazia durante o tempo em que permaneceu cativa na selva colombiana: no aniversário de cada um de seus familiares, produzia alguma lembrança para eles, por mais singela que fosse, e guardava junto de seus pertences pessoais.

5.3 A construção da neurose de transferência – Nível II

Pois bem, vimos que, diante da invasão, inevitavelmente dá-se a vivência traumática e o psiquismo é convocado a reagir para não ser efetivamente aniquilado, mobilizando defesas; a defesa inicial se deu por meio da construção de um quadro de neurose traumática, sendo este um primeiro movimento tradutivo. Todavia, levando em consideração que a resposta para aquilo que vem de fora depende não apenas da constituição do sujeito, mas das peculiaridades que a situação oferece, notamos que, progressivamente, as mensagens enigmáticas inicialmente recebidas passaram por um processo de destradição e de retradição, agora mais elaboradas, com a atuação do *après-coup* já em cativo; exemplo disso seria a passagem de quase puro desamparo para o “quando fizer 18 anos fugirei” de Natascha. Em Jaycee, todavia, talvez a nova tradução tenha sido mais precária, pois com o passar do tempo não se via mais como separada daquela família, conforme discorreremos adiante, e o que não deixa de ser também uma elaboração.

Hermann (1997) afirma que se a vítima pode escapar, não será abusada uma segunda vez. Para ela o trauma repetido só ocorre quando a vítima está prisioneira, incapaz de escapar e sob o controle do violador. Ora, não concordamos totalmente com isto, pois esta idéia parece reduzir em muito a força da experiência de cativo; por mais que tivesse oportunidades objetivas para

fugir, depois de anos de confinamento as barreiras eram invisíveis. Seja como for, ela está impossibilitada de fugir, tanto física como emocionalmente.

Esta idéia de “barreiras invisíveis” nos remete à transferência, fenômeno inerente a toda forma de comunicação humana, e por isso pode nos auxiliar a compreender a situação. No cativeiro, aliás, a relação desenvolvida entre vítima e perpetrador é até diferente das cotidianas, pois mistura força, intimidação e sedução, e este se torna a pessoa mais poderosa na vida daquela, obtendo o *status* de onipotência. Com isto, o vínculo entre refém e seqüestrador é regra, e não exceção (Hermann, 1997), ainda mais se levarmos em conta o psiquismo regredido oriundo de uma situação traumática. (Freud, 1920/1986) e propício à transferência.

Em *A pulsão e seu objeto-fonte*³⁶, Laplanche (1992a) aponta que a transferência, característica da situação analítica e de outros encontros intersubjetivos, reproduz a situação de sedução originária, com o sujeito retomando o movimento de simbolização frente às mensagens do outro, criando uma “região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada.” (Freud, 1914/1986, p.170). Lançando mão de todas as medidas defensivas possíveis, estas vítimas se viram desamparadas, como a criança em suas origens. Isto porque: “O trauma é enigmático e, assim interroga o sujeito a partir de significantes enigmáticos, deixando um resto, um *plus*, um a mais. O enigmático, portanto (que quer de mim?), põe o sujeito em ligação direta com a situação originária.” (Ramos, 2008, p.256).

O analista, como o seqüestrador e o adulto cuidador, são efetivamente os provocadores da transferência, num papel de estimuladores e de sedutores, conforme *A transferência: sua provocação pelo analista*³⁷, texto em que, dentre outros tópicos, Laplanche (1992a) coloca o enigma do outro como dimensão fundamental da transferência. Neste sentido, ele fala de “transcendência da transferência”, na qual “o enigma sexual é proposto pelos adultos à criança, ele é endereçado, e este endereçamento é enigmático na medida em que o outro (o emissor) não sabe tudo o que diz; ele é outro para ele mesmo.” (Laplanche, 1992a, p.433).³⁸

³⁶ Título original: *La pulsion et son objet-source*.

³⁷ Título original: *Du transfert: sa provocation par l'analyste*.

³⁸ “L'enigme sexuelle est proposée par les adultes à l'enfant, elle est adressed, et cette adresse est énigmatique dans la mesure où l'autre (l'émetteur) ne sait pas tout ce qu'il dit: Il est autre pour lui-même.” (Laplanche, 1992a, p.433).

Segundo Laplanche (1992a, p.271), “a transferência: é seguramente um *trans*, transporte e transmissão, *mas não um transe*. Um *trans* para permitir um *per*”³⁹, isto é, trata-se de um meio para se chegar à perlaboração. Vamos a ela.

Supomos que a idade das meninas, seus históricos infantis de insatisfação com o momento que estavam passando junto à suas famílias, a relação fracassada com a mãe, a falta de uma relação afetiva com o pai, juntamente com a privação à qual foram expostas, propiciou o desenvolvimento de uma transferência positiva entre elas e seus seqüestradores, numa espécie de projeto transferencial (Mello Neto, 2012) que, se não existia antes, foi criado em cativeiro, numa tentativa de adaptação mais elaborada.

Além disso, ao mesmo tempo em que Priklopil e Philip eram os responsáveis pela violência exercida, era também graças a eles que Natascha e Jaycee continuavam vivas, criando um sentimento de gratidão por isso e impedindo-as de serem jogadas neste buraco negro, abandonadas. Isto porque concordamos com Birman (1996, p.80), quando este diz que, “quando não somos seduzidos, é porque somos abandonados.” O exercício deste duplo papel, por parte do algoz, como o adulto na SAF que, ao mesmo tempo em que excita, contém a excitação da criança, ajudou as vítimas a progredirem, de um quadro de neurose traumática para a neurose de transferência, a qual, se por um lado é uma resposta mais elaborada, por outro aumentou ainda mais a dependência – até emocional – e o mundo externo foi se tornando um terreno cada vez mais ameaçador para Natascha e Jaycee. O desamparo, oriundo da insuficiência de meios para sobreviver por si própria e caracterizado tanto pela passividade quanto pelo despreparo diante do excesso de excitação, nos remete ao outro, aquele da sedução generalizada. Este outro para Natascha, era Priklopil, responsável pela emissão da mensagem – que, ao mesmo tempo que é excesso é falta, “falta (de) saber pelo que tem de indecifrável.” (Ramos, 2008, p.259) – e responsável também por sua sobrevivência, numa situação nitidamente assimétrica.

Deste modo, nossa opinião é que a transferência tenha desempenhou papel crucial para a sobrevivência de Natascha Kampusch e Jaycee Lee Dugard, sendo esta a defesa – e resistência – principal, pois tirou o caráter perigoso e assustador da situação à qual estavam expostas. Como a paciente que, por meio do amor transferencial, rebaixa o analista à condição de alguém tangível, próximo, quanto mais a vítima se aproxima do algoz, menos algoz ele se torna, talvez.

³⁹ “Le transfert: assurément c’est un *trans*, transporte et transmission, mais *surtout pas* une transe. Um *trans* pour permettre un *per*.” (Laplanche, 1992b, p.271).

Diz Natascha:

As circunstâncias me pareciam irreais, como em um filme absurdo: Ninguém no mundo exterior acreditaria que uma vítima de seqüestro pudesse se sentar com seu seqüestrador para jogar ludo. Mas o mundo exterior não era mais o meu mundo. Eu era uma criança e estava só. E havia apenas uma pessoa que podia me tirar daquela solidão opressiva – a mesma que criara aquela solidão para mim. (Kampusch, 2010, p.54).

Além disso, trazemos aqui a idéia de Cintra (2003), de que o objeto-primário tem função anti-traumática ao exercer o holding e a continência. Isto vai ao encontro do que postula a TSG, de que o outro, enquanto auxiliar de tradução das mensagens enigmáticas recebidas pela criança, atua no sentido de ajudar a ligar a pulsão desligada. Diz a autora: “A moderação dos efeitos traumatizantes da mãe, de forma a favorecer a constituição do psiquismo, deriva, ao final das contas, de um equilíbrio dinâmico entre os aspectos traumatizantes e as funções anti traumáticas (...).” (Cintra, 2003, p.55).

É inegável que a presença de alguém, disponível para elas, aumentou o sentimento de gratidão, fazendo com que se sentissem especiais, visto que, pelo que relatam, não tinham esta disponibilidade em casa, a relação com a mãe encontrava-se, de certa forma, fracassada, e com o pai/padrasto também. “Ele virou o meu mundo. Eu dependia dele para comer, beber água, ir ao banheiro. (...). Parecia que ele estava me dando um presente: a sua presença.” (Dugard, 2011, p.40). Isto porque, para Belo (2004, p.88) “a criança não procura alguém que a contenha, mas que contenha algo dentro dela”; o que enlouquece a criança é a pulsão, que exige ligação, satisfação e escoamento:

É nesse sentido que a mãe, não em virtude de suas características contingentes, mas também por necessidade, é sempre, num certo sentido, ‘má’ ou ‘insuficientemente boa’ (invertendo a formulação de Winnicott); e que é preciso, sem dúvida, que ela seja também ‘suficientemente boa’ para aliviar esse ‘insuficientemente boa’ que está como que implícito na sua função. (Laplanche, 1992b, p.101).

Vemos pouco a pouco que as circunstâncias permitiram, cada vez mais, o estreitamento dos vínculos entre os seqüestradores e suas vítimas; estas com o psiquismo cada vez mais cindido, num estado que, por vezes, lembrava o enamoramento hipnótico. Sobre a cisão, Hermann (1997) compara os estados alterados da consciência oriundos do trauma, ao transe

hipnótico, considerando este uma qualidade normal da consciência humana (Janet, s/a, citado em Hermann, 1997) e sendo surpreendente o fato de, numa situação de perigo, a consciência não se utilizar deste mecanismo para se defender. Sendo assim, a dissociação como defesa perante uma experiência traumática não é patológica, e Janet já considerava isto.

A questão edípica, juntamente com o conceito de amor transferencial possibilita um olhar especial para as declarações “positivas” das vítimas aqui estudadas, aparentemente contraditórias e até absurdas se não levarmos em consideração a dimensão inconsciente que perpassa a relação com o outro, pois se a defesa “procura preservar o ego dos perigos cuja ameaça foi a causa precipitante da doença, e não permitirá que ocorra a recuperação enquanto a repetição desses perigos ainda pareça possível, ou enquanto não tenha recebido a compensação pelo perigo que foi suportado.” (Freud, 1916/1986, p.383).

O fato de que, no cativo, o sujeito participa de algo proibido, de algo que tira sua inocência também nos remete à culpa, reflexo do conflito entre ego e superego, principalmente se considerarmos a consumação do Édipo aí vista, por meio da sedução infantil freudiana, do pai perverso e a filha histérica, lembrando que “o complexo de Édipo é a resposta desejante que a criança oferece às ações sexualizantes do adulto.” (Terrazas, 2009, s/p), e também a forma como o sujeito e a cultura encontraram para dar sentido à sedução e à passividade na situação originária. Aliás, ainda em referência ao Édipo, concordamos com Laplanche (2003) e sua idéia de que ele estaria, então, do lado do recalcante, e não do recalcado; adviria como um organizador, enquanto do lado do sexual estaria o enigma e a sexualidade polimórfica, não ligada. Destarte, a configuração da família perversa em Jaycee, por exemplo, mostra certa elaboração.

Supomos que as justificativas que os seqüestradores ofereciam às vítimas para mantê-las prisioneiras ajudaram-nas também neste movimento tradutivo. Para Natascha, o fato de Priklopil se dizer apenas o intermediador do seqüestro serviu para que ela se aproximasse, pois, para a criança, aquele homem que passava a maior parte do tempo com ela não era o verdadeiro algoz. Diz ela: “O medo dos supostos ‘verdadeiros seqüestradores’ permitia àquele homem, que fingia ter me seqüestrado a pedido deles, me oferecer carinho e um apoio amigável. Contanto que eu estivesse com ele, meu maior temor não se tornaria realidade.” (Kampusch, 2010, p.55).

Em Jaycee, o que desempenhou grande papel na aproximação com Philip, despertando sua paixão referente a ele, foi a fala deste de que Jaycee estava o ajudando com seu problema relacionado ao sexo. Ele “explica que tem um problema sexual e que me pegou para que eu

pudesse ajudá-lo para que não precise incomodar mais ninguém com esse problema. Diz que isso toma toda a mente dele e que, ao lhe dar uma válvula de escape, estou salvando outras pessoas. Por que eu?” (Dugard, 2010, pp.66-67) – essa, aliás, é uma resposta para “o que o outro quer de mim?”, a qual, mesmo que não inteiramente respondida, atua como ajudante de tradução. Acrescentamos ainda que, para Jaycee, Phillip tê-la seqüestrado para não ferir outra pessoa a fez se sentir especial e necessária, principalmente por evitar que outras pessoas passassem pelo que ela estava passando.

Há, ainda, vários elementos que, digamos, intensificaram esta situação potencialmente traumática, como uma seqüência de múltiplos e complexos eventos que irrompiam no psiquismo despreparado e regredido da vítima ao longo dos anos: o possível abuso sexual ocorrido, o luto pela infância, a violência física, a privação de luz, de sono, de comida, a culpa, o não saber: “Como será amanhã? Até quando ficarei aqui?” Vemos, portanto, que esta situação não é apenas uma repetição da SAF, mas uma reedição com diversas outras particularidades, que não apenas a assimetria. Primeiramente, não se trata de um trauma organizador, com uma efração necessária, mas sim um potencial trauma desestruturador – mais uma vez, sabemos que todo trauma é desestruturador, e sua elaboração dependerá das possibilidades tradutivas que tenha o sujeito.

Não se trata também da gênese do inconsciente; no momento do seqüestro, o psiquismo destas vítimas já se encontrava cindido, isto é, elas já possuíam um histórico de mensagens estocadas e traduzidas e, na ocasião de um trauma atual, vemos o possível retorno do recalçado. Enquanto no encontro originário adulto-criança o adulto seduz e a criança é seduzida, aqui supomos ter existido um duplo jogo de sedução: Natascha e Jaycee receberam, mas também emitiram mensagens. Isto nos leva a idéia de que talvez tenha ocorrido a objetualização tanto das vítimas pelos seqüestradores, quanto o contrário, “já que tudo aquilo que seja capaz de propiciar apaziguamento à pulsão pode ser definido como um objeto.” (Laplanche, 1989, p.51). Em acréscimo a isso, lembremos que existiu não apenas uma sedução originária, mas uma sedução infantil, aquela dos moldes da primeira teoria freudiana sobre o trauma: pai perverso, filha histérica.

A tradução por meio da sedução, desta forma, teria ocorrido como uma desobjetualização, e citamos mais uma vez Ramos (2008), quando este afirma que “o que caracteriza uma neurose é a maneira pela qual ela está servindo para superar/elaborar essa sexualidade desorganizada e provocadora – que aqui se entende, com Laplanche, como reativa ao enigma do outro adulto.”

(p.264). A sedução histórica advém aí como uma tradução do enigma do outro (Ramos, 2008), com a vítima mostrando agora seu lado de sujeito e não de objeto passivo frente ao outro. Ademais, o erótico surge aí como forma de neutralizar o trauma. (Mello Neto, 2012a).

É interessante isto; se inicialmente aceitaram o papel de objeto dos seqüestradores – por ser a única saída – com o tempo, o tipo de relacionamento criado, o amadurecimento, conseguiram não apenas serem dominadas, mas dominar também, agora adolescentes, com maiores recursos egóicos, sobretudo tradutivos e proporcionando a ocorrência de uma espécie de “sedução generalizada em via dupla”, isto é, foram seduzidas, mas também seduziram; receberam mensagens, mas também emitiram mensagens enigmáticas. Isto, talvez, tenha servido para auxiliá-las na elaboração da sedução focal, pois não foram totalmente passivas. Sobre este período do desenvolvimento, é como se a chegada do instinto sexual biológico, ao introduzir novas possibilidades com relação a vivencia sexual, reacendesse as antigas mensagens enigmáticas. (Belo & Reigado, 2010). Será que Philip e Priklopil previam o tipo de relação que o cativo deflagrou? Trata-se de um deslocamento para a situação de análise, na qual o analista é convocado a fazer parte do projeto transferência da paciente, e, uma vez a análise iniciada, é impossível prever qual rumo tomará.

A criação de uma neurose de transferência, como sabemos, é um dos principais objetivos do tratamento psicanalítico, ao reatualizar o conflito para o “aqui e agora” e poder lidar com este; isto é, o sujeito entra em análise quando efetivamente quebra o ciclo de repetições (Mannoni 1995 citado em Mello Neto, 2012a), tanto é que suas realidades passaram a ser a do cativo. Vemos, desta forma, que a situação permitiu o desenvolvimento da neurose de transferência, numa espécie de montagem que serviu durante algum tempo, e que não se cristalizou, pelo contrário, cedeu, tornando possível a fuga da vítima, sua “cura”, digamos. Bleichmar (1994, p.26) também apresenta uma idéia parecida com esta, sobre a ligação da libido: “A libido desligada, intrusiva, que penetra, será ligada inicialmente por vias colaterais, mediante este narcisismo estruturante que um vínculo amoroso propicia.” Esta idéia, aliás, é muito interessante; pois constrói-se um amor, e este deve ser destruído assim que a vítima possa fazer novas traduções. Este é também o projeto de muitos pacientes em análise: amar e depender de seu analista até quando possa romper com ele. No entanto, ligar o excesso por meio da erotização pode não ser bem sucedido, ou o ser em modos modestos (Mello Neto, 2012a), isto porque, recorreremos às defesas, mas as vezes é difícil sair delas.

5.4 Defesa para além da situação provocadora: cristalização da psicose – Nível III

É interessante notar que, apesar de ser necessária para a defesa, a dissociação pode se cristalizar em alguns casos (Hermann, 1997), mesmo que o perigo já tenha passado, originando sintomas neuróticos. A construção da neurose de transferência não deixa de ser um sintoma, e mesmo uma tradução, uma defesa contra a aniquilação, porém vemos que ocasionou uma “prisão psicológica” (Kampusch, 2010). Esta prisão psicológica talvez diga respeito à instalação dos sintomas que Melo Neto e Martinez (2012) propõem em relação ao nível III, “quando os fenômenos de defesa contra o ‘ataque’ traumático se cristalizaram em uma neurose que vai bem para além da situação provocadora.” Esta defesa para além da situação provocadora faz com que o sujeito continue a fazer uso de mecanismos de defesa mesmo quando o “perigo” já passou.

O fato de demorarem a fugir mesmo tendo tido oportunidades para tal ao longo dos anos estaria relacionado a isso? A quem se deve a permanência de Natascha e Jaycee junto àqueles que as privaram de liberdade? A quem se deve a mútua dependência desenvolvida entre eles? Erotização da relação? Compulsão à repetição? Identificação ao agressor? Veremos.

Ao sair da casa do seqüestrador pela primeira vez, quando já fazia três anos que estava confinada, Natascha relata ter sido invadida por um sentimento de total estranhamento, como se já não mais reconhecesse o mundo exterior e nem fizesse parte dele: “Só mais tarde percebi que meu cativo se transformara em uma prisão psicológica.” (Kampusch, 2010, p.178). Com isto, não cogitava fugir quando saía de casa, tendo sido até desafiada por Priklopil a fugir, em algumas ocasiões: “Vai, corre, vai!!”, dizia ele, pois sabia que ela não correria. Eram sentimentos contraditórios e ambivalentes: se culpava por não fugir, mas se sentia paralisada quando tinha oportunidade, e não queria ser responsável pela prisão de Priklopil, diz ela. “Ninguém ligava pra mim. Ninguém pensaria que eu estava dizendo a verdade ao pedir ajuda: ‘Por favor, me ajude! Fui seqüestrada!’” (p.183). Neste dia, ela percebeu que não seria capaz de fugir ou de pedir ajuda, pois, segundo ela, o trauma era tão grande, que mesmo a possibilidade de retorno ao mundo exterior não produzia alívio; pelo contrário, tornava-se um terreno ameaçador associado ao medo. Além desta situação, o fato de, ao sair com o seqüestrador, ninguém reconhecê-la ou de notar alguma coisa diferente nela, minavam ainda mais sua esperança de ser encontrada, diz Natascha.

Quanto a Jaycee, apesar de ter mais contato com outras pessoas do que Natascha, também relata o medo que sentia de ser deixada sozinha fora do cativo, como se este fosse o seu local seguro, por excelência. Jaycee cita este mesmo estranhamento ao sair de casa, relatando dificuldade em manter contato visual com outras pessoas, por exemplo, e um sentimento de que ninguém percebia sua existência. Acompanhada de Nancy numa loja no centro da cidade, e se sentindo angustiada, ela conta: “Felizmente, o tremor não é visível, mas tremo por dentro. (...). Não estou realmente ali. Não sou uma pessoa real. Não sou ninguém. Ninguém me vê.” (Dugard, 2010, p.185). Com o tempo as saídas tornaram-se mais freqüentes e menos ansiógenas, porém “eu nunca pude afastar a sensação que alguém um dia iria dizer ‘ei, você não é aquela garota desaparecida?’ mas ninguém fez isso. Eu não era ninguém. Ninguém me via.” (p.188).

Houve ainda um episódio que aumentou ainda mais o medo de Jaycee quanto ao mundo exterior. Certo dia saiu para fazer compras com Nancy, a seqüestradora, e teve sua bolsa roubada. Sua insegurança, diz ela, seu receio em sair de perto de Philip e Nancy, juntamente com a certeza de estar protegida junto a eles, aumentaram. Com estas ilustrações, vemos que realmente as vítimas assumiram a visão de mundo que lhes foi transmitida por seus algozes. Devido a estes e outros episódios, a idéia da fuga era algo que incomodava tanto Jaycee quanto Natascha. Jaycee, por exemplo, não se permitia levar adiante estes tipos de pensamentos, pois receava trair a confiança daqueles que estavam lhe dando “tudo.” “Nem peço mais para ir para casa. (...) só espero que algum dia as coisas melhorem. (...). Tudo o que tenho é o Philip e ele sempre parece saber o que fazer. Aonde eu iria com um bebê? Quem iria me querer?” (Dugard, 2011, p.142), ou ainda:

Por favor, pare com estas sensações de inquietude. Não consigo parar de me imaginar pegando as meninas e entrando no carro, ligando e abandonando este lugar horrível para sempre. Eu sei que não posso ir. Digo isso a mim mesma todos os dias. Mas eu quero tanto estar longe daqui que isso me consome. Para onde eu iria? Quem me ajudaria? Será que eu conseguiria arrumar um emprego? Será que ele viria atrás de nós? Eu sei que não há lugar algum para ir. Estes pensamentos e sensações precisam ser abafados. As coisas vão melhorar. Tenho que ficar dizendo isso a mim mesma. Eu nem sei dirigir, mas ainda me vejo fazendo isso só para fugir. Por favor, pare. (Dugard. 2011, p.204).

Não podemos descartar a idéia de que o sujeito responda à situação traumática a partir de situações prévias. “É, então, possível supor que a vivência atual do trauma possa produzir neuroses de transferência pelo fato de propor de forma muito intensa – e tudo no trauma é intenso

– um enigma.” (Mello Neto, 2012b, s/p). Além disso, há de se levar em conta a dependência em que é colocado o sujeito; na análise isto também acontece: o sujeito chega sofrendo muito e é acolhido; a partir daí, desenvolve uma forte dependência e, junto com ela, talvez por apoio, um amor muitas vezes muito ambivalente.

Desta forma, aproximaram-se do seqüestrador visando sua sobrevivência, e a transferência aí desenvolvida possibilitou a construção do sintoma, um amor por apoio, talvez. “Apaziguar um conflito construindo um sintoma é a solução mais conveniente e mais agradável para o princípio do prazer: inquestionavelmente, poupa ao ego uma grande quantidade de trabalho interno que é sentido como penoso” (Freud, 1916/1986, p.51), fazendo com que, de certa forma, evitassem perceber a realidade dolorosa.

Apesar de termos apontado semelhanças entre a situação potencialmente traumática à qual Natascha e Jaycee foram expostas, bem como um período de vivência do trauma que em alguns aspectos se aproximam, o desfecho da trama se deu de forma diferente em Natascha e em Jaycee. Aproximando a situação analítica ao cativo, atentando para a transferência positiva aí desenvolvida, a qual culminou com a tradução por meio da criação de psicose, apontamos aqui os dois desfechos aí observados: em uma a neurose de transferência cedeu e propiciou sua fuga, enquanto na outra o sintoma manteve-se cristalizado até o momento da descoberta de sua identidade por terceiros.

5.5 Quando o enamoramento cede: desfechos – Nível III

Apesar de termos apontado semelhanças entre a situação potencialmente traumática à qual Natascha e Jaycee foram expostas, bem como um período de vivência do trauma que em alguns aspectos se aproximam, o desfecho da trama se deu de forma diferente em Natascha e em Jaycee. Aproximando a situação analítica ao cativo, atentando para a transferência positiva aí desenvolvida, a qual culminou com a tradução por meio da criação de psicose, apontamos aqui os dois desfechos aí observados: em uma a neurose de transferência cedeu e propiciou sua fuga, enquanto na outra o sintoma manteve-se cristalizado até o momento da descoberta de sua identidade por terceiros.

5.5.1 Natasha e o projeto de autonomia

A ocasião da fuga de Natascha Kampusch, após 3096 dias cativa, se transposta para o tratamento psicanalítico, pode ser considerada um caso de análise bem sucedida. O interessante e surpreendente é a dependência que o seqüestrador também criou em relação a sua vítima. Aqui, a relação paciente-analista, ou então, vítima-algoz propiciou uma maior autonomia à paciente – mesmo que, neste caso, Priklopil não tenha se dado conta disto; aliás, vemos uma dependência maior ter sido criada no seqüestrador que, na ocasião da fuga de sua prisioneira, se suicidou. Mesmo que tenha permanecido durante anos confinada, Natascha nunca se conformou com sua condição de prisioneira. Em certos períodos sentia-se incapaz e sem coragem de abandonar Priklopil, mas não deixava de depositar esperança no futuro, quando estaria finalmente livre, independente, longe daquela casa e daquele que lhe seqüestrou.

Dentre os elementos que a própria vítima aponta como seus “ajudantes” durante os oito anos em que permaneceu cativa, tem-se: os desenhos e a escrita, por meio da criação de um diário no qual relatava tanto os dias bons quanto os dias ruins junto ao seqüestrador, de escrever textos de apoio para si própria, lendo-os para si mesma nos dias em que estava triste. Além disso, Natascha considera que o fato de ser criança quando da ocasião do seqüestro fez com que sua adaptação fosse mais fácil, pois anteriormente já estava acostumada a obedecer os adultos sem poder questioná-los. Aliás, quanto a este período, é preciso dizer, se em casa ela sentia-se sozinha e sem a atenção dos pais, de repente passou a ter alguém cuja atenção era dedicada exclusivamente à ela. Conforme os anos passaram, considerava importante sua presença na vida daquele que a maltratava; virou efetivamente a mulher da casa. Se, por um lado era agredida física e verbalmente constantemente por Priklopil, por outro, era obsessivamente observada e admirada por ela ao limpar a casa seminua, por exemplo.

Com o estreitamento da relação entre eles, Natascha passou a sentir compaixão de seu seqüestrador, perdendo-o e criando teorias que justificassem o fato de aquele homem ter cometido um crime, de “roubar” uma criança. Aos poucos foi ganhando confiança, verbalizando suas opiniões, revidando as agressões físicas que sofria e mostrando que não era totalmente passiva frente a ele. É interessante que, segundo a vítima, as agressões físicas que sofria, por mais dolorosas que fossem, aliviavam sua dor emocional. Isto nos remete tanto à idéia freudiana de Além do princípio do prazer, de que o trauma físico agiria como um antídoto contra o trauma psíquico, quanto ao grau de masoquismo presente na vítima.

Todavia, o que aconteceu para, de repente, o enamoramento se desvanecesse, e a inquietação sobre fugir tenha começado a lhe excitar a ponto de comunicar ao agressor sua intenção de fuga e tendo-a realmente colocado em prática? Supomos que, como ocorre com o paciente, que já não se sente tão dependente quando seu eu já está bem mais fortalecido, isto tenha acontecido com Natascha Kampusch.

Além disso, é possível que a proximidade da sua maioridade tenha colocado em marcha sua ambição futura, aquela que teve início já em sua infância, quando almejava a chegada dos dezoito anos para que não dependesse mais de seus pais. Em cativo, sua saída, o que nos remete ao conceito de projeto transferencial, talvez tenha sido o de amar seu seqüestrador, servi-lo, depender dele, isto é, ligar a pulsão por seu intermédio até o ponto em que pudesse romper isto. Deste modo, assim como a neurose de transferência do paciente cede, ocasionando o fim do tratamento e, para alguns, a cura, vemos que em Natascha o término do enamoramento com Priklopil possibilitou sua fuga, tendo ela se recusado a permanecer prisioneira daquele “mundo perfeito” que ele dizia ter construído para ambos. A fuga, como a cura, significa “(...) síntese ou tradução nova, menos parcial, menos recalcadora, menos sintomática.” (Laplanche, 1992a, p.328), isto porque a pulsão de tradução não cessa, exige sempre uma destruição e uma nova tradução.

No período pós cativo, entretanto, devido ao suicídio de seu seqüestrador, bem como da exposição à sociedade das nuances de sua relação com ele, a vítima foi bastante criticada, tendo recebido diversas cartas, e-mails e mensagens insultuosas, como ela relata em seu livro. Isto, pois, pode ser propiciador de um novo trauma, pois se a reintegração do traumatizado à sociedade é um dos fatores de elaboração do traumático (Roisin, 2010), Natascha talvez ainda não tenha conseguido realizar isto, visto que, conforme material da imprensa que tivemos acesso, podemos sugerir que, neste momento, Natascha não teve o auxílio da comunidade enquanto um assistente de tradução. Quando falta este elemento, o traumatizado se vê, novamente, desamparado, sendo possível, aliás, que em alguns casos a sociedade aja como potencializadora do trauma (Roisin, 2010).

Se aceitarmos que todo acontecimento individual só se esclarece considerando as facetas interdependentes do biológico, do cultural e do sexual, e recordarmos que o trajeto que vai do significante enigmático à constituição do objeto fonte da pulsão resulta na incerteza de um processo tradutivo, podemos acrescentar que o cultural funciona como um assistente de tradução, de outra maneira muito tendenciosa. (Martens, s/a, s/p).

5.5.2 Jaycee e o projeto de fusão

Diferentemente de Natascha, observamos que Jaycee esteve presa ao enamoramento por seu algoz até o último momento, resistindo quando da abordagem inicial dos policiais sobre sua verdadeira identidade, tamanho o domínio que Phillip exercia sobre ela.

A um primeiro olhar, notamos que Jaycee não se encontrava no mesmo nível de confinamento e privação de Natascha. Desde o início pôde ter contato com animais, por exemplo, após alguns anos começou a trabalhar na empresa de Philip, tendo uma rotina diária, e, vimos também que uma família foi construída ali: Philip, Nancy, Jaycee e as duas filhas. Lembremos aqui que Jaycee não era reconhecida pelas filhas como genitora; era considerada a irmã mais velha, sendo Nancy a mãe. Um dos papéis de Jaycee nesta família era a de parceira sexual de Phillip, papel este assumido à força por ela desde o primeiro dia em cativeiro. Da mesma forma que Natascha, Jaycee sentia que era útil naquele ambiente, por ajudar Philip com seu “problema sexual”, por exemplo, e recebia a atenção que relatava não receber em casa. Nesta atmosfera familiar que se formou, poderíamos de certa forma ver Philip exercendo o papel de líder, aos moldes de *Psicologia das massas e análise do ego*, texto em que Freud (1921/1986) aponta que, tal como nos sonhos e na hipnose, nas operações mentais de um grupo a função de verificação da realidade das coisas cai para o segundo plano, em comparação com a força dos impulsos plenos de desejo com todo seu investimento afetivo.

Não se trata aqui de uma identificação ao objeto, mas o estado extremo de amor ao objeto, que Freud (1921/1986, p.123) chama de “fascinação” ou “servidão”: No primeiro caso, o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, ‘introjetou’ o objeto em si próprio, como Ferenczi [1909] o expressa. No segundo caso, empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto. É verdade que o caso Jaycee é bem mais complexo que uma psicologia de massas, tal como estamos querendo mostrar com a ideia de projeto transferencial, no entanto, não podemos ignorar a formação de uma pequena massa ao estilo freudiano na “família” de Jaycee.

Ao longo de seu livro, ela relata os bons e os maus momentos que passou junto aos Garrido, e apresenta alguns fatores de ajuda nos momentos difíceis: a companhia dos seus gatos, a presença de duas filhas, a esperança depositada no futuro, de que as coisas seriam melhor, de que Philip pararia de usar drogas e que seu relacionamento com Nancy melhoraria, dentre outros.

O fato de Jaycee não relatar planos para o futuro longe daquela família, pelo contrário, incluí-los em seus projetos futuros, juntamente com o modo em que sua identidade foi descoberta, e sua reação a isso, pedindo a autorização de Philip sobre o que deveria dizer aos policiais, nos lembra bastante o estado hipnótico e o poder que uma pessoa pode exercer sobre outra. Sua neurose de transferência cedeu apenas em liberdade.

Ademais, ela relata o sentimento de desamparo neste momento: “Olhei para ele e perguntei, na frente dos agentes, o que deveria fazer. (...). Eu não sabia o que fazer. Ele sempre tivera todas as respostas. Agora ele só me encarava com um olhar morto e dizia que eu precisava de um advogado.” (Dugard, 2010, p.238). É como se houvesse uma mudança em seu campo perceptivo, provocado pelo exterior, e Jaycee tenha “caído em si”, ante o abandono, por parte de Philip, que se entregou à polícia, assumindo os crimes que cometeu, dizendo que seqüestrou Jaycee quando ela era ainda uma criança.

Lançamos aqui, portanto, a hipótese de que o projeto transferencial de Jaycee teria sido um projeto de fusão, de amar e servir o outro, de depender dele. Com Philip exercendo o papel de líder daquele grupo, de pai, de esposo, oferecendo à Jaycee e suas filhas assistência material, afetiva, e segurança, nos questionamos: caso os policiais não tivessem desconfiado e investigado junto à vítima quem ela realmente era, até quando Jaycee e suas filhas teriam permanecido naquela família?

6. O PERÍODO PÓS-CATIVEIRO E O QUE RESTOU DO TRAUMA?- Nível IV

Neste capítulo acrescentamos um nível ao esquema proposto por Mello Neto e Martinez (2012), apresentando neste nível IV algumas problemáticas que, acreditamos, se revelam quando da libertação das vítimas. Considerando que o trânsito de mensagens emitidas e recebidas é constante, o que confere ao movimento de destradições e retradições o caráter de um trabalho incessante, e sem desconsiderar também que nosso objeto de análise aqui é, por ora, recente, pois trata-se de seqüestros contemporâneo a nós, nos questionamos sobre o *après-coup* e gostaríamos de fazer alguns apontamentos neste sentido.

6.1 O luto do cativo/seqüestrador

Se, de início, foi necessário à Natascha e à Jaycee realizar um trabalho de luto de suas vidas anteriores ao rapto, agora, em liberdade, precisam novamente realizar um trabalho de desinvestimento, sobretudo referente àquela que, desde então, havia se tornado sua realidade. Aos 32 anos, por exemplo, Jaycee havia passado mais tempo de vida junto à família seqüestradora do que com sua família biológica, por exemplo. Como desconsiderar a importância do luto a ser feito aí?

Pensamos que luto e traumatismo se entrelaçam, pois a situação envolveu perdas, ameaça de aniquilação, tentativa de sobrevivência e tentativa de integração da experiência. Isto passa a ser enigmático, remetendo o sujeito mais uma vez à situação originária, cujo movimento é de uma nova tradução e simbolização, pois que “é mais contra o excesso do objeto – contra sua presença obsidente – do que contra sua falta que o sujeito está às voltas.” (Ramos, 2008, p.171), isto porque o morto lhe deixa como herança uma mensagem sexual, e é por este motivo que o trabalho de luto ocasiona um intenso processo de tradução e temporalização (Hage, 2001).

Mais uma vez, portanto, estas vítimas se viram às voltas com a relação originária, pois a perda reativa este momento. “Se a perda tem um efeito, é que ela reitera a relação originária ao enigma ao reativar um retorno maciço do recalcado, sendo então o ego transbordado pelo excesso

de energia não ligada do inconsciente.”⁴⁰ (Hage, 2001, p.57). Com o novo ataque pulsional ocasionado pela perda, surge um questionamento sobre o presente, passado e futuro da vida pulsional do enlutado. O cativo e o seqüestrador, como os mortos, deixam como herança às sobreviventes o enigma, o enigma do outro, e isto leva a vítima a um estado de confusão, pois deseja, ao mesmo tempo, manter e destruir o lugar libidinal do defunto. É preciso, pois, conceder a este objeto uma nova representação, e aqui lançamos a indagação que Laplanche (1992a) faz em *O tempo e o outro*⁴¹: O que, na perda, é metabolizável, e o que não é?

Ainda neste sentido, para Hage (2001), o morto figura como uma autoridade moral, e seu desaparecimento por vezes transforma sua mensagem em veredito, o que, pensamos, confere ao enigma um peso muito maior, digamos. Se para o trabalho de luto ser bem sucedido é preciso uma nova representação do objeto, ele deve começar, pois, com a destruição deste estatuto de autoridade. “O luto consistiria, então, em um trabalho psíquico no domínio da moral, em que o objetivo será o de permitir ao indivíduo se liberar dos valores morais incorporados ao morto.”⁴² (Hage, 2001, p.46).

Aqui, trata-se da mesma posição do adulto que, no *après-coup* reinterpreta sua ama de leite e a amamentação; é agora que o trabalho de reinterpretação das mensagens que Jaycee e Natascha receberam se inicia; não se trata da mensagem em si, mas de como a encararam. Neste sentido, o que o sujeito interpreta neste momento não é o fato puro, mas o que foi interpretado do traumático (Laplanche, 1992a). Isto desencadeia, portanto, o importante trabalho de processar psiquicamente o ocorrido por meio de uma sucessão de inscrições, reinscrições e novas traduções.

6.2 O retorno ao convívio comunitário

“Ali onde mora o perigo, cresce também a salvação.” (Holderlin, s/a, citado por França, 2010, p.18). Esta frase ilustra bem o importante papel que o retorno para a casa e o convívio com

⁴⁰ “Si la perte a un tell effet, c’est qu’elle reitere la relation originnaire a l’enigma en entraînant un retour massif du refoulé, le moi se trouvant alors débordé par l’énergie non liée de l’inconscient.” (Hage, 2001, p.57).

⁴¹ Título original : *Le temps et l’autre*.

⁴² “Le deuil consisterait ainsi en un travail psychique dans le domaine de la morale dont le but serait de permettre à l’individu de se libérer des valeurs morales incarnées par le mort.” (Hage, 2001, p.46).

os demais exerce na elaboração do trauma do sobrevivente, atuando, pois, como auxiliar de tradução da mensagem. Apesar de esta continuar a demandar tradução, fazendo parte da vida destas vítimas, conforme Hermann (1997), o melhor indício do sucesso de elaboração da experiência é a capacidade que o sobrevivente recupera para restaurar as relações com os demais.

Roisin (2010) e Hermann (1997) discorrem sobre o característico sentimento de não pertencimento à comunidade humana que o traumatizado pode vir a sofrer, como se voltasse ao convívio social como um morto-vivo. Diferentemente dos veteranos de guerra, que, ao voltar para casa, desfrutam de certo reconhecimento social por terem estado em combate, - apesar de relatarem certa frustração pela visão ingênua e pouco realista que suas famílias têm da guerra - com vítimas de violação em geral, esta admiração não ocorre. (Hermann, 1997). Natascha afirma que a reação das pessoas em nada se pareceu como o modo em que imaginava, por exemplo: as duas primeiras pessoas a quem recorreu no momento da fuga não lhe ajudaram; apenas a terceira delas aceitou, relutantemente, telefonar para a polícia; ao chegar à delegacia, os policiais desconfiaram de sua identidade; depois de conceder entrevistas para a mídia, passou a receber cartas insultuosas sobre suas declarações, dentre outros acontecimentos.

Deste modo, podemos sugerir que, neste momento, Natascha não teve o auxílio da comunidade enquanto um assistente de tradução, isto é, uma ajuda na integração da experiência. Quando falta este elemento, o traumatizado se vê, novamente, desamparado. É possível, aliás, que em alguns casos a sociedade aja como potencializadora todo trauma:

Se aceitarmos que todo acontecimento individual só se esclarece considerando as facetas interdependentes do biológico, do cultural e do sexual, e recordarmos que o trajeto que vai do *significante enigmático* à constituição do *objeto fonte da pulsão* resulta na incerteza de um processo tradutivo, podemos acrescentar que o cultural funciona como um *assistente de tradução*, de outra maneira muito tendenciosa. (Martens, s/a, s/p).

Além disso, as declarações de Natascha ocasionaram na atribuição de uma patologia, como dissemos, denominada “Síndrome de Estocolmo.” Natascha nega veemente tal diagnóstico, pois este sugere que ela não pode refletir sobre a pessoa que fora a única em sua vida durante mais de oito anos – Priklopil: “O criminoso deve ser um monstro, para que possamos nos ver ao lado dos bons. O crime deve ser acrescido de fantasias sadomasoquistas e orgias selvagens, até que seja tão extremo que não tenha mais nada a ver com nossa própria vida.” (Kampusch, 2010,

p.155).⁴³ Quanto a Jaycee, a reação foi diferente. Ela não menciona hostilidade recebida das pessoas, apenas o apoio. Em liberdade, não relatou aspectos positivos de sua relação com Philip – apenas no livro - e aceita a hipótese de que estava com a mente dissociada, num estado ilusório, diz ela. Todavia, concorda que a saída do cativeiro a colocou em outra prisão, tamanho o interesse da mídia em relação ao seu seqüestro e às filhas que teve com Priklopil.

Natascha, aliás, relata os conselhos recebidos logo após sua fuga, de que deveria se mudar de cidade e trocar seu nome, caso desejasse viver uma vida “normal”, por exemplo. Ela se questiona:

Que tipo de vida é essa, em que você não pode mostrar o rosto, não pode ver sua família e renega o próprio nome? Que tipo de vida seria essa, especialmente para alguém como eu, que, durante os anos de cativeiro, lutara para não perder a identidade? Apesar da violência, do isolamento, de ser trancada no escuro e de todos os outros tormentos, continuei sendo Natascha Kampusch. (Kampusch, 2010, p.220).

Com isso, percebeu que caíra em outra prisão; se no início as pessoas demonstravam simpatia, considerando-a uma “coitada”, “no momento em que me recusei a carregar a marca de Caim pelo resto da vida, o humor mudou” (p.222), e a simpatia transformou-se em ressentimento, inveja e ódio, diz ela, justamente por compartilhar todos os seus sentimentos sobre o que viveu. Ela diz: “ao escapar, eu não apenas me libertara de meu torturador, mas também perdera uma pessoa que era, por força das circunstâncias, próxima a mim. Mas tristeza, mesmo que fosse difícil de compreender, era algo que não me era permitido.” (Kampusch, 2010, p.223).

6.3 Pulsão testemunhal

Como afirma Nguyen (2011), contamos histórias para entender; é, talvez, tentar dar coerência a algo que, aparentemente, não faz sentido; é tentar tornar o estranho, familiar. Desta forma, propomos a escrita do livro como um assistente de tradução, no sentido de que o ato de escrever supõe uma representação e uma posição ativa sobre sua história, ajudando o sujeito a

⁴³ Sobre esta idéia, consideramos pertinente uma idéia de Roudinesco (2008, p.13), quando esta discorre sobre a relação entre a sociedade e os perversos: “Sejam sublimes quando se voltam para a arte, a criação ou a mística, sejam abjetos quando se entregam às suas pulsões assassinas, os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos e dissimular: nossa própria negatividade.”

metabolizar, de alguma forma, a mensagem recebida. “Na medida em que o homem não consegue viver prescindindo de explicações, procura atribuir ao trauma um sentido individual e tenta historiá-lo.” (Laplanche, 1992b, p.164). Além disso, “o trabalho da narrativa é pôr em concordância aquilo de que discorda, tenta dar sentido, restaura o véu do fantasma, protetor do sujeito frente ao real do excesso de excitação do outro.” (Grand Champs, 2007, p.180), sendo então o traumatizado um hermenêuta explícito, movido, talvez, pelo trabalho de luto, que, por meio de uma simbolização criativa, compõe a narrativa. (Hage, 2001).

O testemunho tem também importância no retorno do sobrevivente ao convívio comunitário, pois está oferecendo algo àquele meio, para que o recebam de volta. Por meio da narrativa e da interpretação de sua história, o sobrevivente mostra seu desejo de renascer e retornar ao mundo. Se em cativeiro considerava o mundo exterior ameaçador, com o familiar tendo se tornado estranho, agora a situação exige o movimento contrário, tornar o Unheimlich familiar, na verdade re-tornar. Tanto Natascha quanto Jaycee recorreram à escrita já em cativeiro, como fazem alguns traumatizados dos campos de concentração, como modo de aliviar a tensão, talvez⁴⁴ e já possivelmente trazendo algumas elaborações.

Vale lembrar que, mesmo que a narrativa atue como um auxiliar de tradução, inevitavelmente deixará restos e será insuficiente, não sem perder seu caráter criativo, libertador e que põe em cena o enigma do outro, mais uma vez. “A narração sempre será insuficiente em relação ao enigma. Sempre dará lugar a um resto. Felizmente nenhuma narração será essa narração perfeita que justamente chegue a reduzir o enigma. O próprio do enigma é que deixa sempre um resíduo de alteridade.” (Laplanche, 2009 em entrevista para Danon & Lauru, 2009, s/p).

É comum falarmos da função primária da escrita, como comentamos acima, que diz respeito à elaboração. No entanto, em situações potencialmente traumáticas cuja vítima sobrevive e publica um relato, talvez esta escrita tenha também uma segunda função, uma espécie de denúncia, de vingança, de satisfação em expor a situação vivida, além de apresentar certa justificativa, uma tentativa de descupabilização. Talvez tal ousadia revele não apenas o uso da escrita como catarse, no sentido aristotélico do termo, mas um ato criador, libertador, isto porque

⁴⁴ Lembramos aqui de Ingrid Bettancourt, que não fez uso da escrita em cativeiro, talvez por estar em companhia de outros prisioneiros. Em liberdade, porém, não deixou de escrever.

“há mil e um modos de viver quando o clima é de horror.” (Roisin, 2010, p.160),⁴⁵ e Jaycee e Natascha elas escolheram o de compartilhar suas experiências, mesmo correndo o risco de serem criticadas, como realmente foram.

9.4 Après-Coup, a mensagem “cativeiro”

Consideramos que, em liberdade, Jaycee e Natascha precisam lidar com a mensagem “cativeiro” e tentar traduzi-la e incorporá-la à suas redes de representação. Quanto a este evento, elas dizem:

Meu cativeiro é algo com que vou ter de lidar durante toda minha vida, mas, aos poucos, acredito que não serei dominada por ele. Ele é parte de mim, mas não é tudo. [...] Ao escrever este relato, tentei encerrar o capítulo mais longo de minha vida. Sinto-me aliviada, porque pude encontrar palavras para o que considero indescritível e contraditório. (Kampusch, 2010, p.225).

Tenho muita sorte e sou muito abençoada por tudo de maravilhoso que tenho. A vida é curta demais para pensar em tudo o que você não tem. Eu tinha minhas filhas para me dar forças, meus gatos para me aquecer à noite e, bem lá no fundo, a vaga esperança de ver minha mãe de novo. Mesmo se você tiver apenas uma coisa ou pessoa para sentir gratidão, já é o bastante. Sim, eu realmente me considero uma pessoa de sorte. Eu poderia não ter passado pelo meu martírio sem acreditar que algum dia a minha vida faria sentido. A aventura da vida é importante. É importante viver cada dia ao máximo, não importa o que a vida lhe traga. (Dugard, 2010, pp.11-12).

⁴⁵ “Il y a mille et une façons de continuer à vivre quand le climat est d’horreur.” (Roisin, 2010, p.160).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o momento de tecer algumas considerações finais sobre esta pesquisa, gostaríamos de retomar brevemente nossas hipóteses de trabalho e os desdobramentos daí oriundos. Gostaríamos também de propor alguns questionamentos que surgiram ao longo do trabalho, referentes ao embasamento teórico aqui utilizado – Teoria da Sedução Generalizada (TSG) – e ao tipo de situação potencialmente traumática aqui estudada, isto é, a privação de liberdade, a coerção e as diversas categorias de abuso existentes.

Inicialmente propusemos a condição de cativo como possível reedição da Situação Antropológica Fundamental (SAF), isto é, o trauma atual como atualizador do trauma originário. Esta comparação, por um lado, pode ser um tanto óbvia, visto que é passível de ser aplicada a diversos outros eventos nos quais existe desigualdade de poder e/ou excesso; todavia, para nós, mesmo que ingênua, serviu como ponto de partida para traçarmos um caminho de investigação a ser percorrido. Se a adaptação das vítimas pôde ser tomada como, de início, na noção de apego, no plano autoconservativo da criança com o adulto, vemos que rápida e inevitavelmente foi contaminada pelo sexual – fato este que já nos mostra que não se trata de mera reedição da SAF.

Acreditamos que o capítulo das Considerações Finais é o momento oportuno para questionar a TSG sobre esta situação universal. Até que momento podemos dizer que adulto e criança se encontram na SAF? O que a caracteriza, efetivamente? A passividade? A assimetria? A temporalidade? Temos a impressão que a passividade integral do *infans* é o que a caracteriza, isto é, quando, neste encontro, existe um sujeito psíquico (o adulto) e uma cria que está para se tornar humana, porém ainda sem cisão. Supomos que quando a criança começa a traduzir as mensagens iniciais, ainda que de modo precário e ainda que a situação continue assimétrica, devido à dependência pela autoconservação, já se tem um início de psiquismo, o qual será constituído. Isto não nos parece ser algo pontual – e por isso mesmo difícil de definir – mas um movimento progressivo, acelerado pela provocação da mensagem, que começa a demandar tradução. Neste momento o *infans* é convocado a dar conta, de alguma forma, do excesso recebido e inaugura um movimento inicial de atividade.

Talvez seja interessante refletir sobre isso; a SAF sendo caracterizada pelo encontro de dois elementos, mas onde apenas um possui psiquismo, aliás, cindido. A partir do momento em

que outro sujeito psíquico começa a se constituir, se mostrando ativo e traduzindo, a seu modo, as mensagens a ele enviadas e, além disso, também enviando mensagens enigmáticas ao outro, mesmo que certa assimetria ainda se mantenha, talvez esta seja a ocasião de saída da SAF. Vale dizer que a assimetria que consideramos aí diz respeito ao fato de a dependência quanto autoconservação, por exemplo, ainda se manter.

Além disso, a partir de quais elementos psíquicos o bebê traduz, visto que não os tem ainda, e visto que também não possui ainda um ego constituído? Podemos pensar, talvez, que estas traduções iniciais e precárias sejam possíveis por meio do auxílio do adulto, como assistente de tradução e impulsionador da tradução, incitando a atividade por parte da criança.

Nossa segunda hipótese consistiu em investigar o que confere o caráter de intromissão à mensagem emitida/recebida e se esta está fadada a permanecer *ad eternum* como um corpo estranho interno e não metabolizável. Há tradução possível da mensagem por intromissão? Por meio de uma leitura atenta aos textos laplancheanos referentes ao assunto, observamos que, a princípio não nos parece correta a imediata diferenciação e até a nomenclatura de “mensagem por intromissão” e “mensagem por implantação.” É de nosso conhecimento a diferenciação que Laplanche (1992a) propõe em *Intromissão, Implantação*, de que o processo de intromissão seria a variante violenta da implantação. Todavia, o autor não discorre muito sobre estas duas classes de mensagem ao longo de sua obra, deixando-a em aberto para novas pesquisas. Em textos posteriores, o próprio Laplanche, em entrevista à Luchetti (2009) ressalta que a possibilidade de tradução ou não da mensagem só advém no *après-coup*. Nossa idéia, então, é de que não convém relacionar diretamente um evento violento com a mensagem por intromissão, e nem a diferenciação entre o trânsito da mensagem, se se trata de “mensagem *por* implantação” ou “mensagem *por* intromissão.” Toda mensagem recebida seria, portanto, implantada, colocada sob a derme, não havendo possibilidade de recusa de seu recebimento/implantação, por mais violento e agressivo que seja o contexto no qual isto ocorre. A categorização da mensagem vem depois, se houve fracasso parcial ou radical da tradução, isto é, o caráter metabolizável ou paralisante desta se manifesta após a implantação, quando começa a demandar tradução.

Nos casos aqui discutidos, consideramos que a mensagem, inicialmente sob domínio do inconsciente encravado, ocasionou sintomas de neurose traumática, já havendo, portanto, tentativa de tradução, todavia precária e sintomática. E aí surge mais uma dúvida: havendo tradução que origina um possível quadro patológico de neurose traumática, a mensagem é

considerada intrometida? Ou a mensagem por intromissão gera um quadro de paralisia, de aniquilação psíquica, como sugere Roisin (2010), quando de uma situação extrema? O que diferencia a neurose traumática, na qual reina a compulsão à repetição, na tentativa de domínio da experiência, da aniquilação psíquica?

Por meio desta pesquisa, notamos que a enigmatização das mensagens recebidas ocorreu logo após seu recebimento pelas vítimas; já de início uma série de questionamentos surgiu, tanto em Natascha quanto em Jaycee. Um dos fatores que foi propiciador disto foi o fato de não saberem o motivo de terem sido “escolhidas” por aqueles homens, o que fez com que construíssem justificativas para tal, no sentido de encontrar algum sentido para aquilo que, até então, não tinha sentido algum. Quando se tem conhecimento sobre a motivação de um seqüestrador manter tal vítima prisioneira, talvez a mensagem seja mais clara, direta neste sentido. O rapto de Natascha Kampusch e de Jaycee Dugard não se justifica pela extorsão, pelo pedido de resgate, pela recompensa, pela fama, ou por alguma punição política, por exemplo, como aconteceu com a jovem milionária Patrícia Hearst, com a candidata à Presidência da Colômbia na ocasião, Ingrid Bettancourt, e com a filha rebelde de Joseph Fritzl, Elizabeth Fritzl, que “sabiam claramente” o motivo de serem elas, e não outro, a estarem ali naquela situação. Nestes casos, apesar de o trabalho de enigmatização e tradução se darem por outras vias, isto não diminui o excesso da situação.

Com o enigma, surgiram as primeiras tentativas de traduções; por meio de um novo movimento tradutivo, posteriormente ocorreu uma des e uma retradução destas mensagens, agora mais elaborada, culminando com a criação de uma neurose de transferência. Por fim, considerando o incessante movimento de destruição, tradução e retradução das mensagens, mais uma vez a metabolização destas fez com que a psicose cedesse; no caso de Natascha, cedeu quando em cativeiro, o que originou sua fuga, e em Jaycee cedeu apenas em liberdade, após ter sua identidade reconhecida pelas autoridades policiais.

Por fim, nossa conclusão principal foi que o erótico pode atuar como possível elaborador do trauma e propiciar o desenvolvimento da neurose de transferência, com a libido como fator neutralizador. Entretanto, mais uma vez lembramos que isto também não deixa de ser um sintoma que, por vezes, pode se estender além do que deveria, como a dependência observada em alguns

pacientes quanto a seus analistas, por exemplo.⁴⁶ Todavia, apesar de a erotização da relação vítima – agressor ter permitido a passagem de um estado não neurótico (inconsciente encravado) para um estado neurótico (inconsciente sexual), é uma tradução mais elaborada.

Além disso, nos interessou grandemente nestes abusos sofridos pelas vítimas estudadas, o histórico infantil das mesmas, e aqui “podemos pensar que a situação traumática, justamente por este sentimento máximo de desamparo, pode fazer o sujeito responder também a partir de situações traumáticas mais antigas, talvez mesmo originárias, diríamos.” (Mello Neto, 2012a, s/p). Rapidamente, gostaríamos de trazer à tona um debate que não é novo em Psicanálise, mas que tem importância para nós. O trauma pode ser analisado exclusivamente do ponto de vista econômico? Ora, por mais bárbaro que este tenha sido, é preciso levar em conta também a influência da história individual do sujeito, não sendo possível, portanto, universalizar a resposta das vítimas frente a uma situação potencialmente traumática. Como afirma Laplanche (1992b, p.242), “a teoria analítica (...) deve nos mostrar como, em quais condições, com quais resultados, com quais falhas e à qual preço, o sujeito ‘teoriza’, metaboliza os enigmas que a comunicação inter humana lhe propõe.” Isto é, cada sujeito metaboliza a mensagem recebida à sua maneira.

Casos como o de Natascha Kampusch, de Jaycee Lee Dugard e de outras pessoas que passam por situações traumáticas interrogam a psicanálise sobre como lidar com aquilo que vem de fora, a partir do susto, da não preparação e da efração; nos mostram que toda realidade material inevitavelmente influencia a realidade psíquica, cabendo ao sujeito criar sua saída frente à um possível trauma desorganizador. Em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, Freud (1926, p.129) expõe sua idéia de que seria “(...) altamente improvável que uma neurose chegasse à existência apenas por causa da presença objetiva do perigo, sem qualquer participação dos níveis mais profundos do aparelho mental.”

A problematização da manutenção de alguém em cárcere privado, exposta aos mais variados tipos de abuso infelizmente vão muito além da história de Jaycee, de Natascha, Patrícia Hearst e Elizabeth Fritzl. Estes casos serviram como ponto de partida para pensarmos em alguns desdobramentos, como a violência doméstica sofrida por milhões de mulheres, por parte de seus companheiros, por vezes durante a vida inteira. Apesar de o número de denúncias ter aumentado

⁴⁶ Poderíamos ter feito esta análise por vários outros caminhos, como o da compulsão à repetição, o do grau de masoquismo presente nestas vítimas, o de identificação ao agressor, dentre outros. Devido ao tempo disponível para realização desta pesquisa, não foi possível integrá-los aqui, neste momento, o que não impede de serem usados numa futura pesquisa, nesta temática.

nos últimos anos, é desnecessário dizer que existem muitos casos velados, que nunca serão denunciados e que talvez tenham até se naturalizado dentro daquele contexto familiar; como se a violência ali recorrente já fizesse parte daquela relação, e seus membros não a vêem mais como algo passível à denúncia; é como se a defesa houvesse se cristalizado, e a vítima permaneça num estado de enamoramento até que algo a impulse a uma melhor tradução.

Além disso, para nós, a psicose, com nuances do vínculo positivo entre agressor e vítima é o que explica, do ponto de vista da psicanálise, o que a Psiquiatria tem denominado de “Síndrome de Estocolmo”, a qual, enquanto nossa representante da neurose de transferência, evita o desenvolvimento do Transtorno de Stress Pós Traumático. Isto, aliás, é sugerido por Favaro *et al.* citado em Namnyak *et al.* (2007) ao afirmar que a Síndrome de Estocolmo é um indicador da severidade da experiência, ligado ao isolamento e à desumanização e sem correlação com o desenvolvimento de TSPT. Aceitamos, pois o diagnóstico psiquiátrico de “Síndrome de Estocolmo”; todavia, para a psicanálise, não se trata de um quadro nosológico, mas de um recurso de sobrevivência, uma reação de defesa conhecida há tempos, em que se entrelaçam: transferência, análise, infância, apoio, apego, hipnose, SAF, identificação, dentre outros. Isto porque, como dissemos, o vínculo entre refém e seqüestrador é regra, e não exceção (Hermann, 1997), ainda mais se levarmos em conta o psiquismo regredido oriundo de uma situação traumática. (Freud, 1920/1986).

Em casos célebres e grandemente divulgados pela mídia, existe um maciço questionamento quanto ao quê mantinha a vítima afeiçoada ao seu agressor, resistindo a denunciá-lo, como no episódio ocorrido na década de 1970 na Suécia e que originou a nomenclatura da “Síndrome de Estocolmo”.⁴⁷ Questiona-se o motivo de Natascha não ter fugido quando tinha oportunidades para tal, e o motivo de Jaycee não ter enviado um email para sua mãe ou para os policiais, visto que tinha acesso diário à Internet. Isto suscita, por parte das pessoas, a dúvida sobre até que ponto estas pessoas foram realmente vítimas, em seu sentido tradicional, se, objetivamente, tinham oportunidade de retornar à vida anterior ao seqüestro.

⁴⁷ Todavia, este episódio sugere uma outra linha de análise, talvez a de Psicologia das Massas e Análise do Ego, por meio do poder que um ideal ou um indivíduo exerce sobre os outros, visto que, diferentemente dos casos aqui tratados, um grupo de pessoas foi mantida sob custódia dos seqüestradores, por um tempo relativamente curto, seis dias. A sedução por meio de um ideal parece que foi o que atraiu Patrícia Hearst aos ESL também, além dos abusos a que fora submetida.

No julgamento de Patrícia Hearst, por exemplo, seus advogados pleiteavam que, quando da ocorrência de seus crimes junto ao ESL – movimento de seus seqüestradores, ao qual ela aderiu –, a jovem se encontrava num estado de confusão mental e por isso não poderia ser julgada como conivente e nem como criminosa, mas como temporariamente incapaz, até mesmo para depor sua experiência. E então, conivência ou patologia? Não se pode desconsiderar o processo móvel e infundável que é o de recalamento e tradução; com aquilo que hoje se encontra desligado amanhã adquirir representação, e assim sucessivamente.

Ainda, quanto ao abuso sexual infantil, quantas meninas não crescem sendo abusadas pelo próprio genitor ou alguma outra figura de apego, demorando a ter conhecimento da dimensão daquela agressão e, quando a adquirem e conseguem romper a barreira do silêncio têm sua fala desacreditada pela mãe.” Ferenczi (1933/1992) já comentava sobre essa falta de credibilidade do testemunho da criança, o que gera nela um desamparo enorme, visto que as figuras que deveriam oferecer proteção, não oferecem, isto é, não a protegem, duplamente – tanto o pai abusador quanto a mãe que não acredita em suas palavras. Potencialmente devastadora é também a impossibilidade de fuga, não apenas emocional, mas física, como o ocorrido com a austríaca Elizabeth Fritzl, sem ter sido encontrada pelas autoridades, e tendo seu pai como abusador. Este mesmo desamparo, aliás, foi sentido por Jaycee e Natascha quanto às autoridades policiais durante os vários anos em que permaneceram cativas e não foram encontradas.

Ainda, nota-se a constância da culpa, tanto por parte da criança abusada quanto da mulher violentada, visto que uma revelação deste tipo rompe o “equilíbrio” familiar em que estavam vivendo, como se tivessem adaptadas àquilo por muito tempo, visto que o afeto e a identificação muitas vezes preservam a vítima da realidade perigosa e violenta e, de repente resolvem falar; de repente a mensagem demanda uma tradução mais elaborada do que a mera adaptação e a vítima decide fazer alguma coisa.

Aliás, voltamos a dizer que este tipo de crime que acomete o sujeito pode ser interpretado por diversas vias. Apontamos em particular a necessidade de uma investigação maior no que tange à questão edípica, tomar estes acontecimentos pelo grau de masoquismo existente nestas vítimas, bem como levar em consideração a idéia ferencziana de identificação ao agressor não deixa de ser interessante, mas devido ao tempo desta pesquisa, tivemos que optar por um caminho, que foi o da transferência desenvolvida entre vítima e algoz, focando nossa atenção no erótico como possível elaborador do trauma. Destarte, aceitamos o diagnóstico psiquiátrico de

“Síndrome de Estocolmo”; todavia, para a psicanálise, trata-se de uma reação de defesa conhecida há tempos, em que se entrelaçam: transferência, análise, infância, apoio, apego, hipnose, SAF, identificação, dentre outros.

Podemos pensar aqui, que a pulsão testemunhal surgida entre os sobreviventes, de que Levi já falava, sirva para, por meio da narrativa, construa para si um mundo menos estranho a si, nos remetendo ao desejo de renascer, de retorno ao mundo. Quanto a isso, aliás, é interessante que, o fato de trabalharmos aqui com relatos de uma experiência também inclui uma comunicação composta por mensagens enigmáticas perpassando a relação leitor-autor. Inevitavelmente – e inconscientemente – alguns aspectos da história de Natascha e Jaycee foram priorizados, e outros passaram despercebidos, o que não impede que, num momento posterior de retomada do estudo destes casos, outros elementos apareçam e enriqueçam a análise. Ainda sobre este assunto, é importante retomar brevemente a literatura de testemunho e seus limites enquanto recurso tradutivo. Sabemos que a narrativa é um modo de historicização e temporalização; como bem aponta M’Uzan (1978), aquele que escreve é impelido pela dificuldade na elaboração, buscando, portanto, uma forma de lidar com a situação traumática. Todavia, o sujeito não consegue utilizar tal recurso de forma bem sucedida na elaboração de seus conflitos e tensões (M’Uzan, 1978), isto porque, conforme comentado, segundo Selligman-Silva (2008), a simbolização nunca é integral, sempre ficará um resto não metabolizado da experiência.

Diferentemente de muitas outras histórias, cujos finais são marcados pela morte, o destas vítimas aparentemente teve um final feliz, pois reinou a preservação da vida. Mas, apesar de vivas, o que fica do trauma? Não é possível saber, por ora, como estão sendo as novas traduções, frente às novas mensagens e as retraduições das antigas mensagens. Ainda, não termos notado o desenvolvimento de uma neurose traumática clássica, considerada por muitos a legítima marca de um trauma, não quer dizer que a neurose de transferência por ora construída impede estas mulheres do sofrimento, e de resquícios do trauma. Com certeza não passaram inertes frente a tudo ocorrido. Segundo Selligman-Silva (2008), a simbolização nunca é integral; para o sobrevivente sempre restará este estranhamento do mundo advindo do fato de ele ter morado como que ‘do outro lado’ do campo simbólico.” (p.69).

A ideia acima, aliás, nos remete aos limites da escrita como recurso tradutivo. Nota-se que a leitura e a escrita foram uteis às vítimas já em cativeiro, e após ele, todavia, apesar de considerar a importância destas atividades como possíveis retradutoras do traumático, não podemos deixar

de citar brevemente os seus limites, visto que, conforme Selligman-Silva (2008) e acima apontado, a simbolização nunca é integral, por qual via que seja, sempre deixará um resto.

Para finalizar, com a certeza de nunca esgotar o tema se considerada a complexidade do psiquismo humano, “na era do abandono e da insensibilidade em que vivemos, persistir em uma leitura estrutural para o trauma, referente ao assujeitamento do psiquismo às forças sempre excessivas da pulsão, desprivilegiando o papel do ambiente e mesmo do contexto sociocultural no qual a questão do trauma é problematizada, é arriscar tornada a psicanálise efetivamente absoluta.” (Kupermann, 2008, p.158 citado em Mendes e França, 2012, p.129). Isto é, o trauma não pode ser caracterizado unicamente pelo acontecimento; há de se levar em conta o caráter ativo do sujeito frente a isso, qual seja a situação.

8. REFERÊNCIAS

Adler, N. (2010). Enduring repression: Narratives of loyalty to the party before, during and after the Gulag. *Europe-Asia Studies*, 62(2), 211-234.

Belo, F. (2004). Os efeitos da violência na constituição do sujeito psíquico. *Psychè*, 8(14), 77-94.

Belo, F. & Reigado, M.R. (2010). A tarefa de tradução do sexual na adolescência: Alegorias presentes em O apanhador no campo de centeio. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. 5(1), São João del-Rei, 65-71.

Betancourt, I. (2010) *Não há silêncio que não termine*: meus anos de cativo na selva colombiana. São Paulo: Companhia das Letras.

Birman, J. (1996). Freud e FÉRENCZI: Confrontos, Continuidades e Impasses. Em: Katz, C. S. (Org.), *FÉRENCZI: história, teoria, técnica* (pp.65-90). São Paulo: Editora 34.

Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente*: destinos da pulsão, destinos do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bohleber, W. (2007). Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 154-175.

Cantor, C. & Price, J. (2007). Traumatic entrapment, appeasement and complex post-traumatic stress disorder: evolutionary perspectives of hostage reactions, domestic abuse and the Stockholm Syndrome. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 41(5), 377-384.

Cardoso, M.R. (2011). Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(01), 70-82.

Carlich, J. *et al.* (2009). A pessoa do analista: o novo/velho incômodo. Reflexões a partir da “Teoria da Sedução Generalizada”, de Jean Laplanche. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(02), 61-67.

Cesarotto, O. (1996). *No olho do outro*. São Paulo: Iluminuras.

Cintra, E. M. (2003). As funções antitraumáticas do objeto primário: Holding, continência e rêverie. *Trauma*. Tempo psicanalítico, 35, 37-55.

Danon, G., Lauru, D. (2009). Entrevista com Jean Laplanche. *Revista Alter*. Recuperada de http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero1/Entrevista_con_JeanLaplanche.htm.

Doin, C. (2005). *O ego busca seu trauma: paradoxos da traumatofilia*. Palestra no 44º Congresso Internacional de Psicanálise, Rio de Janeiro.

Dugard, J.L. (2011). *Uma vida roubada*. Rio de Janeiro: BestSeller.

Endo, P. (2009). Violências, elaborações oníricas e o horizonte testemunhal. *Temas em psicologia*, 17(02), 343-349.

Ewing, C, P. & McCann, J. (2006). *Minds on trial: great cases in law and psychology*. New York: Oxford University Press.

Fabrique, N. *et al.* (2007). Understanding Stockholm Syndrome. *FBI Law Enforcement Bulletin*. Recuperado de <http://www.fbi.gov/stats-services/publications/law-enforcement-bulletin/2007-pdfs/july07leb.pdf>.

Ferenczi, S. (1992). Confusão de línguas entre o adulto e a criança. Em: FERENCZI, S. *Obras completas*. São Paulo, Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933).

Ferenczi, S. (1934). Reflexões sobre o trauma. In: FERENZI, S. *Obras completas*. Psicanálise IV. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

Freud, S. (1905). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago

Freud, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1911). O caso Schreber. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912) A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913). Sobre o início do tratamento. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914). Moisés de Michelangelo. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago.

Freud, S. (1915). Observações sobre o amor transferencial. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1916). Conferências introdutórias sobre a Psicanálise. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919). O estranho. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e ansiedade. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1928). Doistoiévski e o parricídio. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1940). Esboço de Psicanálise. In: FREUD, S. (1986). *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago.

Grand Champ, G.V. (2007). Le récit du trauma. *Psychologie Clinique*, (24), 177-185.

Green, A. (1994). *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Hage, A. (2001). *Stendhal: deuil et symbolization*. Paris: PUF.

Hermann, J. (1997). *Trauma y recuperación: Como superar las consecuencias de la violencia*. Madrid: Espasa.

Kampusch, N. (2010). *3096 Dias*. Campinas: Verus.

Laplanche, J. (1989). *A sublimação*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1992a). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier.

Laplanche, J. (1992b). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1999). *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige/PUF.

Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Rev. Psicanálise da SPPA*, 10(03), 403-418.

Laplanche, J. (2007a). Excertos de uma entrevista com Jean Laplanche. *Estudos de psicanálise*, 30, 09-16.

Laplanche, J. (2007b). *Sexuel*. La sexualité elargie au sens freudien. Paris: PUF.

Luchetti, A. (2009). Algunas cuestiones sobre el inconciente ‘enclavado’: sus contenidos, su organización, sus posibles cambios. *Revista Alter*. Recuperada de: <http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero4/sobre%20el%20inconsciente%20enclavado.htm>.

Maldonado, G. & Cardoso, M.R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis. *Psicologia Clínica*, 21(01), 45-57.

Martens, F. (2012). Para uma validación sócio-clínica de la teoria de la seducción generalizada. Recuperada de <http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero3/validacion.htm>.

Mello Neto, G.A. (2012a). Neurose de transferência: um relato autobiográfico do holocausto judeu. *No prelo*.

- Mello Neto, G.A. (2012b). Psicanálise; a clínica e o projeto transferencial. *Psicologia em Estudo*, 17(3), s/p.
- Mello Neto, G.A. & Martinez, V.C. (2012). Projeto de pesquisa “Trauma e teoria da sedução generalizada.
- Mendes, A.P. & França, C.P. (2012). Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. *Psicologia em Estudo*, 17(01), 121-130.
- Nannnyak *et. al.* (2008). ‘Stockholm syndrom’: psychiatric diagnosis or urban myth? *Acta psychiatrica Scandinavica*, 117(01), 04-11.
- Nguyen, L. (2011). The ethics of trauma: re-traumatization in society’s approach to the traumatized subject. *International Journal of Group Therapy*, 61 (1), 27-47.
- Ramos, G.A. (2008). *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Richmann, S. (2006). Finding one's voice: transforming trauma into autobiographical narrative. *Contemporary Psychoanalysis*, 42, 639-650.
- Roisin, J. (2010). *De la survivance à la vie*. Essai sur le traumatisme psychique et sa guérison. Paris: PUF.
- Roudinesco, E. (2008). A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos.
- Selligmann-Silva, M. (2003). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp.
- Selligman-Silva, M. (2008). Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, 20(01), 65-82.

Terrazas, J. (1988). Consecuencias teórico-clínicas de la teoría de la seducción originaria. *Aperturas Psicoanalíticas*, (03),01-18.

Terrazas, J. (2009). *El descentramiento originário y la alteridad radical del inconsciente: origen y constitución del aparato psíquico*. Palestra apresentada na Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (1988). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.